

João Eloir Carvalho

**A educação para a
consciência da corporeidade,
a partir do projeto
pedagógico do curso de
Educação Física da PUC PR.**

**Curitiba
2000**

João Eloir Carvalho

A educação para a consciência da corporeidade,
a partir do projeto pedagógico do curso de
Educação Física da PUC PR.

Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa: Teoria e Prática Pedagógica na Educação Superior, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Dra. Maria de Lourdes Gisi.

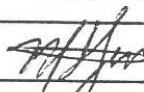
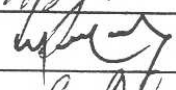
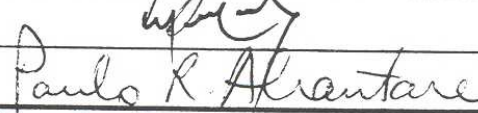
Curitiba
2000



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º 210

Aos vinte e seis dias do mês de outubro de dois mil, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação **"A EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA DA CORPOREIDADE, A PARTIR DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUCPR"**, apresentada por **João Eloir Carvalho**, ano de ingresso 1996, para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. ^a Dr. ^a Maria Lourdes Gisi	
Prof. Dr. Wagner de Campos	
Prof. Dr. Paulo Roberto Alcantara	

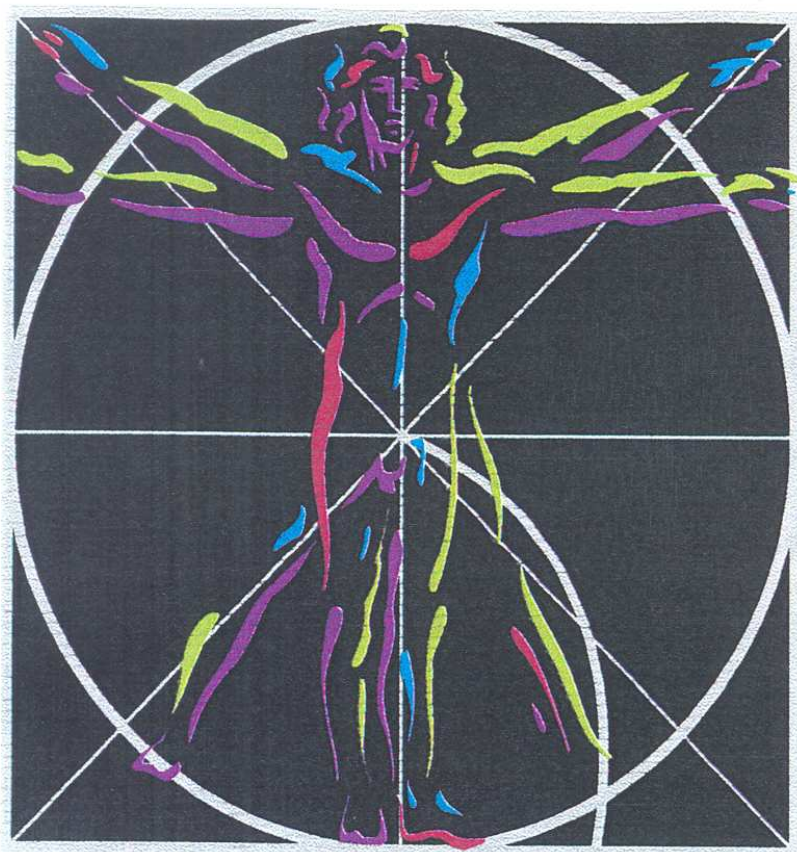
De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. ^a Dr. ^a Maria Lourdes Gisi	Conceito <u>A</u>
Prof. Dr. Wagner de Campos	Conceito <u>A</u>
Prof. Dr. Paulo Roberto Alcantara	Conceito <u>A</u>
	Conceito Final <u>A</u>

Observações da Banca Examinadora:

Considerando a relevância do tema a Banca
sugere a divulgação do trabalho e a
continuidade do estudo


Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Sabbag Zainko
Diretora da Área de Educação
Coordenadora do Curso de
Mestrado em Educação



CORPOREIDADE

*“ O homem é movimento, o movimento
que se torna gesto. O gesto que fala, que
instaura a presença expressiva,
comunicativa e criadora”.*
(SANTIM, 1987)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus e a meus pais, pela vida que me ofertaram. À minha “mãe” pelo zelo, pelas preocupações, pelo carinho e pelo eterno amor.

De forma muito especial à professora Doutora Maria Lourdes Gisi, por ter compartilhado o seu conhecimento e o seu tempo, ter me oferecido o incentivo, a vibração e a alegria desta conquista; obrigado por ter caminhado ao meu lado.

À professora Doutora Lilian Anna Wachowicz, pelo despertar e pelos primeiros passos.

Aos professores Doutores Paulo Roberto de C. Alcântara e Wagner Campos pelos ensinamentos e pela troca de experiências que muito enriqueceram este trabalho.

À professora Mestre Vilma Sueli Yentsch, pelos bons conselhos e ajuda no decorrer do trabalho.

Aos professores do curso de Educação Física, de forma particular, ao Adel, Betinha, Claudio, Simone, Pedrinho, Cândido, José Carlos e Edson, pelas importantes contribuições.

Aos alunos do 2º período (ano 2000) do curso de Educação Física da PUCPR, pela participação e por suas ricas contribuições e ainda àqueles que sempre se importaram, dando seu incentivo.

Aos professores e funcionários do Mestrado em Educação da PUCPR, pelo crescimento, atendimento e amizade.

À PUCPR, por esta oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

À toda minha família e meus verdadeiros amigos que souberam compreender em alguns momentos, tolerar outros e dar força sempre, em especial à você Wagner.

E ainda a meus colegas de turma(s) do Mestrado em Educação, pela troca de experiências e pela convivência.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 O PROBLEMA	9
1.2 PRESSUPOSTOS	10
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Objetivo Geral	11
1.3.2 Objetivos Específicos	11

CAPÍTULO II

2. PERCURSO METODOLÓGICO	12
2.1 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	14
2.2 INSTRUMENTOS PARA COLETA DOS DADOS	15
2.3 ANÁLISE DOS DADOS	17

CAPÍTULO III

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 O CORPO E SUAS LINGUAGENS – O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA	18

3.2 A SOCIOLOGIA DO CORPO	36
3.3 A CULTURA DO CORPO, SEUS SIGNOS E MARCAS	39
3.4 CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS PARA A CONSCIÊNCIA CORPORAL	47
3.5 O VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO INICIAL DA CRIANÇA	69
3.6 A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	80
3.7 O CURRÍCULO E A UNIVERSIDADE MODERNA	91

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE MUDANÇAS CURRICULARES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	96
4.1 PROPOSTAS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	99
4.2 PROJETO PEDAGÓGICO – NOVOS CAMINHOS PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUCPR	107
4.3 CONCEPÇÃO DO PROFISSIONAL - PERFIL PARA O FUTURO	113
4.4 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR PARA O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUC PR.	114

CAPÍTULO V

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	116
5.1 ANÁLISE DAS CATEGORIAS	119
5.1.1 Dados dos Professores	119
5.1.2 Dados da Comissão de Sistematização	139
5.1.3 Dados dos Alunos	144

CAPÍTULO VI

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	150..
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
ANEXOS	164

LISTA DE QUADROS

- QUADRO I - Categorias de conceitos da corporeidade, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUCPR ... 145
- QUADRO II - Programas de Aprendizagem que contemplam a questão da corporeidade, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUCPR 147
- QUADRO III - Sugestões sobre como trabalhar a corporeidade no currículo atual, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUC PR 148

RESUMO

O presente estudo buscou investigar se o projeto pedagógico do curso de Educação Física da PUCPR, contempla a corporeidade e suas principais concepções, como um pressuposto filosófico norteador no processo de formação dos profissionais graduados nesta área de estudo. Tal preocupação baseia-se significativamente na possibilidade deste pressuposto contribuir para a superação de outras concepções que dicotomizam o homem, não compreendendo-o como um ser holístico, constituído de uma totalidade indivisível, onde corpo, mente e espírito estão intimamente relacionados, tornando-se desta forma interdependentes. Nesta perspectiva, buscou-se com o trabalho, captar os significados atribuídos à corporeidade e sobre a sua importância no processo de formação do profissional exigido pelo mercado de trabalho e pela sociedade no seu todo, mediante pesquisa qualitativa. Os dados obtidos através das entrevistas com os docentes que atuam no curso, bem como com a Comissão de Sistematização do projeto pedagógico e ainda através da aplicação dos questionários junto aos alunos participantes do projeto pedagógico que já está em ação, revelaram que a concepção dos conceitos de corporeidade é considerado fundamental no processo de formação do profissional de Educação Física. Ficou evidenciado ainda, que se faz necessário criar espaços para estudos e discussões entre professores, administradores e alunos, para o aprofundamento dos fundamentos teóricos e práticos da corporeidade e desta forma verificar como estes podem ser incorporados, com relevância, em cada programa de aprendizagem do projeto pedagógico do curso. Considerando que a corporeidade começa a ser analisada como um elemento essencial na educação, para o desenvolvimento do homem, renascem as esperanças, de que através das mudanças pedagógicas já verificadas no contexto atual, possa-se superar definitivamente a dicotomia entre corpo e mente, entre teoria e prática.

Palavras-chave: Educação Física; Corporeidade; Educação e Projeto Pedagógico.

ABSTRACT

The present research investigated if the pedagogical project at the Physical Education course of PUC-PR, contemplates the corporeity and its main conceptions, with a philosophical presupposed guider in the formation process of professionals graduated in this study area. Such preoccupation is mainly based in the possibility of this presupposed to contribute to overcoming other conceptions, which dichotomise man, not understanding him as an holistic being, constituted by an indivisible totality, where body, mind and spirit are intimately related, then becoming interdependent. In this perspective, this work aimed to capture the meanings attributed to the corporeity and about its importance in the graduation process of a professional requested by the job market and society as one, through qualitative research. All the data taken from the interviews with the course professors, as well as from the Commission of Pedagogical Project Systematisation and also through the enquiries made to the students that are joining the pedagogical project already in action, revealed that the conception of corporeity concepts is considered fundamental in the formation process of a physical education professional. It was also evidenced that is necessary to create spaces for study and discussions between professors, administrators and students, to go deeper into the theoretical and practical concepts of corporeity and in this manner verify how can they be incorporated, with relevance, in each learning program at the pedagogical project of the course. Considering that the corporeity begins to be analysed as an essential element in the education, for the man development, hope is reborn that through this pedagogical changes found in the current context will be possible to overcome the dichotomy between body and mind, between theory and practice.

Key-words: Phisycal Education; Corporeity; Education and Pedagogical Project.

“ No dia em que se for capaz de pensar e viver a realidade humana como um todo unitário, não apenas como uma soma de partes, mas como um todo orgânico, onde a parte não se compreende e não sobrevive a não ser no todo e só nele identificando-se, neste dia não se falará mais, provavelmente, em Educação Física, intelectual, moral, artística, etc... mas em educação humana.

Na verdade todas elas e cada uma delas só tem sentido quando vivem e pensam o homem todo pois ele é sempre totalidade indivisível, mesmo quando se imagina dividido Um todo que não é uma essência dada, mas uma existência, uma realidade do fazendo.

Daí a importância de todas as atividades educativas, isto é, de todos os esforços autoconstrutivos dentro dos processos de uma educação global e permanente.

O organismo é sempre um todo. O organismo humano acrescido e vivificado pelo psiquismo, tem maior exigência de unidade. Toda a posição humana e todo movimento humano sempre serão globalizantes.

Talvez o cansaço, ou melhor o tédio do aluno e porque não, do professor de Educação Física, surja da situação e da compreensão da educação Física como movimento, como mecânica e não como linguagem gestual ou expressão criativa. Assim a Educação Física desemboca automaticamente no esporte, na competição ou numa técnica de manter a saúde ou de provocar o emagrecimento.

Em vista do benefício que produz, submete o homem penosamente aos exercícios físicos. E, já que se vive numa época de embalagens e rótulos, de discursos retóricos e românticos, inventam-se rótulos, produzem-se embalagens para que a mercadoria tenha receptividade, isto é, encontre consumidores.

A Educação Física terá maior identidade e maior autonomia quando se aproximar mais do homem e menos das antropologias; quando deixar de ser instrumento ou função para ser arte; quando se afastar da técnica e da mecânica e se desenvolver criativamente. A Educação Física deve ser gesto criador”.

(SANTIM, Silvino , 1987: p. 27-28)

1. INTRODUÇÃO

Com este tema, tenho a oportunidade de expressar minhas experiências profissionais e pessoais, com a vontade de contribuir com as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem do curso de Educação Física e desta forma construir uma nova visão para a prática pedagógica na formação profissional dos alunos graduados nesta área.

A pesquisa tem a intenção de motivar e instigar uma reflexão mais profunda a respeito dos conceitos de corporeidade, para a superação da dicotomia existente entre corpo e mente, tanto para os profissionais que irão atuar no mercado de trabalho, como para a própria sociedade em seu contexto geral, visto que o corpo é atualmente entendido como um produto de consumo.

A literatura existente traduz de forma clara e inquestionável a preocupação da relação existente entre os conceitos da corporeidade e as ações da educação Física nos meios educacionais, bem como a urgência das mudanças dos projetos pedagógicos para a formação profissional nas Instituições de Ensino Superior, como acentua SANTIM (1987) e MEDINA (1986).

O presente trabalho pretende aprofundar os estudos sobre os conceitos de corporeidade e investigar de que forma a corporeidade está sendo contemplada no projeto pedagógico do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). O curso de Educação Física, como os demais cursos de graduação da PUCPR, após realização de um diagnóstico e tomando como

referência as diretrizes para a formação do profissional que se requer na atualidade, construiu o seu projeto pedagógico.

Chegar ao entendimento comum sobre qual concepção de curso, não é uma tarefa fácil, mesmo quando resulta de uma construção coletiva. E mesmo quando há um relativo consenso sobre qual concepção deve nortear o processo pedagógico, esta nem sempre contempla os aspectos essenciais para a formação profissional.

Tendo como premissa que o curso de Educação Física deverá contemplar a corporeidade como pressuposto filosófico norteador no processo de formação profissional é que surgiu o interesse em realizar esta investigação.

Dentro da prática pedagógica, percebemos claramente as dificuldades e limitações que qualquer indivíduo possui, por não relacionar-se bem com o seu corpo. Conhecer o próprio corpo é o ponto de partida, para uma oportuna reflexão a respeito da relação existente entre a educação e a corporeidade.

Se refletirmos profundamente sobre o que entendemos nas relações que realizamos com o nosso próprio corpo, saberíamos identificar com alguma precisão, a capacidade respiratória ou as habilidades fundamentais que somos capazes de desenvolver ou melhorar?

Tal dificuldade faz com que no processo de ensino e aprendizagem sejam considerados apenas os aspectos intelectuais, dicotomizando o homem e não o entendendo como um ser “holístico”, no qual corpo, mente e espírito estão intimamente relacionados e interdependentes..

A idéia do “holismo” não é nova, ela é subjacente à várias concepções filosóficas do pensamento humano. O termo designa uma força vital responsável pela formação de conjuntos ou de “gestalts” como se diria hoje.

SMUTS apud BRITO (1996, p. 116) caracteriza o holismo dizendo... “a integralidade é uma característica fundamental do universo – o produto do impulso de síntese da natureza. O holismo é autocriativo, e suas estruturas finais são mais holísticas do que suas estruturas iniciais. Essas integralidades – na verdade, essas uniões são dinâmicas, evolucionárias, criativas. Progridem no sentido de complexibilidade e de integração cada vez mais altas”.

O termo holística¹ vem do grego holos, que significa “todo”, inteiro; portanto holística é um termo que se refere ao conjunto, ao todo do mundo e seus seres.

O conceito de holismo é algo bastante peculiar no estudo da corporeidade, pois existem determinados padrões referenciais da nossa cultura que ainda fragmentam as ações do homem. Refletindo sobre a questão é oportuno verificar o conceito abaixo:

“Na concepção holística, não só as partes de cada sistema se encontram no todo, mas os princípios e leis que regem o todo se encontram em cada uma das partes e todos os fenômenos ou eventos se interligam e se interpenetram de forma global: tudo é interdependente. O todo é concebido como uma realidade não somativa, ou seja, suas propriedades não derivam das que caracterizam seus componentes. Ao

¹ Para uma distinção mais clara dos vários substantivos de que o termo holística é utilizado, ver em Weil, “Holística: uma nova visão e abordagem do real”, onde o autor esclarece os significados dos adjetivos qualificativos do termo holística como: a visão ou perspectiva holística, a abordagem holística, o movimento holístico e a experiência holística.

contrário, são elas que determinam as propriedades das partes que o integram.

(BRITO, 1996, p. 117)

Destaca-se com muita preocupação a observância de caracteres preconceituais ou falta de oportunidades maiores para os futuros profissionais da Educação Física, que em muitos momentos não se motivam, nem se libertam para participar com naturalidade de diversas atividades corporais, criando consigo mesmo barreiras e tabus, que certamente irão interferir na sua atuação profissional futura, especialmente quando estes forem formadores de conceitos e padrões motores das crianças na sua fase inicial de aprendizado, seja no aspecto motor, social ou educacional.

Para Santin, (1994), a reflexão sobre corporeidade vai implicar em viajar no tempo, ir ao encontro de grandes temas filosóficos; pois falar do corpo e da corporeidade implica em repensar o projeto antropológico do corpo construído pelos gregos, consagrado pelos teólogos medievais, confirmado pelos filósofos e aceito pelos pensadores contemporâneos.

São muitas as necessidades deste estudo e do aprofundamento das interferências da corporeidade na área educacional.

Há uma consciência de que se encontram no atual sistema educacional alguns aspectos bastante limitados, parecendo que a aprendizagem já possuía pontos delimitados para sua compreensão. No entanto, essas idéias estão sofrendo grandes transformações e uma das maiores inovações é superar o pensamento dualista, que

considerava sempre dois aspectos separados, como o sujeito/objeto, onda/partícula, ou mental/material, e ainda mente/corpo.

Desta forma um grande número de disciplinas, como a Física, também operavam de forma dualista, utilizando apenas as representações simbólicas.

Quando se modifica a maneira de pensar e interpretar o mundo, isso irá resultar em uma necessidade de que também se modifique o modelo corrente da explicação da realidade. Percebe-se então um movimento para as mudanças de valores e atitudes fundamentais do homem e dentro deste quadro se evidencia a questão educacional.

Qual seria então, a pedagogia² necessária para a nossa época ?

Ou que teoria deveríamos utilizar neste momento de mudanças para uma prática educacional mais qualitativa?

Poderíamos questionar a vital importância de estarmos preparados técnica e psicologicamente para atuarmos junto a grupos e pessoas com síndromes permanentes ou temporárias ou ainda de clientes especiais como os portadores de necessidades especiais e a terceira idade.

Minha experiência de trabalho com a recreação hospitalar confirma a necessidade urgente da preparação de profissionais especializados para esta área.

² Pedagogia. É o estudo teórico e prático das questões relativas à Educação, (ROCHA, Ruth, 1996, p.462).

Profissionais que possam trabalhar especificamente com esta clientela, visto que as instituições de recuperação clínica, percebem e valorizam a elevada importância do trabalho corporal para diminuição do tempo de recuperação dos pacientes.

Acentua-se cada vez mais a participação de grupos antes considerados fora dos padrões normais da sociedade, agora integrantes importantes do contexto, como os indivíduos com necessidades especiais e os idosos. As atividades físicas esportivas e recreativas são certamente um grande meio de integração e de valorização destes clientes especiais, mas existem características específicas que necessitam serem entendidas e estudadas com maior profundidade.

A prática de atividades esportivas, recreativas e funcionais para as pessoas das diferentes classes sociais, econômicas ou faixas etárias, a cada dia ganha maior relevância na sociedade.

A correta utilização do tempo livre e suas relações intrínsecas com o trabalho, suas tendências atuais e suas interferências na vida das pessoas e nas relações sociais requerem conhecimento aprofundado quando “a explicação científica do conhecimento chega ao nível da incorporação com a prática, formando conceitos e valores próprios de cada cultura.” (BRUHNS, 1994, p. 96)

O estudo das interferências do tema na formação dos futuros profissionais da Educação Física é uma necessidade urgente, tendo em vista a implantação do projeto pedagógico do curso que busca atender as novas exigências da sociedade.

As mudanças estruturais do curso vêm de encontro às exigências da atual filosofia administrativa da instituição que quer, através da melhoria dos currículos e seus devidos conteúdos, garantir uma maior qualidade nos serviços prestados à comunidade e na formação profissional e na “aprendizagem do aluno”.

Saliento ainda a importância do tema em estudo, devido às experiências vividas durante estes anos de estudo e trabalho.

Estudei em escolas públicas e particulares, tanto na área técnica como na de formação geral e fiz a opção pelo curso de Educação Física para minha formação profissional, certamente pelas vivências corporais que realizei durante meus tempos de esporte escolar e comunitário, quando cheguei a atuar até nas categorias inferiores de clubes de futebol de Curitiba o que me estimulou a buscar referenciais nesta área do conhecimento.

Ao me defrontar com as características pedagógicas do curso de Educação Física passei a perceber a importância da consciência corporal e suas relações com a educação, pois compreendi que qualquer ação física está diretamente relacionada com as percepções cognitivas.

Ao terminar o curso e me graduar na área escolhida já possuía uma tendência para me aprofundar na área da recreação e foi exatamente o que fiz, procurando entender o significado mais profundo do desenvolvimento de atividades corporais livres e significativas, destituídas de preconceitos e técnicas reprodutivas.

Quando passei a fazer parte do grupo de profissionais que atuam com o Curso de Educação Física da PUCPR, percebi que necessitava me aprofundar ainda mais

em aspectos formativos que pudessem dar embasamento teórico e científico à filosofia humanista, através de estudiosos com Merleau Ponty ou Heloísa Bruhns, que no meu entendimento permeia as ações profissionais desta área de estudo e trabalho.

Quando tive a oportunidade de ingressar no Mestrado em Educação da PUC PR no ano de 1996, e com os estudos realizados durante as disciplinas que cursei, me deparei mais uma vez com a questão da consciência corporal e desenvolvi a maioria dos meus trabalhos acadêmicos dentro deste tema.

Com as leituras realizadas e o despertar para uma ação mais concreta nestes questionamentos fui tomando gosto particular por estas descobertas e me deparei com um enorme prazer em desenvolver pesquisas e estudos mais específicos neste contexto.

Como explica ASSMANN (1996), o conhecimento emerge em sua dimensão vitalizadora, quando tem algum tipo de ligação com o prazer.

A experiência profissional e pessoal, foi fundamental para este estudo, já que atuei em diversos níveis de graduação na área da Educação Física, como em escolas públicas de formação de 1ª a 4ª série, em escolas de 5ª a 8ª série e também em escolas particulares, com alunos de 2º grau e ainda com a disciplina de prática desportiva de diferentes cursos do ensino superior, dentro do contexto da Universidade.

Além disto ainda trabalhei em instituições públicas e autônomas como centros de atividades físicas, também conhecidas como academias e na Secretaria

Municipal de Esportes e Lazer da cidade de São José dos Pinhais; acreditando, desta forma, ser acentuada a urgência de mudanças do Curso de Educação Física.

De nada adiantará a simples mudança estrutural ou temporal, se não houver uma profunda análise dos conteúdos voltados à formação integral do homem, a qual preconiza a inter-relação da dimensão intelectual, físico, psicológico e espiritual.

Nesta reflexão acentua-se a necessidade do entendimento da corporeidade em todas as linhas de estudo do projeto pedagógico da licenciatura e seus aprofundamentos em treinamento desportivo, lazer e qualidade de vida.

Torna-se fundamental destacar que as pessoas envolvidas é que farão a diferença, por isso se faz necessário conhecer a compreensão existente sobre corporeidade e se existe a intenção em contemplar esta temática no desenvolvimento de sua prática pedagógica.

1.1 - O PROBLEMA

Esta pesquisa tem a intenção de contribuir para uma ação mais reflexiva e qualitativa na formação profissional dos alunos do curso de Educação Física da PUC PR, contribuindo para um melhor entendimento das questões relativas ao corpo e consequentemente, uma mudança quanto à consciência corporal .

O enfoque da consciência do corpo vai sendo modificado ou transformado, na medida em que a corporeidade for verdadeiramente incorporada na ação do professor.

A pesquisa não pretende observar esta ação na prática, mas será o primeiro passo para análise das intenções dos professores que atuam no projeto pedagógico e cujos programas têm espaço para a aplicação do princípio da corporeidade, a fim de desenvolver uma consciência plena a respeito dos conceitos e concepções do corpo.

As intenções e ações dos professores, voltados à análise concreta e aplicação prática dos princípios da corporeidade, vão subsidiar de forma mais qualitativa o futuro profissional da área em estudo, melhorando a qualidade do curso de graduação em Educação Física.

Diante destas possibilidades, neste processo de descoberta e confirmações o problema da pesquisa apresenta-se da seguinte forma: **Como o projeto pedagógico do curso de Educação Física da PUCPR, pretende favorecer a formação para a consciência³ da corporeidade.⁴**

1.2 – PRESSUPOSTOS

- A formação do professor que atua no projeto pedagógico do curso, poderá favorecer a consciência para a corporeidade.
- Ao contemplar a concepção da corporeidade, o projeto pedagógico do curso favorece a consciência corporal.

³ Consciência é o conhecimento e percepção dos fenômenos afetivos, volitivos e intelectuais dentro de si e os atos realizados conscientes. Para este estudo significa algo primordial e que é em última instância e realidade.

⁴ Corpo, qualquer substância orgânica ou inorgânica, ou ainda pode ser compreendido como massa, espessura e consistência. (ROCHA, Ruth, 1996) Não existe uma definição concreta para a **Corporeidade**, mas SANTIM (1992), considera a dimensão física do corpo, suas dimensões de ordem espiritual, cultural, social, ideológica, política ou econômica.

- A consciência da corporeidade, propicia uma melhor qualidade de vida, às pessoas envolvidas no processo.

1.3 – OBJETIVOS

1.3.1 - Objetivo Geral : Analisar as possibilidades da formação para a consciência da corporeidade, e como ela está sendo desenvolvida no Curso de Educação Física da PUCPR.

1.3.2 – Objetivos Específicos:

- Analisar se a concepção do projeto pedagógico do Curso de Educação Física da PUC PR, contempla uma proposta que propicia a formação da consciência da corporeidade.
- Identificar a percepção dos docentes, quanto ao significado da corporeidade na formação do profissional de Educação Física.
- Contribuir para a melhoria da qualidade do Curso de Educação Física da PUC-PR., por meio do aprofundamento dos estudos da corporeidade.

2 – PERCURSO METODOLÓGICO

Ao tomar como objeto de estudo a corporeidade, uma abordagem fundamental no processo de formação profissional de Educação Física, optou-se pela pesquisa qualitativa.

Tal opção deu-se em razão do interesse em captar os significados atribuídos à corporeidade pelos sujeitos da pesquisa. As metodologias qualitativas possibilitam uma maior aproximação do fenômeno por serem “...capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais como construções humanas significativas.” (MINAYO, 1992, p.10)

No que se refere à **pesquisa qualitativa** é necessário se analisar os procedimentos escolhidos, pois conforme (FAZENDA, 1997) :

- 1. Na pesquisa qualitativa os dados são coletados através da descrição feita pelos sujeitos conforme os critérios, estas podem ser emotivas, mas nunca serão certas ou erradas, pois estes critérios não se aplicam à descrição. A descrição dos dados não se fundamenta em idealizações, imaginações, desejos e nem se realiza na subestrutura dos objetos.*
- 2. Descreve-se e determina-se com precisão rigorosa a essência genérica da percepção ou das espécies subordinadas. Mas a generalidade mais elevada está na experiência em geral, no pensamento em geral, e isto torna possível uma descrição compreensível da natureza da coisa;” neste estudo de forma especial as concepções e experiências relacionadas à corporeidade.*

3. *Na questão metodológica não se pode insistir em procedimentos sistemáticos que possam ser previstos, em passos e sucessões como uma escada em direção à generalização;*” pois o importante é verificar o conhecimento e as metodologias aplicadas no desenvolvimento do tema para a formação do profissional em Educação Física.

4. *Uma teorização dedutiva, ou seja, pré-conceitual, está excluída da análise qualitativa.*

Tais características deixam evidente que para o estudo do tema referente à corporeidade a pesquisa qualitativa é adequada, visto que a trajetória metodológica deve estar totalmente vinculada ao fenômeno em estudo e a análise deve ser a mais específica e real possível para a garantia de um resultado efetivo na qualidade da melhoria do novo projeto pedagógico, quando da sua aplicação.

Devido aos estudos realizados para a concretização desta pesquisa nas diversas disciplinas anteriores do curso de Mestrado em Educação, que proporcionaram embasamento para a realização deste trabalho e ainda com a finalidade da obtenção de resultados sociais mais relevantes, optou-se por esta metodologia.

O trabalho será desenvolvido através da fundamentação teórica referente ao tema da corporeidade e suas relações com a Educação Física no contexto da formação profissional, e ainda, visando a garantia da qualidade do trabalho, mediante pesquisa de campo, junto ao Curso de Educação Física da PUC PR.

Com o intuito de abarcar uma maior amplitude na descrição do fenômeno, a pesquisa de campo irá contemplar:

- Entrevista semi-estruturada individual com docentes responsáveis por programas de aprendizagem do Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física;
- Aplicação de questionário a alunos do Curso de Educação Física que estão participando dos programas de aprendizagem desenvolvidos;
- Entrevista semi-estruturada coletiva com a Comissão de Sistematização responsável pela elaboração do Projeto Pedagógico do curso de Educação Física da PUC PR.

Será realizado ainda uma análise do Projeto Pedagógico, a fim de verificar qual a concepção que norteou a sua elaboração e o real perfil do profissional desejado.

2.1 – OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Os docentes que participaram da pesquisa são aqueles que atuaram no primeiro período do Curso de Educação Física da PUC PR, no primeiro semestre do ano 2000. Optou-se por entrevistar somente os 9 professores que já ministraram aulas, a partir da construção do Projeto Pedagógico.

Os alunos que participaram da pesquisa são aqueles que já cursaram o primeiro período do curso, que já atuam na área e que demonstraram interesse em participar deste trabalho, considerando a necessidade do tema em estudo. O número de alunos que participaram deste processo totalizaram 20 (vinte).

A Comissão de Sistematização é composta por 4 (quatro) docentes, incluindo a Diretora do Curso. A opção em incluir a Comissão neste estudo dá-se em razão das possibilidades da mesma fornecer subsídios para a análise da nova proposta pedagógica.

2.2 – INSTRUMENTOS PARA COLETA DOS DADOS.

O questionário aplicado aos alunos compreendeu 03 (três) questões descritivas.(Anexo nº 1)

Para uma melhor compreensão dos significados que são atribuídos à corporeidade foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com os docentes do curso e a Comissão de Sistematização, a qual foi gravada e em seguida realizada a devida transcrição das respostas dos pesquisados para a constituição das categorias. (Anexo nº 2)

Entrevista é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo da obtenção dos dados que

interessam à investigação. É uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

“Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.” (SELLTIZ apud GIL, 1994)

Vantagens da entrevista, conforme (GIL, 1994) :

- *Possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social / profissional;*
- *É uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;*
- *Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação;*
- *Apresenta a obtenção de maior número de respostas que o questionário;*
- *Oferece maior flexibilidade, posto que o entrevistador pode esclarecer o objetivo e o significado das perguntas, adaptando-se às pessoas e ao ambiente em que se desenvolve a entrevista;*
- *Capta a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade da voz e a ênfase nas respostas.*

Das vantagens referidas, certifica-se a eficiência da entrevista neste processo de pesquisa, visto que os dados identificados, vem de encontro com a temática principal que é a corporeidade, a qual torna-se identificável e visível no processo metodológico escolhido.

2.3 – ANÁLISE DOS DADOS.

Os dados resultantes dos questionários e das entrevistas serão analisados à luz da técnica de análise de conteúdo, que de acordo com BARDIN , refere-se a “ um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção destas mensagens.” (BARDIN, 1995, P. 31)

Os discursos explicitados nas entrevistas e questionários foram submetidos a leituras, buscando a decomposição e agrupamento dos elementos em unidades de registro, determinando desta forma as categorias, que tinham significado para o objetivo do estudo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1- O CORPO E SUAS LINGUAGENS: O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA.

Uma educação sem mestres e sem consciência, é a repetição sem fim, onde cada geração reproduz a outra.

A repetição e a reprodução tornam a vida possível, podemos imaginar o que ocorreria se a cada nova geração tudo começasse da estaca zero? Memórias perdidas e o indivíduo sem nada saber sobre o que fazer para perpetuar-se, não dando sequência aquilo que aprendeu.

A reprodução de aberrações genéticas deve ser evitado, mas não se anula as vantagens da repetição e da reprodução na economia da sobrevivência, ou seja em produtos e tarefas básicas que podem colocar o homem a serviço da continuidade do tempo.

E nós? Seres de programação biológica atrofiada, encolhida e restrita.

Foi necessário a invenção de formas de seres humanos, por meio da imaginação e de convenções, formando então os mundos da “cultura”, muito diversificados na sociedade em que vivemos.

Logo, conforme (WITTGNESTEIN, apud BRUHNS, 1994, p.19) “aprender o mundo humano é aprender uma “linguagem”⁵ porque os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”.

Será realmente necessário aprender através dos meios formais, em instituições de ensino que propagam o conhecimento, pois no dia a dia percebemos um sem número de pessoas, que sem diploma ou créditos em didática, ensinam sem saber como, as coisas mais incríveis, como a habilidade de se falar a língua e desta forma mostram os mistérios da composição e arquitetura do mundo.

Tenho a relatar uma experiência vivida durante a convivência com meu pai, um homem simples que cursou apenas o terceiro ano do ensino básico e trabalhou durante toda a sua vida como um modesto caminhoneiro.

Toda a riqueza de seus ensinamentos e da sua criatividade para resolver situações cotidianas sempre denotavam uma ampla experiência e conhecimento de assuntos ou ações que pareciam ser adquiridas no meios formais da escola.

A consciência e a percepção passam por conceitos adquiridos, conforme a citação de M. PONTY (1971), que diz... o animal é o seu corpo. O homem tem o seu corpo, e é de causar espanto que apenas os homens percebam a sua nudez.

Se não fosse a palavra nu, ou mesmo o tom como ela é pronunciada, o homem não teria consciência da sua nudez. Logo, “a linguagem é uma medição de

⁵ Conjunto de sons articulados, com que o homem manifesta o que pensa ou sente. Na abordagem semântica, existe o discurso do corpo e há a linguagem no movimento, na arte de jogar, de dançar e brincar com o corpo. Não a linguagem das palavras, mas como adverte CARVALHO (1973,p.238) “mas aquela que traduz o indivíduo para si próprio, para os outros e para o meio que o rodeia: linguagem que impregna constantemente o acto e que clarifica a intencionalidade do indivíduo” (apud BRITO, 1996)

valores, produzem úlceras, impotências, porque as palavras carregam proibições, exigências e expectativas” (BRUHNS, 1994)

O cientista, conforme Karl Popper, habita uma linguagem e só vai as coisas para se certificar que o seu mundo está seguro. Um cientista, seja teórico ou seja um pesquisador, propõe declarações e as testa passo a passo (Karl Popper, *The Logic of scientific discovery*, 1968, apud BRUHNS, 1994).

A palavra linguagem pode ser um sinônimo puro da palavra ideologia, pois atrás desta palavra há muitos acordos silenciosos: em primeiro lugar a ideologia propõe um mundo de superestruturas, onde as idéias se reduzem a efeitos de baixa ou nenhuma eficácia. Em segundo lugar a ideologia é um discurso que se opõe a verdade, podendo estigmatizar um discurso como um mero equívoco ou uma mentira.

Que forma de linguagem esta sendo utilizada na educação atual, será aquela que valoriza o mero discurso ou está se buscando uma linguagem que possa traduzir uma ação mais efetiva, de construção do próprio homem.

Na verdade os homens abandonam uma linguagem e optam por outra não porque a primeira seja falsa e a segunda verdadeira, mas porque a primeira é inadequada e a segunda adequada, utilizando uma forma de linguagem em cada momento oportuno.

“A dificuldade real está menos na aprendizagem de uma nova linguagem que no esquecimento da linguagem anterior...” (CASSIRER apud BRUHNS, 1994, p.29)

A educação mediada pela linguagem pode compreender muitas formas de transformação e uma delas certamente será a corporeidade.

A principal pergunta deste momento sobre o discurso que tem fluído da nossa prática educativa, seja ela do jardim de infância ou das pós-graduações são as seguintes (BRUHNS, 1994, P.31)

“ Que amores tem sido inflamados?

Que ausências tem sido choradas e celebradas?

Que horizontes utópicos tem sido propostos?

Perguntamos se não vai cair sobre as nossas cabeças a quase maldição de Weber:

“Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca dantes alcançado.”

Faz-se urgente questionar que valores tem informado a nossa prática educativa?

Frequentemente o discurso ideológico é um mascaramento dos valores que realmente revelam os nossos investimentos emocionais, aqueles que conduzem à ação mais concreta, pois, a ação não se desenrola sobre um discurso analítico, ela se mistura com a esperança, como a atividade criadora que traz à existência aquilo que ainda não existe.

O educador muitas vezes se desculpa apontando para as leis do capitalismo, onde a escola é entendida como um aparelho ideológico do Estado, onde sua autonomia é relativa, muito pequena e no final do processo, desemboca na

reprodução, impedindo uma prática pedagógica mais eficiente dos educadores envolvidos no processo.

Não será mais fácil usar como desculpa esta ideologia do capitalismo para determinadas ações não realizadas durante o desenvolvimento da prática pedagógica nas escolas? Os professores devem lembrar que não é só a escola que ensina, mas também a própria vida

Então, o que fazer com os alunos? É melhor não perguntar aos professores qual sua filosofia de educação, porque certamente todas são lindas. Normalmente na avaliação “as questões” pertencem ao mestre e as “respostas” aos estudantes; e nos queixamos de que não formamos pessoas criativas. A essência da verdadeira atitude filosófica é aprender a fazer perguntas.

Como poderemos motivar a criação sem dar a oportunidade do questionamento ou da dúvida?

E é somente a partir de pessoas concretas, de carne e osso, que a linguagem é falada.

A linguagem pode ser desenvolvida de diversas maneiras, mas há de se perceber e valorizar a grande amplitude que o corpo possui na esfera da comunicação seja ela inter ou intra pessoal.

“Os mundos e os corpos que se escondem nos discursos sobre Educação Física questionam se os corpos precisam ser transformados, que deixem de ser o que seriam para serem coisas diferentes. Senão, esta palavra educação não teria sentido algum”. (BRUHNS, 1994)

Heloísa Bruhns, faz um relato real e muito atrativo sobre as questões do movimento, ou mais, da ação do corpo para a conquista de determinados valores na vida, vale a pena desfrutarmos deste ensaio, para refletirmos sobre a importância que temos dado ao nosso corpo e sua relação com o mundo.

“Pensei nas olimpíadas, festival supremo de uma educação implacável do corpo, que chegou à inacreditável sofisticação de medir as diferenças por centésimos de segundo. E aí, olhando para o relógio, começamos a compreender algo que pertence a estes sonhos. (Ou serão pesadelos?): o corpo que luta contra o tempo...

As que mais me impressionavam eram as nadadoras, não sei o porque: aqueles corpos sobre – humanos, repetições sem fim dos mesmos movimentos, milhares de horas de disciplina e de abstenções, nervos, fibras, músculos, tudo unido em um único propósito, aquele centésimo de segundo que faria toda a diferença deste mundo, cérebros esquecidos de tudo o mais, concentração total, como se o mundo tivesse apagado, e ao disparo de uma arma os corpos também seriam disparados.

Afinal de contas fora para aquele momento que tinham sido armados através de anos, quanto mais depressa melhor.

E os corpos contra as águas: luta contra o tempo, os números que corriam depressa demais para que os olhos pudessem perceber a diferença.

E me pus então a perguntar sobre a razão de tudo aquilo, que é que se podia fazer com um centésimo de segundo. Me lembrei daquele estranho vendedor de pílulas contra a sede, do Pequeno Príncipe. Vendia pílulas que acabavam com a sede e assim as pessoas poderiam economizar todo o tempo que gastavam, cada dia indo ao filtro. Todos os minutos somados, ao fim do mês chegariam a uma hora, assim mostravam as estatísticas.

E foi então que o Principezinho meditou que, se tivesse uma hora a sua disposição, para fazer dela o que quisesse, poria as mãos nos bolsos e iria tranqüilamente até a fonte, beber água... Pois é, o vendedor não me aparece tão tolo porque, afinal de contas, há alguma coisa que se pode fazer neste tempo que se economiza : ir até a fonte...

Mas continuo sem saber o que se pode fazer com um centésimo de segundo. Para um beijo não chega e nem para um gole de vinho. Também não é suficiente para se cheirar uma flor, e nem mesmo para se dizer (amor). Mas é certo que deve haver algo que se possa fazer com ele. Se não, não se compreenderia tanto esforço e alegria por aquela conquista, o tal centésimo de segundo.

Quem diria que num centésimo de segundo está toda a diferença deste mundo?"

(BRUHNS, 1994, P. 37-39)

Sabemos que a escola também vive sob a tirania do relógio; onde o tempo contrapõe à qualidade de um processo educativo com maior qualidade, pois no momento em que nos tornamos parte verdadeira do mundo da criança ou de qualquer elemento que está sob a nossa responsabilidade de formação, iremos construir uma educação mais humana.

Como perceber estas ações se no nosso dia a dia buscamos economizar o tempo que nos é dado, para a prática de outras ações que imaginamos ser de maior valor, vamos analisar:

Ouvir um disco de 33 rotações em 78, economiza-se tempo...

A leitura dinâmica vence a poesia...

Se podemos almoçar em 5 minutos, porque gastar uma hora ?

Se podemos ter um orgasmo em 1 minuto, para que gastar a noite toda?

Há outras coisas a se fazer...

O prazer não está na ação. O que vale mesmo é chegar ao pódio.

Não vê-se, nem de longe uma educação voltada para o amor. E haverá coisa mais importante? Amar é coisa que tem a ver com o corpo, que sabe se entregar, que sabe ser brinquedo e que sabe brincar.

Parece, que estes feitos não tem a ver com a nossa felicidade e por isto ainda não foi elevado à dignidade de coisa⁶ a merecer lugar em nossa educação para o corpo.

Há duas maneiras diferentes de se ver o corpo; a primeira é como um simples meio, treinado para se transformar num instrumento de luta contra o tempo e contra o espaço ou pode estar reconciliado com o espaço e o tempo e que não deseja vencê-los, mas apenas usufruí-los.

“Gostaríamos de acreditar que a educação está em paz com o corpo, que ela não deseje transformar em puro meio para fins olímpicos ou de serviço. mas que tratasse de cuidar dele como coisa bela que deseja reaprender a esquecida arte de brincar.” (BRUHNS, 1994)

A cultura dita normas em relação ao corpo, então o nosso corpo sofre uma série de repressões através de preconceitos, normas sociais e outras transgressões, sofrendo assim uma rigidez postural.

⁶ Tudo o que existe ou pode existir, objeto sem nome ou cujo nome não ocorre, não se quer ou não se pode denominar. (ROCHA, Ruth, 1996, p. 147)

A cultura também dita normas em relação ao mundo e o corpo que vive neste mundo. O corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais.

Ao corpo se aplicam crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social, interferindo desta forma na ligação entre o corpo e a industrialização, entre o desenvolvimento do lazer e as atividades corporais praticadas.

“Não é o próprio corpo que fala sobre o corpo ?” (KOFES, 1994, p. 46)

Preservando o corpo do mundo, aprendemos a ver com os olhos; ou seja, se não nos preocuparmos somente com a visão e a prática corporal da moda, conseguiremos perceber o nosso próprio corpo, não se importando com as suas limitações, mas valorizando efetivamente o que o corpo é capaz de criar e construir para as nossas próprias vidas.

Nunca se falou tanto do corpo, não para negá-lo, mas para afirmá-lo. Será que o que se afirma do corpo hoje, ainda não é um “discurso” sobre o corpo ?

A multiplicação de espaços para que o corpo seja utilizado e valorizado é cada vez maior, os Centros de Atividade Física, de Lazer ou de Esportes estão cada vez mais cheios, as possibilidades de ação para o corpo se ampliam com novas técnicas e modalidades de ginástica, natação e esportes, além da participação específica de profissionais na melhoria da saúde, como o “Personal Trainer”. Será realmente necessário espaços delimitados para se liberar o corpo?

Seria a escola vista como um destes espaços ?

O corpo é um sujeito da história e não mais um mero objeto, logo o corpo não tem uma linguagem, ele é uma linguagem, o corpo se revela como um verdadeiro instrumento de comunicação, pois é o próprio corpo que fala?

O corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina. Podemos pensar então que o corpo é moldado pela sociedade?

A sociedade estabelece ou reconhece suas diferenças e marca o corpo pela sua idade, seu sexo e até pela hierarquia social.

Qual seria então a via pela qual o corpo falasse sua linguagem? O corpo está aprendendo a obedecer ou desobedecer as regras do prazer? O corpo saudável se permitiria ouvir as queixas dolorosas do seu corpo ou nem lhe permitiria expressá-las?

A sociedade, através de seus aparelhos ideológicos, principalmente a escola, oferece uma aprendizagem de conteúdos, “é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência do aluno ficar sem movimentar-se, mas sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo” (GONÇALVES, 1997, p. 34).

BROWNE, apud KOFES (1994, P. 49) , diz “que os sonhos nos dão uma idéia da excelência da alma, já que liberta do corpo, a alma brinca e sonha à vontade”.

O jeito de andar e de sentar, seja no chão como os índios ou os jovens, o jeito de dormir, em pé como os indianos ou sentados como os brasileiros cansados e “aposentados” de nosso país, podendo variar de acordo com o contexto social e religioso de cada indivíduo.

Logo, vai se mostrando como através dos gestos e das ações comportamentais, o corpo, expressa uma sociedade.

O professor, especialmente os de Educação Física, não devem levar em conta somente a concepção do corpo nos aspectos fisiológicos, biológicos, anatômicos, mas considerar que os alunos possam apresentar outras representações do seu próprio corpo, que pode interferir nos seus movimentos e comportamentos corporais.

Sobre o discurso do corpo há dois aspectos devem ser analisados, o corpo disciplinado através da postura, da educação e das técnicas ou o corpo liberado, solto, anti-disciplinar e socializante, o qual se expressa de forma natural e consequentemente, oportuniza uma relação mais completa do sujeito consigo mesmo.

Lembrando FOUCAULT (1987), o corpo reprimido nos séculos anteriores ao século XIX, ou o corpo que se expunha ao sacrifício quando condenado, e até no século XIX quando o corpo torna-se disciplinado para ser produtivo, chegando hoje ao corpo fonte de prazer. Até que ponto este “corpo” não seria algo como adequar o meu corpo ao discurso do corpo fonte de prazer?

O jeito de andar e de sentar, seja no chão como os índios ou os jovens, o jeito de dormir, em pé como os indianos ou sentados como os brasileiros cansados e “aposentados” de nosso país, podendo variar de acordo com o contexto social e religioso de cada indivíduo.

Logo, vai se mostrando como através dos gestos e das ações comportamentais, o corpo, expressa uma sociedade.

O professor, especialmente os de Educação Física, não devem levar em conta somente a concepção do corpo nos aspectos fisiológicos, biológicos, anatômicos, mas considerar que os alunos possam apresentar outras representações do seu próprio corpo, que pode interferir nos seus movimentos e comportamentos corporais.

Sobre o discurso do corpo há dois aspectos devem ser analisados, o corpo disciplinado através da postura, da educação e das técnicas ou o corpo liberado, solto, anti-disciplinar e socializante, o qual se expressa de forma natural e consequentemente, oportuniza uma relação mais completa do sujeito consigo mesmo.

Lembrando FOUCAULT (1987), o corpo reprimido nos séculos anteriores ao século XIX, ou o corpo que se expunha ao sacrifício quando condenado, e até no século XIX quando o corpo torna-se disciplinado para ser produtivo, chegando hoje ao corpo fonte de prazer. Até que ponto este “corpo” não seria algo como adequar o meu corpo ao discurso do corpo fonte de prazer?

Mesmo existindo um novo discurso do corpo, este ainda está sendo objeto deste discurso e não o “sujeito”?

E daqui para o futuro, quais os corpos vão se afirmar?

Será que hoje não estaria havendo um discurso ao qual eu teria que adequar o meu corpo, ao invés de se ter uma sociedade da qual o meu corpo estivesse liberado de um discurso que afirma como ele tem que ser?

Estas respostas podem possibilitar uma ação mais efetiva da Educação Física na sociedade, desde que ela coloque em ação os diversos teóricos que analisam a ação corporal.

“Lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que, em sua complexidade estrutural, o homem pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico. Só que o corpo do homem não é um simples corpo, mas necessariamente um corpo humano, que só é compreensível através de sua integração na estrutura social.” (MOREIRA, 1995, p.28-29)

Na sociedade atual gastam-se horas trabalhando com o corpo rígido, disciplinado. As horas do “não trabalho” também implicam em posturas tensas, sejam elas no carro, no ônibus, diante da TV, diante do livro, no cinema ou no teatro e quando ainda se sai para dançar e fazer expressão corporal, existem lugares específicos para liberar o corpo, o qual em seguida se aprisiona novamente.

Que conjunto de atividades poderiam aprisionar o corpo e quais deveriam liberar este mesmo corpo? A linguagem do corpo livre de preconceitos e técnicas,

deve também se fazer no trabalho, no estudo, em casa e na relação e interação com as pessoas.

Podemos pensar se é possível um indivíduo desvinculado da sociedade e neste sentido, as coisas que se referem ao corpo podem afirmar estas questões, criando algumas indagações, como as que seguem:

- O corpo como um espaço de liberdade, o corpo saudável e a alimentação adequada? Serão padrão estético do corpo perfeito?
- O que a sociedade está ditando na cultura através dos corpos? Que corpos? Que individualidade? Qual sociedade?
- De forma pessoal poderemos analisar se soltando o corpo, ou impondo-lhe outras linguagens?
- Será que os corpos saudáveis e prazerosos não estão escondendo um “discurso” que se abateria sobre os corpos, construindo-os à sua imagem?

As roupas podem codificar o corpo, simbolizando-o de uma certa maneira, expressando algo, assim como a tatuagem que pode traduzir valores e pré-disposições, criando corpos tatuados simbolicamente.

As roupas e maneiras de vestir mudam com a evolução⁷ dos tempos e da cultura e os corpos também?

As regras impostas por uma sociedade nunca serão aceitas sem nenhuma resistência e estas reações se manifestam em múltiplas linguagens: pensamentos,

⁷ No sentido biológico a evolução designa a transformação de uma espécie viva em outra espécie, pela ação isenta de fatores externos ou mutações bruscas. Caracteriza-se ainda pela transformação do caráter, dos sentimentos, de um conjunto de idéias ou de uma doutrina. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1990, p. 91)

comportamentos, arte, política, cultura... fazendo do corpo um espaço possível e expressivo de transgressões e invenções.

Em qualquer sociedade existem rituais corporais para a passagem de uma etapa da vida a outra; os indígenas realizam rituais de iniciação quando as crianças e jovens passam a fase adulta, ficando retirados e então marcam-se os corpos que já passaram por esta etapa.

As mulheres se depilam, fazem as sobrancelhas, se vestem de maneira diferente em relação à criança, ou senhoras em relação a jovens e os homens mudam o comportamento no andar, na voz, nas roupas e nas manifestações de sensibilidade;

Na nossa sociedade, o corpo tem uma linguagem de afirmação ou transgressão. A linguagem do corpo é importante porque reformula, explicita, coloca questões que às vezes unicamente a fala é incapaz de expressar.

Hoje estamos mudando nosso ambiente e produzindo através de outros recursos, que não só os corporais. O que se valoriza na nossa vida é nossa capacidade intelectual, cognitiva e esta tendência do ser humano está nos afastando da necessidade de usar o nosso corpo diretamente.

Isto implica em dizer que estamos parando de usar o corpo, efetivamente e assim estamos cada vez mais distante da experiência corporal.

O que está acontecendo conosco nesse distanciamento de nosso corpo, portanto, é o distanciamento de nós mesmos.

As ciências separavam o corpo da mente, compreendendo o ser humano em partes separadas e a psicologia também passou por essa fase preocupando-se somente com os processos mentais.

Um pouco graças á Psicologia Comportamental ou ainda aos princípios da Psicologia da Gestalt e muito devido à Psicologia Humanística começamos a dar importância para o corpo na sua experiência.

Começamos a nos preocupar com as reações do corpo, como ele se sente, como guarda sua vivência emocional e sensorial e de um enfoque mecanicista passamos a entender o organismo que se auto-regula e auto-orienta ativamente.

A psicologia também evoluiu e também percebe o ser humano como um ser ativo, que pode decidir, elaborar as suas atividades, e ainda criar outras novas.

Somos um só organismo que na sua estrutura biológica tem funções altamente diferenciadas e evoluídas ao nível da consciência, portanto não existe nada em nosso organismo que não esteja relacionado com o seu funcionamento na sua totalidade.

Logo, não conseguimos separar as emoções , vivenciá-las, colocá-las para fora sem mudar o estado fisiológico. O trabalho emocional está diretamente relacionado com as funções musculares e fisiológicas, logo as contrações musculares na dor não aliviam, devemos então relaxar. Bem como as medicações tratam, dos sintomas mas não eliminam as doenças.

Proibidos de usar todas as nossas capacidades, começamos a nos dividir em partes “independentes”, esquecendo completamente do corpo e de nos mesmos.

Qual é, então, a imagem que uma pessoa tem do seu próprio corpo e como ela se enquadra nestas imagens?

Se não se encaixa, como esta pessoa irá relacionar-se consigo mesmo, com as outras e com o seu meio, então será possível viver tendo uma imagem errônea de si mesma.

As crianças recém nascidas, através das sensações corporais começam a conhecer o mundo cheirando, tocando, lambuzando, levando à boca materiais e substâncias diversas e estas primeiras experiências servirão para o resto de suas vidas.

Os adultos com seus métodos de ensino, limitam as crianças em suas experiências, seus brinquedos através de proibições; podem até incentivar a curiosidade, mas limitam a experiência corporal, querendo que façam as coisas do jeito deles, ensinando assim a repetição de gestos já aprendidos.

Temos uma enorme facilidade de imitar os outros e uma grande dificuldade de sermos nós mesmos, pois estamos criando a nossa imagem corporal imitando os outros e não desenvolvendo a própria experiência.

Em qualquer momento da vida, quando ocorre algum tipo de proibição, de perigo, surge no movimento corporal uma contração, um fechamento.

Proibimos a ação do nosso corpo, impondo-lhe regras ou não permitindo ações naturais, traduzindo no corpo que possuímos as regras ou preconceitos que nos são colocados como normas de conduta.

Em determinados exercícios, atividades ou expressões, realizamos com o nosso corpo o que a moda dita, uma imagem cultural que estabelece qual é o corpo bonito ou feio, moldamos então o nosso corpo conforme esquemas culturais de beleza.

A vida sexual, a relação sexual é o momento mais forte de vivência prazerosa e explosiva. Como podemos nos soltar numa relação sexual se aprendemos sempre ao contrário – “se segura”, “se prenda”, “não se solta” !

Desta forma o ato sexual adquire caráter de um trabalho e não de um momento de leveza, de entrega e de prazer. Fora os conflitos psicológicos, vergonha, repressões, preconceitos, e nossa experiência sexual torna-se então um mal “necessário” de nossa vida.

O corpo que sobrevive com sua sexualidade reprimida, é um corpo adormecido, que necessita despertar para uma vida perceptiva. “Quanto mais vitalidade tiver o corpo, mais vívidas serão suas impressões da realidade e mais ativamente irá reagir a elas” (LOWEN, 1983, p. 178).

Cuidar do corpo em termos da nossa cultura significa tratar da nossa saúde, do nosso prazer. Realmente buscamos o prazer com os nossos corpos?

Podemos viver nosso prazer somente com o corpo flexível e equilibrado, através de um corpo que tenha movimento fluído e que permita manter a nossa sensibilidade.

“Como podemos viver sem barriga, se nós a temos? E ela deu ou vai dar – vida -, é fonte de energia.⁸?” (IWANOWICZ, 1994, p. 72)

O novo milênio que já se anuncia, aponta a oportunidade do homem fragmentado e dessexualizado, tornar-se homem na totalidade, provido de cidadania, e a educação pode ser o canal capacitado para mediar o desenvolvimento desta capacidade humana – a sexualidade.

Interessa à sociedade “corpos maravilhosos”, interessa à sociedade competitiva em que vivemos chegar ao topo, ao poder e para isso temos que ser os melhores.

Se somos dotados de corpo e mente, possuímos organismos auto-reguladores e auto-orientacionais, então somos seres evoluídos com o poder de decidir a nossa vida, o nosso desenvolvimento e nossos objetivos.

As últimas descobertas da Engenharia Genética mostram que muitas das informações do desenvolvimento do nosso organismo podem ser transmitidas ou elaboradas antecipadamente, mas isso não determina de que jeito esse organismo vai viver, possivelmente não irão poder decidir nossa inteligência, nem nossa felicidade ou satisfação com a vida.

Isso vai depender das nossas relações com o meio, com as condições ambientais, com a educação, com as nossas experiências e nossos objetivos.

⁸ Neste trabalho pode ser traduzida como a Bioenergia, que deve ser entendida como formas de energia intimamente relacionadas aos processos da vida, tem base extra-física, o que a diferencia das manifestações biológicas como o calor corporal e força muscular. (BRITO, 1996)

Se permaneço rígido fisicamente, certamente serei rígido mentalmente, somente no momento em que começo a tomar contato com o meu corpo, abro possibilidades de usá-lo adequadamente.

Usando o corpo de forma adequada e consciente, seremos capazes de nos relacionarmos com as outras pessoas sem limitações ou vergonhas, tornando este corpo um meio de relação social, tema a ser verificado, a partir deste ponto.

3.2 – A SOCIOLOGIA DO CORPO

Existem ainda uma grande parcela dos profissionais de Educação Física ainda compreende o homem como um ser puramente biomecânico, entendendo-o apenas como um ser que faz e não como um ser que pensa.

O treinamento na empresa segue o mesmo processo, em nome da racionalização do trabalho, condicionando o homem na sua aprendizagem, tornando comuns os objetivos: eficiência e ... só?

A massificação das atividades de lazer defendia o direito de todos ao tempo livre, mas a realidade é que somente os que já tinham este privilégio, continuaram a tê-lo, pois o tempo disponível só foi ofertado a quem já tinha a prática esportiva incorporada ao seu estilo de vida. Bem como, a necessidade de locais adequados para a prática das atividades esportivas e do lazer, assistidos por profissionais preparados e não leigos.

O desenvolvimento de um país deve passar, necessariamente, pela ampliação dos direitos para todas camadas sociais.

A garantia da saúde da população se dá pela existência concreta de condições de vida adequadas e a prática do esporte só poderá ser considerada neste nível, quando se puder praticá-lo sempre, ou pelo menos permanentemente.

O movimento apenas se realiza nas relações entre os homens, pois o corpo é um verdadeiro instrumento de formação político e social.

O filósofo Horkheimer afirma que: “às instituições públicas compete “produzir conhecimento” às privadas, “reproduzi-lo”. Produzir conhecimento no sentido da manutenção da cultura dominante; reproduzir conhecimento no sentido da busca do aumento do consumo da cultura dominante.” (BRUHNS, 1994, p. 103)

O corpo como totalidade, precisa ser percebido dentro da dinâmica da afetividade e estar inserido no contexto social/cultural. O corpo, como ser vivo, implica uma sexualidade viva, necessidade premente de liberdade de expressão, na busca do prazer, da expressão.

“Devemos nos conscientizar de que o corpo em movimento é um ser em explosão e expressão que gozando do meio no qual se faz presente, tem a chance de viver o eu-no-mundo com sensibilidade para perceber todas as coisas que o envolvem” (PORTO apud MOREIRA, 1995, p. 99)

Praticar é transformar, mas devemos estar atentos para o fato de que não é toda a prática que transforma. Para vir a ser uma prática transformadora, necessário se faz que ela seja teorizada, pensada e refletida.

A prática não pensada é uma prática reprodutora, onde o trabalho intelectual e o manual estão em campos opostos, daí originando a valorização, em nossa sociedade, do primeiro em detrimento do segundo.

A passagem de uma prática reprodutora para uma outra transformadora está diretamente vinculada à mudança de atitude por parte do “profissional”, que diga respeito, acima de tudo, ao deixar de lado uma postura acrítica, para um assumir uma postura crítica que o leve a pensar como homem concreto, existente em um determinado momento histórico, em uma determinada sociedade dinâmica e por isto mesmo o Homem compreendido como sujeito de sua História.

“ Mais importante que a produção do conhecimento é saber o que produzir? Para que produzir ? E para quem produzir ?” (BRUHNS, 1994, p. 106)

A tarefa da extensão é evitar a transformação do tempo livre num momento de fuga ou de esquecimento das misérias do cotidiano.

“ O tempo livre não é apenas uma exigência do ser humano. Ele acontece nas esfera psíquica e social. O tempo livre confunde-se com a emoção, com o sentimento de prazer, com a experiência agradável. O tempo livre é festivo, alegre, espontâneo. Ele não é um momento de relógio, mas é vivência e estado de Espírito.” (SANTIM, 1987, p. 123)

3.3 – A CULTURA DO CORPO, SEUS SIGNOS E MARCAS.

Um corpo é feito de ossos, de sangue, de carne viva e sensível, é feito de célula vivas. Um corpo não deve ser entendido como um “Corpo blindado”, de aço, que nada deixa aflorar, como uma arma pronta para a luta.

Se transformamos nosso corpo em um tanque preparado para uma guerra, insensível, o nosso organismo certamente terá os mecanismos de combate de um exército?

Impomos ao nosso corpo regras e leis que nada tem haver com as suas próprias leis. Dizemos que nosso corpo não está de acordo, que acordos ? Com quais normas?

É preciso mudar a idéia de que se tem com o próprio corpo e parar de humilhá-lo, pois trocar de corpo não é possível .

Os nosso sentidos são muito pouco utilizados e valorizados; damos primazia ao sentido racional da vida e desta forma não chegamos a nos escutar e nos sentir.

“O corpo tem suas estações. Temos estações para o repouso, para o movimento, estações para a lembrança, para o tratamento e para a cura. No outono o olfato está mais ativo, na primavera a vista é mais presente, no inverno o ouvido se anuncia, e no verão o gosto é mais saliente”. (BERTHERAT, 1990, p. 29).

O nosso corpo tem ritmos exatos e tudo que há de vivo em nós tem um ritmo próprio, mas isto é desconhecido pela maioria das pessoas, que agridem seu corpo por não entender a sincronização de seus movimentos.

Os ritmos de nosso corpo terão relação com os ritmos do planeta?

Nosso corpo tem um imenso apetite de bem estar, de equilíbrio e poderes para auto curar-se, podemos então confiar em nosso corpo.

O fator mais importante, de todos os ritmos é saber se possuímos realmente alguns ritmos. Sabemos que nosso coração não tem o mesmo número de pulsações durante o dia e nossa respiração não alcança a mesma amplitude; o importante é reconhecer os melhores momentos ou os críticos, afim de aproveitarmos toda a energia do nosso corpo

“ Em um corpo vivo como o nosso as partes de cima e de baixo, a frente e as costas o direito e o esquerdo, mexem sempre juntos e é preciso muito interesse para perceber estes detalhes através do olhar.” (BERTHERAT, 1990, p.52)

O nosso corpo tem uma linguagem própria e muitas vezes o que nossa boca diz através de palavras, não é o que o corpo está sentindo ou passando aos outros, é certo que nosso corpo fala muito mais do que qualquer palavra dita no momento certo.

Todos os seres humanos desde pequenos são ensinados a tirar as raízes de seu corpo, quando crianças somos impedidos de entrar em contato com o chão através nosso pé. Adolescente ou adultos impedimos nosso pés de estarem livres e nos sentimos mais instáveis, pois suspensos no ar afastamos nosso corpo do chão, da terra que nos emana energia.

“Impedimos nossos pés de entrarem em contato com o chão. Afastamo-nos do nosso apoio mais natural“. (BERTHERAT, 1990, p. 70)

Aos poucos deformamos as raízes do nosso corpo, apertando os dedos, afundando a arcada plantar ou elevando as extremidades através de modelos de sapatos, tênis ou saltos. Usamos a moda como muleta para as deformações que causamos em nossas raízes e ainda aceitamos por convenções que a força do nosso corpo se encontra em músculos fortes ou flácidos.

Se compararmos-nos com a serpente, veremos que assim como elas a nossa força encontra-se nas costas, na nossa coluna vertebral, a qual faz a interligação total de todas partes de nosso corpo.

Com medo de perder a rigidez nos tornamos flácidos, sem equilíbrio e por isto fortalecemos nossa rigidez, nossa imobilidade, tirando do nosso corpo a oportunidade de ser flexível, livre e aberto a todas as situações que vivemos. Essa rigidez não é só física, muitas vezes abafamos o coração, o sentimento, a musculatura, enrijecendo-nos psicológica e espiritualmente também.

É preciso aceitar que não estamos isolados do resto do mundo, mas também não somos o centro dele. No momento atual, em função do tempo e dos valores vividos pela cultura do corpo, mal percebemos que somos um corpo, que temos um corpo e aí vem a questão da moda do corpo.

Ao entrar em nossa vida o corpo deve ter o papel principal da peça, deve ser o autor de nossas vidas, pois quando nosso corpo entra em ação não nos preocupamos em perceber se atrás do sorriso, não existem mágoas ou feridas.

O nosso corpo parece imitar outros corpos para querer estar em voga, em forma. Procura-se então uma imagem que exprima beleza e tenha ao seu lado a palavra “saúde”, imitamos a imagem recebida, iludindo ou tentando acreditar na forma perfeita e harmônica.

Estamos presos a conceitos e padrões estéticos que fazem com que sejamos capazes dos maiores esforços, trabalhos e guerras para a conquista da forma.

Antes de definir a forma mais bonita e mais adequada devemos consultar nosso cérebro direito, é ele quem analisa e interpreta de forma verdadeira o que somos e sentimos, não nos iludindo por pequenas e belas imagens que não traduzem a verdade, especialmente quando falamos do nosso corpo.

Não devemos entregar nosso bem estar a outros, mas confiar em nosso cérebro e a nossa vista na nossa saúde, a nossa forma. Devemos admitir a realidade concreta do funcionamento do nosso organismo e refletir sobre a forma e as sensações que vamos deixar fazer parte do corpo que somos.

Não devemos vigiar e cobrar do nosso corpo uma forma perfeita, devemos sim liberar nosso corpo, deixar com que ele seja e atue de forma natural, espontânea e livre.

Para tanto é necessário termos nossas raízes, nossos pés no chão. Devemos utilizar nossos membros e músculos como um ser humano e deixar nosso corpo brincar, ter prazer e expressar-se.

“ A nossa expressão dever ser sempre natural e harmônica, conforme as estações e ritmos que possuímos.”(BERTHERAT, 1985)

O momento histórico em que estamos atravessando, nos mostra um quadro social, despolitizado de ética, onde um corpo consciente não encontrará oportunidades para reclamar o seu próprio corpo e todo indivíduo somente será um corpo integrado a esta sociedade, se não aceitar e agir individualmente, ou seja, todo indivíduo consciente de seu corpo não se identifica com a coletividade, mas se afirma como indivíduo na sociedade.

“ O movimento⁹ humano consciente caracteriza-se pela possibilidade de contextualização das ações no conjunto de relações do sujeito com o seu meio.”
(KOLYNIK FILHO, 1993)

O corpo fala pelo mesmo “método global”. do conhecimento , onde é necessário ler para aprender e não apenas conhecer. um dicionário total ainda que fosse exequível, dificilmente bastaria para que pudéssemos aprender a “ler” as atitudes do nosso corpo. (WEIL, 1987)

⁹ O movimento apresenta variáveis, RECTOR E TRINTA (1993), explicam-nas:

Intensidade – que se aplica ao grau de tensão muscular necessário à articulação corporal de um cine (menor unidade de significação;

Amplitude – se refere à extensão do movimento realizado, podendo ser “normal”, “limitado” ou “amplo”;

Rapidez – diz respeito ao tempo necessário à realização do gesto, podendo ser “rápido”, “lento”, “vivaz” etc.

Culturalmente, podemos comparar o corpo humano a uma esfinge, a esfinge dos egípcios e dos assírios. A esfinge era representada corporalmente por um corpo de boi, tórax de leão, as asas de águia e cabeça de homem.

O significado específico de cada parte, assim se retratava:

Boi: abdômen, que refletia a vida instintiva.

Leão: tórax, símbolo da vida emocional.

Águia: cabeça, que denota a vida mental.

Homem: conjunto, que revela a consciência e domínio dos três inconscientes anteriores. (WEIL, 1987)

A cultura representa um comportamento do corpo e estabelece alguns signos que podem representar um objeto (idéia ou coisa). Os signos “são palavras e os componentes das palavras (sons e letras).” (CHAUI, 1995)

Os signos ainda possuem funções denotativas que apontam coisas com significado, indicadas por sinal. Outra função é a conotativa, “mesma palavra pode exprimir sentidos ou significados diferentes, dependendo do sujeito que a emprega, do sujeito que a ouve e lê, das condições ou circunstâncias que é empregado, ou do contexto que é usada.” (CHAUI, 1995)

O boi, representa significativamente pessoas que gostam de boas refeições, que se sentam à vontade diante de uma farta mesa de jantar. Pode ainda simbolizar o requebrar das mulheres brasileiras, uma provocação para os homens.

O leão, encontra-se no tórax, onde reside o coração que é o centro da emoção, considerado em alguns momentos o centro do EU. Quando o tórax está encolhido, uma pessoa cujo EU está diminuído, sente-se dominado pela situação, mas um tórax em postura normal significa um EU equilibrado.

A Águia, representada pela cabeça, nos indica o estado de controle do corpo pela mente. A cabeça erguida significa que o indivíduo é controlado pelos estímulos externos e a cabeça em posição normal indica um controle normal da mente.

As culturas asiáticas entendem as representações da figura humana e a busca por inteira, em expressivas atitudes corporais propositadamente. A cultura do Oriente, por certo, percebe mais a linguagem do corpo do que nós. (WEIL, 1987)

A linguagem representada nas atividades corporais, muda e prossegue constantemente, como toda a eloquência da própria vida, que através de muitas formas fala das suas relações humanas. Podemos perceber então, uma outra representação para os signos culturais em um mesmo objeto, o que vai abaixo explicitado:

Na própria cabeça temos representados os três animais, o boi, pela boca, por onde entram os alimentos; o leão, representado pelo nariz, onde entra o oxigênio para os pulmões; a águia, representada pelos olhos, que são o espelho da mente.

Nas relações sociais vividas em nosso cotidiano, percebemos que quem está num grupo, sempre influencia o comportamento deste e, por sua vez, também é por ele influenciado.

Sob que forma percebemos a nossa própria existência, o nosso EU? Será através da soma de conhecimentos, de informações ou de percepções?

Instintivamente desaprovamos gente que sempre desvia seu olhar do nosso, durante um diálogo, ou que, de mão inerte, não responde ao nosso aperto de mãos com igual intensidade.

O gesto, que vem do Latim, *gestus*, significa um a maneira de se proceder, um movimento expressivo. “Gesto é uma ação corporal visível pela qual um certo significado é transmitido por meio de uma ação voluntária”. (RECTOR, e TRINTA, 1993)

O gesto em uma linguagem comunicativa é uma ação corporal visível, carregado de intencionalidade, de sentido e significado. Para RECTOR e TRINTA (1983), corpo se comunica como necessidade básica, e esta comunicação se funde com a própria vida e com a vida do homem social.

A vida é um fluxo constante de energia e a linguagem do corpo é a linguagem da vida, então é necessário considerar que a energia está entre nós.

A serpente: representaria a maior força do Universo (a energia), a nossa própria presença.

Mesmo respeitando as características corporais do corpo, é urgente uma compreensão ativa destas questões, pois a consciência corporal só pode concretizar com o movimento, um movimento repleto de significado que traduzem a vida.

“Não podemos reduzir gente viva a estruturas mortas sem algo de essencial, que é a própria vida.” (WEIL, 1987, p. 87)

3.4- CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS PARA A CONSCIÊNCIA CORPORAL

A filosofia surgiu como a única produção do saber verdadeiro, portanto o único saber e os filósofos tornaram-se os homens do saber e da verdade, ou do saber verdadeiro.

Hoje a filosofia está restrita a um certo tipo de conhecimentos e a um numero específico de problemas e de alguma maneira, perdeu-se sua fisionomia e sua própria identidade dentro do conjunto do saber humano.

No entanto, conforme SANTIM, (1987, p. 10), “não significa que ela tenha perdido seu papel fundamental de busca e questionamento das conquistas do homem.”

Com o surgimento das ciências modernas, o espaço da filosofia foi se reduzindo cada vez mais, perdendo inclusive o direito que se havia arrogado de ser a única depositária legítima do saber. A instância da verdade passa agora a ser controladas pelos cientistas, onde os procedimentos indutivos tomam o lugar dos procedimentos dedutivos.

Os fatos, portanto, passam a constituir a última fonte do saber, pelo menos do saber científico.

Apresentam-se então dois mundos e duas verdades, a verdade da ciência ou do mundo e a verdade do homem, onde a verdade da ciência é indiferente às verdades do homem.

“O encontro da verdade objetiva vai exigir que o homem abdique de sua situação existencial e seja obrigado a revestir-se dos ares da imparcialidade, na medida que precisa substituir sua consciência subjetiva pela razão universal e aparelhar-se com os métodos lógico-matemáticos, consolidando-se o império da Ciência e da Tecnologia. A verdade científica, portanto, passa a ser a única verdade, ou seja a verdade do homem também.” (SANTIM, 1987, p. 14)

Onde encontra-se a Educação Física neste cenário? Onde está o espaço que lhe é reservado?

Torna-se fundamental a reflexão filosófica, mais uma reflexão questionante, do que uma explicação. Não se trata de uma negação das verdades científicas, mas uma indagação sobre as possíveis significações e intencionalidades a serem detectadas.

O paradigma, é uma exigência do próprio modo de ser do homem, pois faz parte do lugar, ou melhor, tudo o que é visto está sujeito à compreensão e à interpretação sob a ótica paradigmática. O homem olha, percebe e interpreta, situado sempre em algum lugar.

Os questionamentos da dinâmica do paradigma da filosofia questionante nos levam à compreensão do papel e da importância da Educação Física na vida individual, na esfera educacional e no espaço social.

Dentro destas questões, torna-se útil pensar para compreender como são constituídos os currículos de educação física, em que base e intenções se selecionam, exigem e praticam determinados exercícios? A quem é dirigida a Educação Física?

O humano é o que sustenta e alicerça a Educação Física, pois é no homem diretamente que a Educação Física encontra sua razão de ser.

Certamente deve-se pensar com mais acerto em um homem global, como um todo unitário, assim toda a educação é a educação do homem e não apenas de uma parte deste homem., pois o homem não age em partes, mas age como um todo.

O pensar, as emoções, os gestos são humanos, não são ora físicos ou psíquicos, mas sempre totais.

Conforme M. PONTY, apud, SANTIM (1987), o homem é corporeidade e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença.

O homem instaura sua presença, ou define sua fenomenologia, como corporeidade. A presença é marcada pela postura. O animal tem seu movimento, a estátua está em sua posição.

O homem não é nem uma nem outra coisa. “O homem é movimento . o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora.” (SANTIM, 1987, p. 26)

A Educação Física, dentro desta visão humana também deve ser gesto, o gesto que faz, que fala. Não simplesmente o exercício ou o movimento mecânico, vazio e ritualístico.

A repetição criativa não cansa, não esgota o gesto pois não é uma repetição, mas uma criação. Assim o gesto é sempre movimento novo, diferente e original.

Os movimentos da Educação Física devem ser gestos artísticos, isto é, criativos. E cada um tem seu gesto original, próprio e pessoal. Cada um tem seu timbre de voz, seu sotaque, seu modo de falar. Assim também tem sua originalidade de movimento, de caminhar e de expressão gestual.

“Tem-se portanto, na Educação Física, realmente educação, educação humana e não apenas treinamento físico.” (SANTIM, 1987, p. 26)

As mudanças no mundo da ação humana só acontecem, quando precedidas pelas mudanças no mundo do pensamento e a ação humana é determinada e guiada pelas nossas idéias e intenções.

O homem é capaz de assumir posturas paradoxais, isto porque é dotado de liberdade. Surge então a exigência de se ter critérios, sobre os quais fundamentam-se as decisões humanas.

Existem alguns elementos originais da Educação Física e Desporto, os quais revelam o verdadeiro valor da existência de uma ciência que fundamenta-se no homem e suas ações, são eles:

O ser humano.

O elemento fundamental de toda a educação é o ser humano. Nenhuma tarefa educacional é desenvolvida sem uma compreensão do homem, sem uma definição do tipo do homem que se pretende construir.

A compreensão do homem, no estudo presente, se dá como um ser unitário, quando o homem age, age sempre na sua totalidade. Em qualquer movimento, em qualquer atitude, em qualquer pensamento está presente o homem total e unitário.

O movimento humano.

É a partir de um homem com possibilidades de movimento que se busca desenvolver e fundamentar a Educação Física. Todo o ser vivo, inclusive o homem é dotado de um mecanismo que funciona dentro de leis e princípios mecânicos. A biomecânica por sua vez, desenvolve e aprofunda a compreensão maquinal do movimento humano.

A locomoção é outra maneira de aprendermos o movimento humano. Caminhar. Correr e saltar são apenas formas de locomoção, tudo depende da situação e condições.

O movimento humano pode ser compreendido como força ou energia produtiva, forças que são empregadas para realizar determinadas tarefas com o objetivo de alcançar metas que os homens se propõem.

O movimento humano ainda pode ser compreendido como linguagem, ou seja, como capacidade expressiva. O homem se expressa pelos seus movimentos, pelas suas posturas, pelos seus gestos. O corpo humano é fala, é expressão. O

homem se expressa no seu olhar, na sua face, no seu andar, ao ocupar um lugar; o movimento humano será sempre intencional e pleno de sentido.

As articulações do movimento humano.

As possibilidades de articular o movimento humano, constituem o espaço específico da Educação Física e ela deve estabelecer sua ação educativa partindo do homem como um ser capaz de assumir posturas expressivas corporalmente.

A filosofia fenomenológica-existencial afirma que toda a ação humana é intencional., conclui-se então, que os movimentos estão sempre envolvidos pelo mundo das significações. Nenhum movimento humano está no mesmo nível do movimento animal e das máquinas.

A verdade é que o homem se posiciona e se move sempre intencionalmente, ou seja, significativamente.

Os componentes intencionais da articulação do movimento humano.

Internos:

Expressividade: os movimentos se constituem em linguagem, que identifica o movimento com o seu significado. O movimento do gesto e seus significados são inseparáveis.

Competitividade: Todo movimento humano é de alguma maneira competitivo. O movimento parece ser sempre um esforço para o encontro, para a aproximação buscando superar distâncias, obstáculos, sejam físicos ou psíquicos.

Prazer: O movimento vivido com satisfação, os movimentos de expressão corporal, de dança, de arte, podem perceber a idéia do que é o movimento entendido como prazer.

Premiação: O movimento mais facilmente assumido por nós é aquele que traz em si mesmo o prazer de ser feito, pelo simples fato de Ter sido feito. Não se trata de uma premiação externa ao movimento, mas a ele mesmo. Trata-se de uma recompensa íntima, totalmente pessoal.

Produtividade: O movimento humano é sempre desencadeado como uma ação produtiva. O movimento é procurado por si mesmo porque nos agrada, porque queremos fazê-lo.

Os componentes intencionais internos constituem a mola mestra do movimento humano e dão a verdadeira identidade e autonomia da Educação Física.

Externos:

Os componentes intencionais externos fazem do movimento, em geral, e da Educação Física, em particular, um instrumento para obter um valor que não faz parte do movimento.

O movimento humano é reduzido apenas ao aspecto corporal e a Educação Física pode assumir mais um caráter de treinamento, adestramento do movimento corporal, colocada preferencialmente a serviço do esporte.

Os valores corporais, em alguns momentos históricos foram constituídos pelo rendimento e pelo desempenho, quando o movimento foi educado não tendo em vista o indivíduo e suas situações existenciais, mas sob o ponto de vista do atleta padrão, que tinha como objetivo unicamente a competição.

Parece ser de suma importância sabermos o que se quer quando introduzimos na Educação Física dada nas escolas as práticas esportivas ou o esporte. Com o esporte queremos desenvolver a competição ou queremos simplesmente a diversão, o entretenimento e a interação das pessoas.

A escola em outro momento, privilegiou a educação intelectual, centrando suas preocupações em atividades e conteúdos cognitivos.

O movimento humano passou a ter pouco espaço nas preocupações educativas e na constituição dos currículos de cada nível de instrução ou cada curso que formava profissionais para atuar na sociedade.

“O homem, como ser capaz de movimento, parece pouco ou nada significar para as atuais pedagogias.” (SANTIM, 1987, p. 59)

Vamos abordar alguns possíveis caminhos que possibilitam uma abordagem filosófica da Educação Física:

O caminho da linguagem: conduz às palavras do título e permite analisá-las sob vários ângulos, onde as palavras estabelecem limitações e distinções.

O caminho educacional: chega-se às questões básicas do que se deve entender por Educação Física. Educar quem ? Que homem? Educar o corpo sob qual aspecto? Treinar ou educar? Movimentos, performances, rendimentos devem ser os resultados da educação física?

O caminho da antropologia: Reflexão sobre as funções e a importância da Educação Física, qual o seu espaço e sentido para a vida individual e social.

O caminho institucional: Como situar a Educação Física nas instituições educacionais, instituições esportivas ou de lazer? A Educação Física compreendida como um acréscimo ou apêndice do projeto educacional escolar, e ainda a problemáticas dos alunos dispensados.

Conforme SANTIM, (1987), existem quatro grandes acessos para a reflexão filosófica do tema, os quais certamente irão contribuir para uma revisão de conceitos e valores da Educação Física:

Componentes antropológicos: necessidade de referencial teórico e a compreensão da realidade. Separação entre o discurso e a prática.

Linha filosófica ou ideológica: com base no exercício físico e na competição como fundamento do esporte. Na apresentação didática ocorre a presença de três momentos distintos:

- a) Na escola – Análise das escolas de primeiro e segundo grau ou de ensino superior sobre os critérios de dispensa da disciplina, observando que todos os alunos dispensados são capazes de movimentos e exercícios físicos, ficando excluídos.
- b) No curso de Educação Física – Para se cursar é necessário se preencher certos requisitos corporais e de performances, avaliados por desempenho. O porte atlético, a capacidade de exercícios e desempenhos físicos caracterizam (caracterizavam?) , via de regra, os alunos e profissionais da Educação Física.
- c) No esporte – exige com maior rigor e frequência a padronização do movimento, é o princípio da produtividade que está em jogo.

Limites opcionais: Nossa herança cultural nos acostumou a pensar no homem a partir do espírito, ou da alma, ou da consciência, deixando o corpo em segundo plano. O exercício ou a prática educativa na Educação Física, pela maneira como é apresentada, não se esgota ou não se plenifica nela mesma, mas busca sua plenitude e mesmo sua razão de ser em outra instância.

Através da análise dos padrões conceituais que a Educação Física viveu neste período, há que se rever alguns valores sobre a sua ação na sociedade. Triunfar não é dar um bom espetáculo, mas é antes de tudo, vencer o outro. E vencer o outro é dominá-lo, é ser superior.

O jogo torna-se luta e guerra, não é mais lazer ou diversão, nem espetáculo. O próprio espectador deixa de aplaudir ou vaiar, para se constituir num fanático exigindo a vitória a qualquer preço pelo seu grito de guerra.

Somos sempre levados a pensar o homem dualisticamente, onde a dimensão corpórea só pode ser considerada numa função de serviço.

Nossa pedagogia ocidental insiste em apresentar o corpo apenas como um instrumento apenas, como um objeto de uso para fins nobres.

A verdade é que a maioria dos indivíduos não possuem consciência do próprio corpo, não havendo uma identidade. A sociedade atual moldou um indivíduo consumista, que cultua o corpo e que está mais preocupado em ter um corpo

perfeito, de acordo com os padrões estabelecido pela mídia, sem se importar com os prejuízos que possam acontecer.

Este indivíduo não está preocupado com o cultivo do corpo, com a sua sensibilidade. “Não temos mais consciência do nosso corpo. De tanto ser condenados à imobilidade em um espaço restrito, os membros, os músculos perdem o gosto do movimento, tornam-se desajeitados não ajudam a mente a descansar, o que muitas vezes leva as pessoas a descarregarem, pela agressividade, a energia que não encontrou via de expressão.”(BERGE, 1988)

O corpo passa na atualidade, ao serviço de um ideal de desempenhos ou performances, de dominação e de supremacia ideológica.

M. PONTY (1945), afirma, que o princípio do uso do corpo dever ser substituído pela idéia de ser corpo, isto é, de viver o corpo, de sentir-se corpo.

A corporeidade, seguindo o pensamento de Ponty, deve estar incluída na compreensão da consciência e do eu. O eu ou a consciência são corporeidade.

Todo o indivíduo se percebe e se sente como corpo, é na corporeidade que o homem se faz presente. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade, onde o homem em todas as suas funções e vivências precisa ser corpo, o que é bem diferente dizer que precisa do corpo.

“Na medida que vivemos a corporeidade ou nos sentimos corpo, nos tornamos significativos a nós mesmos e aos outros.” (SANTIM, 1987, p. 51)

A Educação Física e o esporte dentro das universidades tem um alcance muito mais profundo para quem de fato pensa a educação como um caminho de humanização do mundo e da sociedade.

O que se quer é recolocar a educação física e o esporte no espaço exigido, não só pela legislação, mas especialmente pelo processo da educação humana.

É necessário discutir o que representa a Educação Física na formação e desenvolvimento da pessoa humana. Não é a lei que estabelece a importância. O valor da educação física e das atividades esportivas deve encontrar seu fundamento nas necessárias exigências do modo de ser do homem.

A qualidade de um curso depende tanto de professores quanto de alunos, dos currículos bem formulados e de embasamentos anteriores. Será possível, então, propor e operacionalizar mudanças eficazes na Educação Física e nos Esportes a partir do 3º grau ?

É verdade que uma vez institucionalizados os comportamentos e as idéias, através da regulamentação estatal, torna-se mais complexa a tarefa de introduzir mudanças nesses institutos monolíticos legais, em particular quando a escola é dominada por mentalidades administrativas e pouco educativas.

A maior barreira às mudanças é levantada pelos que se acomodaram, aquelas pessoas que acabaram de crescer, e não possuem mais imaginação.

“A Educação Física nem sempre foi considerada de capital importância, nem mesmo por alguns de seus profissionais, porque não é posta como uma real educação humana, mas apenas como suporte para atividades esportivas, acabou sendo uma disciplina facilmente dispensável.” (SANTIM, 1987, p.81)

Como um elemento fundamental na educação, a educação Física deve ter como objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo, e para isso deve fazer uso das atividades físicas, esportivas e recreativas, que vão atuar como agentes de transformação do processo educacional, atuando sobre aspectos da natureza afetiva, psicomotora, cognitiva e social.

Nesta medida, (BRITO, 1996, p. 148) diz “lançam-se olhares para o enfoque holístico e/ou transpessoal no campo de ação da Educação Física, especialmente quando esta é dissociada do processo educativo, numa visão fragmentada. Dentro desta filosofia que tem por fim a valorização total do indivíduo, a educação e o educador devem dar-se conta da natureza do homem integral e da necessidade do conhecimento de seu aspecto interno e externo”.

Em outra análise dos significados da Educação Física podemos verificar a sua essência lúdica, pois conforme LORENZ, (1986, p. 63): “O homem só se torna completamente humano quando brinca”.

O brincar poderá ser uma propriedade ou uma capacidade do homem.

O brincar faz nascer o novo homem. No brincar o homem deixa de ser um ser vivo como os demais seres vivos, pois assume um dado novo, valorizando o brinquedo, ultrapassando totalmente o mero biológico.

É o momento onde se instala o poder criador ou o princípio da criatividade, pois o processo criativo consiste em acrescentar algo de novo a alguma coisa já existente.

A compreensão da sensibilidade e da corporeidade foram perdidas pelo homem, que aos poucos foi negando seu corpo, deixou de ser corpo. Lentamente o homem deixou de sentir e foi também proibido a emocionar-se.

Quanto mais imune às emoções, o homem se julga com maior personalidade e mais dignidade no desempenho de suas funções e aos poucos a nossa civilização vai destruindo as emoções.

Se o homem não se emociona para não chorar, ele acaba perdendo também o sorriso, a alegria da vivência lúdica.

É preciso aprender escutar-se e desta forma ouvir a fala da corporeidade, atendendo os sinais do sentimentos.

Tentar escutar as vozes da sensibilidade que habita em nós poderá ser o melhor caminho de aprendizagem. Ouvir falar, que está envolvido pela sensibilidade, poderá ser outro caminho.

A sensibilidade está adormecida em nós, ela faz parte do ser humano, pode estar silenciada, mesmo sepultada. Ela só poderá reaparecer no momento que despertarmos para as harmonias do universo.

“Os jovens precisam ser expostos muito mais intensivamente à grandeza e à beleza deste mundo, para que assim possamos evitar que se desesperem pela atual situação da humanidade”. (LORENZ apud SANTIM, 1987, p.88)

É mais um desafio à Educação Física desenvolver a sensação e a percepção das grandes harmonias. Existem infinitos tipos de harmonias, o que falta é a sensibilidade para percebê-las.

O esporte brincado, também denominado de lazer poderá ser um caminho para reencontrar harmonias perdidas através dos pesados regulamentos e técnicas impostas às atividades esportivas.

“Será pelos caminhos do lúdico que se pode encontrar as dimensões do humano e, assim, alcançar as raízes antropológicas do esporte em geral e do EPT (Esporte para Todos), em particular.”(SANTIM, 1987)

“ O jogo sempre aparece como um comportamento”. (GADAMER-VOGLER, 1977:p. 63).

Investigar portanto, seguindo as regras da brincadeira implica envolver-se e participar diretamente nos acontecimentos porque, para se entender o significado real do jogo devemos nos tornar parte dele, pois a compreensão está na própria experiência.

Pretende-se captar o lúdico no seu acontecer, na medida que se faz parte integrante deste acontecer. O lúdico¹⁰ não é conceituável, situando-se na esfera do simbólico. Ele é um modo de comportamento, o que significa dizer que é uma valoração, um sentido, uma intencionalidade do homem.

As atitudes individuais ou coletivas vividas ludicamente variam de indivíduo para indivíduo, de uma comunidade para outra ou entre diferentes culturas e cada cultura, em cada época, consagra maneiras próprias, às vezes exclusivas de concretizar o lúdico.

O lúdico não se coloca no centro do cenário das atividades humanas. Acontece em outra dimensão. “ O jogo é criatividade finita na dimensão mágica.” (GADAMER-VOGLER. 1977.p. 68)

¹⁰ Relativo a jogos e brinquedos. O lúdico acontece nas dimensões da magia, da imaginação e traduz a alegria e o prazer de uma ação espontânea, onde cada indivíduo descobre sua essência humana. (SANTIM, 1987)

A energia lúdica se dá nas emoções ou na excitação dos sentidos, o lado não racional, em outras palavras, o lado não “sério” do humano.

Ser sério não significa estar destituído da alegria do sorriso, bem como não estar sério de forma alguma compreende falta de compromisso com os valores e tarefas do dia a dia. Todos nós, desta forma, podemos viver o nosso corpo com entusiasmo e alegria. Cabendo a Educação Física uma visão atual que possa privilegiar ao homem um encontro com a sensibilidade, o qual poderá ser mais concreto através da consciência corporal.

O trabalho é visto como uma atividade séria, responsável e produtiva, conceitualmente as atividades de trabalho teriam sempre uma meta a atingir obrigatoriamente e já preestabelecida. O trabalho busca o rendimento, transforma-se em produção e visa o lucro ou a subsistência. O trabalho se desenvolve no âmbito do mercado e como mercadoria.

“ O lazer é entendido, preconceitualmente como o lado oposto ao trabalho. O lazer ao contrário, é o espaço livre, disponível, entregue à vontade de cada pessoa, é neste espaço que fazemos acontecer o lúdico e onde os momentos livres são transformados em jogo, pois o jogo, segundo Huizinga, é uma ação ou tempo livre”.

(SANTIM, 1987)

O lúdico portanto, na civilização da ciência, concretizar-se-ia nas atividades do lazer, onde não há fins lucrativos – ou não deveria ter – nem preocupações com resultados e rendimentos.

Pode-se dizer que o lúdico é uma das tantas possibilidades do homem manifestar-se.

Será preciso deixar de lado as ciências e as técnicas do esporte e dar prioridade ao desenvolvimento da sensibilidade, é na sensibilidade que emerge a compreensão do outro. Sabemos que a racionalidade explica o homem. Mas é o coração e a sensibilidade que possuem o dinamismo da compreensão humana.

Jogar, para muitos, é perder tempo. Brincar é coisa de criança. O adulto não brinca mais. Pior, o adulto sente vergonha de brincar. Ele não sabe mais brincar. Realmente, quando o adulto joga, o jogo se distingue do trabalho.

O tempo livre é apenas uma parcela do tempo vivido pelo homem. O tempo é algo que está aí junto à gente, um conceito totalmente transparente.

O tempo não passa, para a maioria das pessoas de um objeto ou de uma coisa qualquer, pois, estamos habituados a pensar e a entender o tempo como um conceito universal, interpretando-o sob a tríplice dimensão do passado, presente e futuro.

Poucos demonstram disposição de questionar e buscar uma nova compreensão da questão tempo, mesmo sendo ele um elemento fundamental da

construção do modelo de compreensão do mundo que caracteriza a especificidade de cada cultura .

Para os hindús o tempo é o fruto de uma ação ritual, e resume-se em uma relação de fatos significativos. Para os chineses o tempo não é mensurável “matematicamente”, mas compreendido como um estado da natureza, podendo apreciá-lo como um chá ou uma pura seda.

Já na tradição judaico-cristã existe uma leitura ritual do tempo, o qual passa a concretizar-se pela dramaticidade, que começa com a queda de Adão e Eva e alcança sua plenitude com a presença de Jesus Cristo.

As representações do tempo são componentes essenciais da consciência social, cuja estrutura reflete os ritmos e as cadencias que marcam a evolução da sociedade e da cultura. O modo de percepção do tempo revela inúmeras tendências fundamentais das sociedades e das classes, grupos e indivíduos que a compõe.

O tempo tornou-se para o homem da cultura ocidental, uma entidade paralela às coisas existentes. Ele manipula a categoria do tempo como qualquer categoria de objetos, transformando-o em um bem, uma mercadoria ou um valor econômico possível de venda ou de troca.

Podemos concluir que a percepção do tempo de uma determinada comunidade pode nos revelar a própria essência de sua vida cultural.

“ É que o tempo, a uma só vez, a duração subjetiva que separa o desejo de sua satisfação, e o tempo objetivo é mensurável da ação econômica, há um tempo do desejo e um tempo do trabalho que constitui duas entidades muito diferentes e cuja codificação é muito diferente, conforme a importância que lhe atribui cada cultura.”
(GUIRAUD, 1991)

A compreensão do fenômeno do tempo se constitui dentro da mesma estrutura paradigmática aplicada às demais instâncias da realidade. A história da cultura nos mostra a relação da semântica do tempo vinculada ao sistema significações da comunidade.

O tempo livre não é apenas uma exigência do ser humano, ele também acontece na esfera psíquica e social.

O tempo livre confunde-se com a emoção, com o sentimento de prazer, com a experiência agradável. O tempo livre é festivo, alegre, espontâneo, ele não é um momento de relógio, mas é vivência e estado de Espírito.

3.5 - O VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO INICIAL DA CRIANÇA

A pré-escola é um local que deveria preparar a criança para uma outra fase da vida, a do estudo e a do conhecimento. Por isso, não devemos deixar de lado, a concepção de que este local será uma oportunidade de haver uma vida intensa e muito estimulante; onde a criança terá liberdade para a imaginação, para o desenvolvimento de suas capacitações e muito mais.

A criança deverá ser estimulada com certeza mas de certa forma haverá uma cobrança por parte de seus méritos, o estímulo verbal é muito aceito bem como há outras sugestões a serem trabalhadas com infância na escola. A pré-escola deverá ser um local agradável onde a criança também terá o direito a muito lazer e estímulo.

Contudo, a pré-escola é um preparo para o que vai chegar, mas o que e quando? Os quandos, os agoras, os depois nunca existem, porquê o tempo adulto não existe, não foi inventado na sua concepção e as crianças não contam o tempo como os adultos, por isso elas vivem o momento, fazendo dele seu tempo e seu mundo.

Há de se modificar muitas coisas na educação infantil, até mesmo o nome em questão, que chamamos de pré-escola. Devemos aprender com os fatos, com o trabalho, com a vida e por quê não com a criança? É na infância, mas poderia ser em qualquer fase da vida, que deveríamos acreditar e viver como uma criança, pois para ela cada dia é vivido como se fosse o último de todos.

Brincar onde? O espaço físico que as pré-escolas reservam para as atividades corporais são escassos, quando existem para esta prática, e mesmo assim são autorizadas a funcionar, prova de que quem as autoriza não deve entender muito do assunto em questão.

O brinquedo existirá de um jeito ou de outro, dependendo de fatores diversos como a cultura, as condições sociais e econômicas, desenvolvimento biológico e até da etnia, visto que a brincadeira e o jogo sofrem interferências culturais na sua organização.

A criança na sua primeira infância centra o seu brinquedo em sua própria atividade, em seus interesses e infelizmente existem muitas escolinhas por aí que não levam muito em consideração a importância do brinquedo e da atividade física para a criança, não percebendo o valor deste ato do brincar na formação profissional.

“Não creio que a Educação Física e o jogo sejam a única solução para os problemas pedagógicos, mas diante das características da criança na primeira infância, não há por que não valoriza-los, pois o jogo como qualquer outro recurso pedagógico, tem consequências importantes no desenvolvimento da criança.”
(FREIRE, 1992)

Há de se refletir sobre a padronização¹¹ dos movimentos das crianças e na existência de padrões de desenvolvimento a serem atingidos nos diversos níveis da educação.

¹¹ Ato de padronizar. Servir de padrão e modelo (ROCHA, Ruth, 1996, p.447)

A Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola e não desintegrada dos seus objetivos, pois as habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, mas devem estar claro quais serão as conseqüências da negação ou da afirmação destas ações na escola, tanto do ponto de vista cognitivo, social e afetiva da criança.

“Cada coisa a ser pega exige uma atividade motora particular. Cada assimilação exige uma acomodação.” (FREIRE, 1992, p. 29)

Até o momento em que surge a linguagem, todos os esquemas motores básicos deverão ter sido estruturados, onde as palavras substituem as ações físicas.

A linguagem é fundamental, não só para a estruturação de um nível cada vez mais elevado de pensamento, mas mesmo para a estruturação de outros atos motores, pois a linguagem é um processo de auto-conhecimento e reserva a quem faz parte do processo novas descobertas em cada ação, seja ela verbal ou corporal.

A falta de criatividade é um dos graves empecilhos para uma Educação Física de melhor qualidade no âmbito escolar, pois o brincar não pode ser uma coisa chata, sem possibilidades da iniciativa ou da criação, ou acima da transformação do ato de brincar em um momento de magia e imaginação.

O que falta nas escolas na maioria das vezes, não é material, é criatividade e essa tal de criatividade nunca é ensinada nas escolas de formação profissional, como nos cursos de Educação Física.

“Nos cursos de Pedagogia e de Educação Física, os alunos deveriam ser estimulados a analisar as atividades lúdicas, a criticá-las, envolvendo-se eles mesmos nas atividades. Seria fundamental que se pudessem aplicar parte dessa produção em alunos, durante seus estágios. É necessário, então, dar mais atenção ao brinquedo, à atividade lúdica, à cultura infantil, como material de trabalho do professor, essencialmente nas escolas de formação.” (FREIRE, 1992)

A discussão em torno do papel da Educação Física nas quatro primeiras séries do 1º grau é relevante, visto que na grande maioria das escolas de formação inicial quem trabalha com a Educação Física é a própria professora regente, da sala de aula, a qual recebeu pouca ou nenhuma preparação específica para as atividades físicas e recreativas a serem desenvolvidas.

A inclusão de um especialista na área, neste nível de ensino é bastante questionado, pois a necessidade existe e está à mostra, mas as leis não defendem e as questões econômicas não possibilitam a contratação.

Alguns projetos desenvolvidos, privilegiam a inclusão de estagiários da área da Educação Física para atuar em conjunto com a professora, mas isto não seria a solução do problema, pois ainda faltariam referenciais teóricos e práticos para a qualidade do trabalho a ser desenvolvido, visto que este ainda não é um profissional habilitado para esta ação.

Os interesses corporativistas seguramente não levam em conta a necessidade de uma educação adequada para os escolares brasileiros, mas sim a ampliação do mercado de trabalho.

É fundamental que a criança não seja privada da Educação Física a que tem direito. O problema será resolvido em termos econômicos, dificilmente a questão será julgada em função da competência e responsabilidade para com a Educação Infantil.

Uma questão é o inquestionável benefício da atividade física no desenvolvimento de uma criança, outra é verificar como esse benefício acontece dentro da escola e há de se pensar ainda na linguagem corporal, aquela que deve ser trabalhada na Educação Física?

“Os atos motores são indispensáveis, não só na relação com o mundo, mas também na compreensão dessas relações. Se por um lado, temos a atividade simbólica, através das representações mentais, por outro, temos o mundo concreto. Ligando-os está a atividade corporal, pois não se passa no mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal” (FREIRE, 1992)

A educação pelo movimento seria, talvez, uma educação através do movimento? Poderíamos definir então as ações da Educação Física como:

Educação do movimento; seria perfeitamente cabível enfocar-se a educação diretamente em termos de habilidade motoras a serem desenvolvidas.

Educação pelo movimento; todos os movimentos produzidos num certo nível podem e devem servir de base para outras aquisições mais elaboradas. Através dos movimentos aprendidos, se atingiriam outro.

Educação para o movimento; as habilidades motoras são o objetivo terminal da Educação Física.

Independente das definições ou conceitos, o fundamental é estar consciente que a educação corporal é um dos principais objetivos a serem atingidos pela Educação Física.

“A Educação Física não é apenas educação do ou pelo movimento: é educação de corpo inteiro, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-la de movimentos qualitativamente melhores, apenas. Significa também educá-la para não se movimentar, sendo necessário para isso, promover tensões e relaxamentos, fazer e não fazer”, (SANTIM, 1992, p. 84)

É possível que uma criança saiba mais sobre assuntos veiculados pela televisão e outros meios de comunicação do que sobre as coisas próprias de seu meio social e cultural, pois a quantidade de informações recebidas pela criança através destes meios é bastante significativa, enquanto suas práticas pedagógicas, muitas vezes, ficam restritas ao conhecimento do professor ou dos currículos estabelecidos.

“Uma boa proposta, que facilite esse desenvolvimento, é aquela em que a criança vacila diante das dificuldades mas se sente motivada, com seus recursos atuais, a superá-las” (FREIRE, 1992, p. 114)

O jogo neste contexto implica na existência de regras, de perdedores e ganhadores quando de sua prática. Piaget verificou que os jogos ou brinquedos podem ser de três tipos: de exercício, de símbolo e de regras.

Quando alguém realiza, sem necessidade, um ato já conhecido, deve estar fazendo-o por prazer – o prazer que o saber-fazer confere.

A repetição de gestos já aprendidos em situações em que seu uso não era necessário, por puro prazer como que para exercitar o gesto aprendido de forma a não desaprendê-lo.

Esta ação caracteriza-se como uma conduta lúdica, um jogo e se essa ação é circunscrita ao ato corporal, chamamos a isso de jogo de exercício.

O **jogo de exercício** “não tem outra finalidade que não o próprio prazer do funcionamento

O **jogo simbólico**, no jogo simbólico pode-se fazer de conta aquilo que na realidade não foi possível. Assim como todas as formas de jogo aparecem com maior ou menor predominância, em todos os períodos de vida, também as funções dos jogos são semelhantes em qualquer uma delas.

O **jogo de regras**, características do ser suficientemente socializado, que pode, portanto, compreender uma vida de relações mais amplas.

Mas o jogo não representa apenas o vivido, também prepara para situações que hão de vir, para o futuro.

Conforme, PIAGET apud FREIRE (1992, p. 117), “a regra é uma regularidade imposta pelo grupo, e de tal sorte que a sua violação representa uma

falta”. Piaget define a regra, característica principal das relações dos indivíduos em sociedade, os quais, quando jogam, o fazem socialmente.

Pensar não é só representar mentalmente uma ação realizada corporalmente, não é só copiar mentalmente a realidade corporal. Os pensamentos combinam-se entre si em processos mais complexos, ou seja, podemos formar pensamentos de pensamentos.

“Quem faz é o próprio corpo e quem pensa também é o corpo. As produções físicas ou intelectuais são, portanto, produções corporais. Essas produções se dão nas interações do indivíduo com o mundo.” (FREIRE, 1992, p. 134)

O jogo ou o esporte representam, num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade em geral, onde a competição não nasce com o jogo, mas é nele representada.

A competição¹² lúdica tem exercido funções importantes, ou seja no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade uma característica que, na sua ausência, poderia ter-nos custado a própria existência da espécie, pois historicamente sempre necessitamos vencer para seguir à frente e atingir os objetivos.

¹² Ato de competir, uma disputa. Para se entender a definição de competição é necessário refletirmos sobre a ação do competir, quando ocorre uma disputa simultânea com outrem, ou ainda pode ser vista como ‘ser de direito, ser de competência, ser de obrigação. (ROCHA, Ruth, 1996)

“Ser competitivo é um recurso humano para estar no mundo.” (FREIRE, 1992, p. 151)

Uma das diferenças básicas entre o comportamento social de crianças da primeira infância e as da segunda infância é que aquelas se consideram o centro de todas as coisas e tudo gira ao seu redor, dependendo delas todas as ações realizadas.

Podemos afirmar que brincando a pessoas tem espaço para aprender.

As crianças brincam de serem adultos. O que é sério para nós, para elas é brinquedo, o que não quer dizer que tudo o que fazem é brincar. LE BOULCH apud FREIRE (1992), afirma que desde o início do desenvolvimento psicomotor também inicia-se o processo de socialização, uma vez que o equilíbrio da pessoas só pode ser pensado pela relação e na relação com os outros..

Há de se ressaltar que quando a integração em um grupo é insuficiente, as aptidões pessoais e a imagem corporal também poderão ser alteradas. (FREIRE, 1992)

A afetividade do educador é colocada em evidência, mais que nunca, quando da realização de atividades de Educação Física.

Realizar aulas de Educação Física utilizando-se de um arsenal de medidas disciplinares para enquadrar os corpos das crianças em hábitos estereotipados de movimentos, é a maior de todas as provas da insegurança do professor perante os corpos infantis.

Se a escola não fosse um ambiente, às vezes, de terrorismo pedagógico, onde a criança é vista como um mero participante de um processo, criado para a manutenção da ordem e da disciplina, é certo que o que se aprende com prazer, fica melhor aprendido.

É contraditório e preocupante perceber que nas faculdades de Educação Física, paradoxalmente, o corpo é rejeitado.

O aluno do curso de Educação Física, muitas vezes rejeita ou não compreende com naturalidade a sua própria vivência corporal, limitando suas ações e desta forma impede a criação e a afetividade.

A importância de demonstrar as relações entre os conteúdos da disciplina Educação Física e os das demais disciplinas reside, não na sua importância como meio auxiliar daquelas, mas na identificação de pontos comuns do conhecimento e na dependência que corpo e mente, ação e compreensão, possuem entre si.

Como avaliar a aprendizagem do movimento quando sabemos a infinidade de fatores nele envolvidos, tais como força muscular, resistência, agilidade, ritmo, sentimento, cognição, afetividade etc.?

A Educação Física é prazer. A Educação Física é composta por atividades de socialização que podem ser desenvolvidos com atividades em sala, seja em pé, sentados, andando, ou marcando o ritmo.

A alfabetização é raciocínio matemático, é afetividade, é motricidade e pode ser aprendida também pulando corda ou brincando de amarelinha, utilizando desta forma o corpo e o movimento como um componente imprescindível na educação.

Não há duas crianças iguais., mas existem crianças que mostram enormes dificuldades para, por exemplo, “entrar” na corda por um lado ou pular fazendo giros de 180°.

“As crianças são diferentes no início e serão diferentes no final do processo educativo.”(FREIRE, 1992, p. 206)

Desta maneira torna-se fundamental para a concretização de uma educação humana e integral, onde sejamos capazes de perceber, compreender e respeitar as características individuais de cada pessoa, valorizando sua cultura e suas ações criativas, oportunizando a cada uma a descoberta de novos horizontes para a educação e de forma especial para a Educação Física.

3.6 - A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As ultimas décadas tem sido marcadas por reflexões para mudanças e alternativas que possam melhorar a qualidade do ensino em nossas escolas. A Educação Física não poderia estar fora destas transformações, visto que é uma área de múltiplas interferências na formação de ser e atuar do homem; para tanto, debates e questionamentos mais críticos estão à tona sobre a Educação Física no âmbito escolar.

A Educação Física ainda sofre influências reducionistas que a colocam em situação anacrônica, fora de sintonia com os objetivos de uma educação crítica e emancipadora. A necessidade da superação destes conceitos coloca uma proposta de que a Educação Física, como área de conhecimento deixe de perceber o homem e seu corpo unicamente em seus aspectos motores, padronizados, mecânicos e consequentemente fora do contexto da realidade do mundo moderno.

Conforme nos afirma VAGO (1997, p.87) “é preciso pensar uma Educação Física que não está preocupada em produzir “corpos esculturais”, mas em participar da construção dos “corpos culturais” das crianças e adolescentes...”, podemos neste momento atual ressaltar ainda os corpos dos adultos e da terceira idade que hoje já se transforma na maior população do nosso país.

A Educação Física como área de conhecimento, deve atuar sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e criadas ao longo da história através dos jogos,

brincadeiras, da ginástica, das lutas, do esporte, formando desta forma uma cultura do movimento.

Esta cultura pode ser entendida ainda como cultura corporal, que vai ser aplicada nas escolas através de conteúdos e princípios pedagógicos, ou ainda fora delas através das manifestações culturais do corpo apresentados por profissionais ou não-profissionais que ainda estão no mercado de trabalho desta área.

Serão estes “princípios” os norteadores da nova Educação Física escolar?

“O movimento humano – não é qualquer movimento, mas sim um específico e pleno; o movimento humano, que é social e culturalmente construído e, como tal, precisa ser analisado em toda sua totalidade, ou seja, como resultante da interação de seus componentes biológicos, psicológicos e socioculturais” (STUMPF, 1999, p.120)

Diante desta perspectiva é preciso em primeiro lugar considerar o acervo cultural adquirido pelos alunos e participantes do processo de educação. Considerando uma reflexão histórico-crítica do movimento humano é urgente oportunizar a todos os envolvidos uma investigação mais profunda sobre as práticas corporais lúdicas, que advém das diversas manifestações culturais do cotidiano de cada pessoa.

A dimensão lúdica da cultura infantil compreende os jogos e brincadeiras, componentes essenciais da atividade recreativa, como uma importante atividade social que vai interagir nas relações humanas.

Como relatado anteriormente neste trabalho FREIRE (1992), afirma “ que as brincadeiras como a amarelinha, pegador e cantigas de roda, expressam o saber popular que vai denotar a cultura de movimentos de cada indivíduo ou dos grupos envolvidos no processo educacional, podendo desta forma originar o ponto de partida para a Educação Física escolar.”

Esta análise quer destacar a importância do caráter lúdico nas ações corporais dentro ou fora da escola, ressaltando que os profissionais da área da Educação Física deveriam contemplar a brincadeira como um princípio norteador da cultura corporal vivenciada pelas crianças nas séries iniciais, visto que a brincadeira pressupõe liberdade de ação, criatividade e originalidade.

A brincadeira que é a real manifestação das ações lúdicas do homem deve ser um ponto de partida e de referência para a cultura do movimento.

“ O homem só se torna verdadeiramente humano quando brinca.”
(SCHILLER, Friederich in texto mimeografado)

Diversos estudos sobre a dimensão lúdica denotam a compreensão do sentido humano no ato de brincar, não perdendo de vista a investigação do que se produz e da condição de vida das pessoas envolvidas.

A concepção do lúdico está também na compreensão da realidade social e no conhecimento adquirido pelo homem na sociedade, pois o lúdico se manifesta na forma como o homem expressa estes conhecimentos e daquilo que cria, ou transforma em sua cultura, também da explicação dos fatos.

O cotidiano, ou o dia a dia, que é a repetição de fatos que ocorrem sempre, tornando-se corriqueiros, é associado muitas vezes com a banalidade, com coisas de pouca importância.

Conforme GADOTTI, (2000, p. 72), “ para se conhecer o cotidiano, é importante conhecer a realidade do momento histórico que se vive. Por isso, é preciso distinguir o cotidiano da cotidianidade e da rotina. A cotidianidade e a rotina são a cristalização do cotidiano. Na cotidianidade e na rotina, o cotidiano deixa de ser um espaço vivo e aberto à liberdade, às iniciativas individuais, à criação”.

Às vezes algo semelhante pode acontecer com as práticas lúdicas que quase sempre são contrapostas com os aspectos “sérios” da vida, pois as práticas lúdicas podem ser entendidas como inutilidade ou improdutividade, o que na verdade não se pode concretizar, visto que o lúdico denota uma ação livre e criativa do indivíduo, proporcionando momentos de conhecimento através de ações individuais prazerosas. (BRUHNS, 1997)

As virtudes do lúdico apresentam variações, uma vez que a noção de jogo e brincadeira foram entendidos muito tarde no contexto escolar. É difícil associar a ação do jogo e da brincadeira, especialmente como formas de comunicação e expressão, aos elementos de um sistema educacional, visto que a livre organização e a espontaneidade contrapõem-se às funções pedagógicas da escola.

As escolas tradicionais defendem a seriedade como o lado oposto da brincadeira e acreditam que só se aprende quando se está em um momento formal, sério, dentro da sala de aula, já as escolas da sociedade contemporânea tem uma

visão mais abrangente sobre o processo de ensino aprendizagem, facultando à brincadeira uma parcela importante na construção do conhecimento?

KISHIMOTO, (1992), diz que o brinquedo educativo merece algumas considerações quando assume suas funções:

a) Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, essencialmente quando escolhido voluntariamente.

b) Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

Desta forma o que se entende é que o brinquedo, dotado de natureza livre e espontânea, não vai se compatibilizar com a busca de resultados, que é uma característica dos processos educativos. Como então reunir em uma mesma situação o brincar e o educar?

As reflexões sobre o jogo e a brincadeira relacionados ao caráter educativo remontam ao século XVI, embora alguns estudiosos relatem o jogo já presente na Roma e Grécia antiga, a fim de contrapor a violência e a imitação de atividades adultas para as crianças. O jogo na sociedade greco-romana aparecia como relaxamento necessário às atividades de esforço físico e intelectual.

Durante a idade média o jogo foi considerado “não-sério” devido à sua associação como jogo de azar, e a partir do renascimento serviu para divulgar os princípios da ética, da moral e conteúdos da história, geografia e tantos outros.

No século XIX o jogo se expande como elemento do processo educacional através de princípios abordados por Rousseau, Pestalozzi e Froebel, que criticavam a ação do professor, valorizando então a ação livre e espontânea do educando.

Já nos tempos atuais tenta-se equilibrar os dois paradoxos – jogo e educação – a fim de que o lúdico não venha a superar o contexto formativo e este mantenha características de liberdade, prazer e diversão, ao assumir a função pedagógica.

A entrada do jogo no ambiente pedagógico quer adaptar o ensino às necessidades atuais, valorizando a criança e a sociedade, sem distanciar-se dos objetivos intelectuais e socio-afetivos, o que vai depender circunstancialmente da atuação do profissional, que além de aceitar estas características, necessita muitas vezes transformá-las.

Os pressupostos básicos do jogo e da brincadeira devem ser compreendidos, aceitos e transformados pelo profissional em ação, o qual deve partir da essência do brincar da criança e desta forma transformar a brincadeira em algo produtivo.

De acordo com VYGOTSKI (1996), o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real.

Conforme os conceitos de Piaget, em seus estudos sobre as ações da criança em suas diversas fases, o brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada.

O profissional da Educação Física deve valorizar esta atividade, que tem sido desprezada no universo escolar, especialmente para que a ludicidade e toda a sua essência criativa possa ser melhor entendida como um elemento fundamental do movimento do homem, ou seja do movimento corporal com significado, destituído de padrões estéticos, personalizados ou comportamentais, valorizando desta forma o conceito de corporeidade que deve resgatar o processo de educação integral do homem.

Como dito anteriormente, existem concepções que consideram que o brincar nada produz a não ser o prazer e a alegria gerados pela própria brincadeira: se esta concepção for levada em consideração, então o que poderia se privilegiar na prática educativa com conteúdos que oportunizem a criatividade e a expressão livre, que é a essência do lúdico, teria simplesmente as conotações de improdutividade ou inutilidade.

“A palavra seriedade representa uma verdadeira antítese ao brincar, excluindo-o de sua real perspectiva, enquanto o brincar por ser uma atividade autônoma e de tal ordem elevada, pode incluir o sério em seus desígnios.”
(HUIZINGA, 1971)

Será então que os valores do lúdico transformaram-se com a idade, ou alteraram-se apenas nos seus interesses quanto aos tipos de brincadeiras.

A imitação da realidade e a própria realidade não estariam apenas no efeito da ação, onde o jogo aconteceria de forma real.

Há de se questionar ainda o comportamento ou as formas de reação do adulto e da criança no brincar, ou seja, sugerir que o riso possa ser apenas parte do universo infantil e que a seriedade é apenas privilégio do mundo adulto.

É muito importante, através da análise dos diversos prismas existentes neste estudo do lúdico, refletir sobre o quanto e de que forma o corpo brinca, como pode expressar-se de forma espontânea e criativa no contexto escolar e ainda mais nos momentos privilegiados da Educação Física na escola.

É fundamental e preocupante compreender que dentro da própria área da Educação Física o jogo e a brincadeira ainda não são concebidos como uma importante representação da expressão lúdica para o pleno desenvolvimento psicomotor do indivíduo, o que é essencial na formação educativa e porque não dizer na sua formação enquanto cidadão.

A Educação Física ainda dá primazia à dimensão competitiva do corpo, minimizando a ação do conteúdo lúdico e à inadequação destes elementos, em relação ao desenvolvimento psicomotor, não percebendo as perspectivas maiores que o jogo e o comportamento lúdico podem oferecer ao movimento humano e suas diversas culturas.

Tendo como primazia a ludicidade e suas principais características que são a criatividade, a espontaneidade e o prazer associados ao conhecimento que advém do processo de ensino-aprendizagem é urgente refletir se a formação do profissional da área está adequada com as concepções apresentadas até este momento, onde a essência do lúdico se apresenta como uma característica fundamental a ser observada, compreendida e valorizada na formação do corpo e do homem da sociedade atual.

A sublimação do lúdico pode estar relacionada apenas com a falta de conhecimento ou com a sua especificidade, que crescem cada vez mais no campo de estudo, ou mesmo com uma possível desatualização do profissional, em relação às diversas concepções do jogo, do seu papel social, dos seus elementos e da sua função pedagógica.

A descaracterização do lúdico e das expressões criativas e expressivas estão vinculadas ao desinteresse de certos professores ou profissionais, o que pode estar relacionado à sublimação de seus próprios desejos e emoções negligenciando a própria expressividade e a espontaneidade não respeitando desta forma os interesses de seus alunos.

Quem sabe esta reflexão possa explicar a pobreza da compreensão do papel das atividades lúdicas na educação, pois a escola continua encarando o comportamento lúdico, a criatividade e a espontaneidade como fatores alheios ao contexto escolar, não valorizando ou dando ênfase à cultura já adquirida pelo indivíduo, a qual vai estar presente em todos os momentos da sua formação.

É necessário uma retomada de caminhos e a mudança de determinados padrões e concepções da educação, particularmente da Educação Física, através de uma ação mais construtiva, mais estimulante, com consciência e criatividade, onde a visão do educador esteja voltado não somente ao fazer, mas de um ensinar sem padrões impostos, valorizando os conhecimentos anteriores e a expressão livre, lúdica, de quem está no processo educacional.

As instituições de ensino, de forma particular, deveriam preocupar-se mais com o papel de um educador facilitador, comprometido com sua ação de comunicador e com o respeito às individualidades, onde cada pessoa tem seu valor e suas potencialidades, estimulando sua criatividade, através da troca de experiências ricas e inovadoras.

O perfil do profissional da educação e da Educação Física, em caráter especial, deve passar pela possibilidade da expansão de sua criatividade e da busca de caminhos cada vez mais criativos para aprender e ensinar, através da arte e do lúdico, compreendendo desta forma melhor as pessoas que fazem parte do processo educativo.

“ Se olharmos para as pessoas, por mais velhas ou impotentes que possam parecer, podemos vê-las como se fossem crianças. Pois a maior parte de nós nunca amadurece, apenas fica mais alta...” (BUSCAGLIA, apud BRITO, 1996)

Já o autor da obra que analisa o “Lúdico e as Políticas Públicas”, com suas realidades e perspectivas, quer nos fazer pensar sobre estas referências, enfatizando que “a vivência do lúdico entendida como jogo, brincadeira e festa, são elementos

constitutivos de uma cultura que se situa em tempos e espaços historicamente determinados. Ao entendermos a vivência do lúdico não como uma possibilidade de fuga da seriedade do cotidiano, vamos inseri-la e redimensioná-la como uma ação significativa, praticada pelos sujeitos sociais.” (PEREIRA, 1996)

Para se construir uma Educação Física de qualidade, como a proposta da educação atual, que responda às exigências do mundo contemporâneo, é fundamental compreendermos o movimento do ser humano, que como já entendido em momentos anteriores, também pode ser definido como movimento corporal, o que nos retrata a influência dos aspectos corporais na formação da sociedade, em todas as suas diversidades culturais, por isto deve-se respeitar a história de vida do sujeito inserido no processo educacional.

É esta a responsabilidade da transformação profissional que exige o mercado de trabalho e o processo pedagógico atual, para a formação dos profissionais da área da Educação Física que vão atuar na sociedade contemporânea.

“ Os discursos nos mostram que quando um profissional tem potencial ele sai e muda o sistema, pois sem competência não há como furar o bloqueio. Além da formação técnica e seus aparatos instrumentais, é fundamental também que o profissional tenha competência”. (BRITO, 1996)

3.7 - O CURRÍCULO E A UNIVERSIDADE MODERNA

Existem várias concepções que tratam do termo denominado currículo, uma das concepções após o ano de 1960, conceituavam-no como um conjunto de experiências adquiridas pelo aluno e resultado das atividades criadas pela escola, o que ampliava a responsabilidade da escola na sua elaboração e organização, havendo desta forma uma evolução da concepção de plano de estudos para a realização de algo mais que o simples ministrar de conhecimentos.

O currículo também pode ser definido como um sistema de ações planejadas para a aquisição de experiência, pois conforme GIMENO (1986, p.14) :

“ Precisamos de um conhecimento teórico apropriado para compreender e governar o fenômeno do ensino, muito embora haja que reconhecer que, no âmbito das ciências da educação, talvez seja esta uma das partes mais desenvolvidas”.

O currículo não pode ser considerado apenas como um conjunto de realizações dos alunos, mas um projeto pelo qual a instituição escolar realiza a sua responsabilidade educacional. Em um bom currículo deve-se prever uma estreita relação entre os objetivos, os conteúdos e os meios de operação, também conhecidos com estratégias ou métodos, havendo um cuidadoso planejamento.

Não obstante à multiplicidade de definições de currículo, encontramos em todas elas, implícita ou explicitamente, um ponto comum, que é a relação estreita entre o currículo e a prática., e até nas definições mais recentes encontra-se uma outra relação, que existe entre o currículo e o projeto.

Pela complexidade que os conceitos de currículo apresentam, o que se justifica devido às complexas práticas diferenciadas desenvolvidas no espaço da escola, é através deste debate ou em torno do mesmo que se pode estudar e analisar o valor da Escola, enquanto instituição responsável pelo tratamento pedagógico e didático de conteúdos relacionados com a cultura.

Podemos então analisar o termo currículo como um processo ou um modo de organizar as práticas educativas e pedagógico-didáticas ligadas à Educação, não podendo deixar evidentemente de se falar na Escola. Deste modo quando se define currículo, é necessário se descrever “as funções da Escola, que são essencialmente:

- *Socialização dos sujeitos intervenientes à luz dos valores culturais histórica e socialmente determinados;*
- *Concretização de um “Projeto Cultural”;*

Estas duas funções da Escola são realizadas, concretizadas, a três níveis:

- *através da seleção de certos conteúdos (culturais);*
- *através da forma como são organizados esses conteúdos;*
- *através das práticas “imaginadas” para o tratamento organizado desses conteúdos.”*

(VILAR, 1994, p.15)

De acordo com VILAR (1994, p.16) :

“ o currículo é a forma [e a fórmula] pela qual se estrutura, no plano escolar, a Cultura que, em dado momento, tende a ser predominante. Deste modo, o currículo exprime e clarifica o papel e a importância social da própria instituição [a Escola]; na medida em que se (re)elabora nos processos e contextos

em que é concebido, bem como `a luz do ambiente de aprendizagem em que se desenvolve”.

Podemos considerar que o currículo não tem sido um produto estático, pois o mesmo reflete a função da escola aceita em uma determinada época, e as mudanças vão refletir nos propósitos do sistema educacional. Nas atuais circunstâncias, devido à expansão rápida do conhecimento científico e à agitação política e econômica ligadas ao espaço e o tempo estão provocando um grande impacto sobre os currículos.

No início deste novo século o mundo muda diariamente e as pessoas criam e evoluem, assim como as máquinas. A universidade não poderia neste momento de crescimento e inovação se furtar a participar dos momentos difíceis e históricos que a nossa sociedade está vivendo e desenvolvendo.

Alguns grandes estudiosos e cientistas logram à Universidade que deteve a cultura do passado, ainda no presente e pretende deter a do futuro, a responsabilidade de formar gerações, às quais determinarão a sequência dos nossos conhecimentos e da nossa cultura ao longo dos tempos.

Há de se pensar como podemos mudar este processo? A mudança deverá ser iniciada pela Universidade, pois o mundo atual não aceita mais a velha escola formadora de técnicos especialistas em cálculos, computação ou ainda no poder econômico e político, sem o real conhecimento dos valores humanos, sociais e de solidariedade.

Quando pensamos no discurso acima nos detemos então na importância da formação de um homem integral com características muito inerentes ao holismo, onde o aluno destas mesmas instituições universitárias necessitam serem entendidos e formados para um novo mundo onde os seres que constituem a nossa sociedade possam ser desvelados de preconceitos e estigmas, traduzindo através das suas ações mentais e corporais uma cultura humanista, aliando a tecnologia à esta nova filosofia de vida.

Há de se ressaltar aqui o pensamento de Albert Einsten...

“ não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser compreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade. “ (apud BRITO, 1996, p. 136)

Devemos pensar a globalização através da união de esforços pela saúde, pela educação e pelo desenvolvimento para a paz e pelo bem estar de toda a população.

Isto deverá acontecer com a participação da Universidade¹³ no sistema social, evitando a profissionalização excessiva, com a educação de um homem e um cidadão para a vida e não somente para o trabalho, respeitando suas características humanas, priorizando seu movimento e sua capacidade criadora, que nos reporta mais uma vez à uma educação lúdica e revestida de corporeidade.

É claro que a Universidade moderna deverá ser um centro de pesquisas integradas em todas as áreas, deixando sempre suas portas abertas ao homem, independente de classes sociais e econômicas, privilegiando a cultura como ponto de referência para a formação de todos os envolvidos neste processo educacional.

Seria privilégio termos uma concepção de currículo, em uma “escola” básica ou universitária que desse ênfase às habilidades básicas da vida, ou seja a saúde, ao pensamento, aos valores, ao corpo integral e à compreensão de si mesmo.

O currículo nos dias de hoje, na moderna escola que se quer, deveria incluir todas as experiências escolares, baseadas em propósitos válidos; desenvolve-se através de processos que exigem pensamento criativo; planejado por professores sensíveis e também criativos, que compreendam o desenvolvimento da criança e das teorias de aprendizagem e ainda com habilidades nas diversas áreas do conhecimento.

¹³ Instituição educacional que abrange um conjunto de escolas superiores. A primeira Universidade do mundo foi fundada no Cairo, Egito, em 971. (ROCHA, Ruth, 1996, p.627)

4 - ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE MUDANÇAS CURRICULARES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

As diversidades culturais ainda são pouco ou nada significativas no desenvolvimento de um currículo escolar que possa privilegiar a formação de profissionais que venham atender às necessidades das pessoas envolvidas no contexto abrangente e na sociedade como um todo, a qual se encontra em plena transformação.

A ciência contemporânea solicita uma substituição da velha e rígida visão mecânica do universo, por conceitos que possam permitir um universo de impulsos criativos e contínuos, não condicionados a leis mecânicas. (BRITO, 1996, p. 144)

Dentro desta nova visão de universo é inconcebível a permanência de uma visão mecanicista, seja no aspecto científico ou com o próprio ser humano. Portanto, nessa necessidade de um universo e um homem menos mecânico, os valores humanos se expandem em consonância com aqueles que convidam para uma transcendência da própria existência e que reencontram outros valores culturais, permitindo a aceitação de outras formas de conhecimento para dar ao ser humano a capacidade de recuperar suas riquezas pessoais, suas crenças e sua espiritualidade.

Atualmente, ainda, confere-se à Educação Física um aspecto mecanicista, onde se reconhece que além do treinamento de aptidões físicas e dos esportes, é necessário um trabalho mais consciente e sutil para o corpo, o que pode proporcionar resultados psicológicos e espirituais, além dos físicos e motores.

LACERDA (1995), apresenta algumas tendências para a nova educação... a nova educação se voltará para o corpo e as emoções, mente e espírito; diz ainda que mesmo com o domínio do tecnicismo a Educação Física abriu brechas para que outras práticas corporais fossem trabalhadas por seus profissionais, práticas que enfatizam a suavidade, a lentidão, o relaxamento, a valorização da sensação e a não competitividade.

Na análise da Educação Física e a concepção holística do homem, o que se percebe é que um dos grandes desvios da atuação da Educação Física é a visão atomística, onde o exercício torna-se o principal objetivo, visando desenvolver o “corpo” através de treinamentos exaustivos, sem se preocupar com outros aspectos.

Na verdade é urgente analisar a concepção que trata do todo como a unidade da pluralidade das partes, pois o homem tem seu ser envolvido com o movimento.

“ Embora a vida se manifeste através do movimento básico dos sistemas orgânicos, este é mais que uma necessidade fisiológica básica, é também a interpretação do próprio eu. Em outras palavras, o movimento não tem apenas o papel físico, ele envolve também o homem como um ser total”. (BRITO, 1996, p. 148)

Os estudos desenvolvidos à respeito da corporeidade e seus elementos fundamentais, bem como da constituição histórica do corpo e seus diversos significados, suas necessidades e suas formas de envolvimento com os processos educativos, nos remetem à uma importante análise da concepção estrutural e

filosófica do currículo do Curso de Educação Física, e especialmente o Curso de Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Nesse sentido, é importante destacar a visão de Oberteuffer e Ulrich (1977) ... “a educação do ‘físico’ isolado não é possível; e o termo Educação Física significa educação por meio de experiências que envolvem não apenas atividades e movimentos, mas também componentes emocionais, comportamentais e intelectuais. E a Educação Física moderna é uma parte do processo de educação e deve ser julgado por seu impacto no homem inteiro e não somente em algumas de suas partes. E Educação Física procura dar assistência à totalidade vital”. (apud BRITO, 1996, p. 148-149)

Portanto no que se refere à Educação Física é importante compreendê-la não como um processo distante da realidade em que vivemos, mas percebê-la como uma ação educativa, reconhecendo em cada pessoa um construtor de idéias, um ser humano que cria, sonha, inventa e que constrói mundos novos.

Da mesma forma a educação Física “ não deve reduzir seus movimentos aos passos monótonos da marcha unida, nem, tampouco, apenas aos gestos padronizados das academias. Reconhecer o movimento como fonte de expressão, invenção e criação da própria existência. Nesse contexto, antes de compreender o homem e o seu corpo como um autômato ou um robô, compreendê-lo como uma obra de arte. E, como visto em algum lugar, ‘toda a obra de arte é criada para ser contemplada, sentida e vivida’”. (BRITO, 1996, p. 149)

Conforme considerações realizadas na introdução do trabalho este estudo tem como objetivo verificar as referências, as estruturas e primícias existentes, bem como as mudanças efetivadas que visam a formação de um profissional habilitado a atender as necessidades da sociedade atual de forma humana e integral.

Iremos a partir deste momento destacar os principais enunciados, objetivos e metodologias do novo Projeto Pedagógico da área em estudo, procurando contribuir para uma concepção mais real e adequada do perfil profissional do aluno a ser formado no Curso de Graduação em Educação Física.

Com esta análise qualitativa do currículo do curso e as respostas dos alunos, docentes e da Comissão de Sistematização, será possível detectar pontos relevantes a serem questionados, compreendidos e se necessário transformados para a melhoria da qualidade de ensino da instituição Universitária como um todo e de forma especial na área em estudo.

4.1 – PROPOSTAS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física do SESU / MEC, em 23 de Abril de 1999, apresentou ao Conselho Nacional de Educação a versão reformulada das propostas e diretrizes curriculares do curso de Graduação em Educação Física.

Após análise do documento cabe ressaltar os itens que tem relação direta com a organização do curso, trazendo referências específicas sobre a importância do tema em estudo nesta dissertação, destacando em vários enunciados a “cultura do movimento do homem” como um elemento fundamental para a formação do profissional da área.

Já no item número 1 da proposta, destaca-se:

A formação dos profissionais da Educação Física será feita em curso de graduação que conferirá o título de graduado em Educação Física, com aprofundamento em um ou mais campos definidos de aplicação profissional de modo a atender as diferentes manifestações da cultura do movimento presentes na sociedade, considerando as características regionais e os diferentes interesses identificados com o campo de atuação profissional.

O curso de graduação em Educação Física tem sua história constituída pela formação de profissionais habilitados ao desenvolvimento da prática pedagógica, através da titulação de licenciatura plena.

As áreas de interesse e atuação deste profissional foram se ampliando com a exigência da sociedade contemporânea, abrindo-se então a possibilidade da formação do bacharel em Educação Física, o que implicaria em determinadas restrições profissionais e jurídicas, como o impedimento do profissional com o título

de bacharel¹⁴, para desenvolver atividades relacionadas à licenciatura, ou seja, estes profissionais não poderiam atuar no contexto escolar.

Os diversos estudos referentes às novas diretrizes da formação do graduado em Educação Física vem sendo manifestados e organizados através de encontros de profissionais da área e das instituições promotoras desta área de formação profissional, que no último censo já totalizavam 94 (noventa e quatro) em todo o território nacional, conforme levantamento das Comissões de Estudo.

Tendo como primícia o “movimento humano “ e todas as suas diversidades culturais e históricas, o curso de graduação em Educação Física, deixou de ser um curso voltado especificamente à licenciatura, permitindo a abertura de novas frentes profissionais em suas diversas habilitações, passando a ser denominado simplesmente como Curso de Graduação em Educação Física.

Quando verificamos já no enunciado da proposta do curso a presença de uma relação direta com a cultura do movimento, então, a corporeidade em sua essência, começa a tomar parte da história da formação profissional e na sua atuação com estas manifestações na sociedade, pois conforme BRUHNS (1994), o movimento se realiza essencialmente nas relações entre os homens, pois o corpo é um verdadeiro instrumento de formação político e social.

Já o item 2, especificamente no parágrafo 2.2.1, que vai falar sobre o campo de atuação profissional, faz-se a seguinte referência:

¹⁴ Na sua definição primária diz, pessoa formada em Direito, Letras ou Ciências.; e ainda se define por bacharelado, que é o grau de bacharel, o curso a ser seguido para se obter esse grau. Estas definições culturais é que implicam em determinadas restrições profissionais à nossa área de estudo. (ROCHA, Rurh, 1996)

Este campo será delimitado pela capacidade profissional de organizar, planejar, administrar, avaliar e atuar pedagógica, científica e tecnicamente no âmbito dos estados atuais e emergentes da cultura do movimento.

A delimitação dos campos de atuação do profissional da área possibilita não apenas o desenvolvimento de atividades práticas, como normalmente a sociedade até pouco tempo entendia a atuação da Educação Física, mas através da multiplicidade de ações, uma característica mais qualitativa para este profissional que pode além de atuar com a prática, planejar, administrar e avaliar diversos projetos, instituições e programas voltados à concepção da melhoria da qualidade de vida através do movimento, do homem.

O movimento humano, visto como característica básica e peculiar das atuação deste profissional, vem mais uma vez ressaltar a necessidade do aprofundamento da existência de um homem que não pode ser dicotomizado no seu entendimento e compreensão como “ser” e na sua formação integral, resgatando a cultura corporal como um dos componentes essenciais para a construção de uma sociedade mais completa e harmoniosa.

Existe aí a afirmação da necessidade de um profissional de Educação Física que tenha conhecimentos filosóficos, antropológicos e culturais, além de uma consciência pessoal para a aplicação dos conceitos fundamentais da corporeidade, em qualquer dos campos de atuação da Educação Física atual.

Nesta perspectiva, é oportuno conhecermos as possibilidades de organização curricular para o curso de graduação em Educação Física.

Os conteúdos indicados pela proposta das novas diretrizes curriculares estão constituídos por duas partes:

- a) Conhecimento Identificador da Área, comum e necessário a qualquer campo específico de aplicação profissional, tendo dois níveis de formação, a formação básica e a formação específica.
- Formação básica, guiada pela orientação científica, integrando a teoria e a prática para o conhecimento do homem, da cultura e da sociedade, constituída por três sub-áreas: Conhecimento do Homem e da Sociedade (filosófico, psicológico, antropológico, cultural, social e histórico), o Conhecimento Científico-tecnológico e ainda o Conhecimento do Corpo Humano e Desenvolvimento (químico, físico, biológico e do desenvolvimento antropogênico)

Nesta área de formação há de se ressaltar os aspectos corporais que se manifestam em dois momentos distintos, no primeiro quando se privilegia o estudo do homem e suas características culturais, compreendendo suas manifestações corporais em todos os segmentos apresentados e no segundo quando vamos explorar as características da cultura do corpo humano em suas funções anatomo-fisiológicas, sem perder de vista a sua integridade, ou seja, não particularizando o conhecimento com grau de importância mais elevado ou ainda destituído de significado e interação com os demais segmentos.

- Formação Específica, que irá estudar as distintas manifestações clássicas e emergentes da cultura do movimento identificadas na Educação Física, também será subdividida em três sub-áreas: Conhecimento didático-pedagógico, o Conhecimento técnico-fundamental e o Conhecimento sobre a Cultura do Movimento (diferentes manifestações da cultura do movimento nas suas formas de jogos e atividades recreativas, esportes, ginástica, dança e lutas).

Nesta área de conhecimento destaca-se o estudo da cultura do movimento, respeitando as características culturais de cada indivíduo envolvido no processo educacional, enfatizando a prática de determinadas atividades corporais com o caráter da ludicidade já discutida em momentos anteriores neste trabalho.

- b) Conhecimento Identificador do Tipo de Aprofundamento, compreendido como o conjunto de competências específicas para o planejamento, execução, orientação e avaliação das ações do graduado em Educação Física, de acordo com o tipo de aprofundamento em um ou mais campos definidos de aplicação profissional (educação básica/ licenciatura; treinamento/ condicionamento físico; atividades físico-esportivas e de lazer; gestão/administração de empreendimentos físico-esportivos; aptidão física/ saúde/ qualidade de vida; além de outros possíveis campos emergentes).

Cada Instituição de Ensino Superior, tendo como referência esta estrutura de conhecimento, poderá propor um ou mais campos de aplicação profissional a nível de aprofundamento, definindo também o elenco de disciplinas ou programas do currículo, de acordo com as peculiaridades de cada região e dos perfis profissionais desejados.

O curso de graduação em Educação Física, proposto pela Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física terá a duração mínima de 4 (quatro) anos, sendo 8 (oito) semestres letivos e máxima de 7 (sete) anos totalizando 14 (quatorze) semestres letivos, com uma carga horária mínima de 2880 horas/aula, incluídos a prática de ensino ou os estágios profissionais supervisionados de caráter obrigatório e ainda o trabalho de conclusão do curso sob a orientação acadêmica de um professor qualificado.

A Instituição promotora do curso de graduação deverá assegurar o reingresso dos graduados em Educação Física, independente da instituição original de formação para cursar novos tipos de aprofundamento, sejam eles seqüenciais ou especialmente planejados para este fim, respeitando a carga horária de 864 horas. Os currículos deverão estar estruturados, tendo as atividades de pesquisa e de extensão como mediadores da formação do profissional a ser formado.

A versão reformulada, apresentada pelo Conselho de Especialistas de Ensino, ao Departamento de Políticas Públicas do Ensino Superior (SESU), quer além de aumentar os campos de atuação do profissional de Educação Física, sem perder a característica educacional, estimular a concentração de atividades curriculares que

possam de forma mais efetiva realizar a associação da Teoria com a Prática Educacional. (BRASIL, 1999)

É essencial e urgente transformar as ações de docentes, administradores e educadores do curso de Educação Física, a fim de perceber e administrar com maior qualidade e eficácia o atendimento da sociedade contemporânea no seu desenvolvimento social e corporal.

A Educação Física por excelência tem seu significado e funcionalidade na Cultura do Movimento, seja ele técnico, de raciocínio, performativo ou criativo, então há de se resgatar a essência da ludicidade e da naturalidade para o movimento humano. (FREIRE, 1992)

Definindo de forma concreta esta ação de mudança na educação, especificamente a Educação Física, FREIRE (1992, p. 50), acrescenta, “quem faz é o próprio corpo, quem pensa também é o corpo. As produções físicas ou intelectuais são, portanto, produções corporais. Produções estas que se dão nas interações do indivíduo com o mundo.”

Apesar das novas propostas de diretrizes curriculares para a formação do profissional de Educação Física apresentar aspectos que contradizem as perspectivas de uma formação que contemple a corporeidade.

4.2 – PROJETO PEDAGÓGICO – NOVOS CAMINHOS PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUCPR

Tendo em vista o parecer n. 04/1999 que trata da regulamentação e organização dos cursos de graduação em Educação Física, que considerou as sugestões enviadas pelas Instituições de Ensino Superior, a Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física enviou ao Conselho Nacional de Educação as propostas de novas diretrizes curriculares, que visavam a melhoria dos programas e currículos desenvolvidos nas Instituições de Ensino.

Dentro destas propostas, foi aprovado um Sistema de Avaliação dos cursos de graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, apresentadas através da Resolução n. 12/2000- CONSUN.

A Pontifícia Universidade Católica do Paraná, regularizada pela portaria apresentada acima e dentro de uma filosofia construtiva e moderna iniciou, então um processo de desenvolvimento e construção dos novos paradigmas a serem aplicados na organização dos currículos dos diversos cursos oferecidos pela Instituição, dentro do Processo de Planejamento Estratégico, que tinha como um dos objetivos a orientação dos grupos de profissionais de cada área de estudo para a elaboração dos Projetos Pedagógicos.

Estes projetos foram conceituados como - um processo dinâmico de organização e ação docente e discente, da realidade em contínua produção e superação de si mesma. Construindo a partir de pressupostos filosóficos, científicos

e didático-pedagógicos, estabelecidos nos planejamentos estratégicos da PUC PR. É uma ação objetiva que nos remete à reflexão constante do sentido da vida acadêmica, do que professores e alunos realizam em sua relação com o saber, a verdade e a história.

Para a consolidação do processo de construção dos Projetos Pedagógicos, é necessário compreender a importância dos eixos norteadores, apresentados no CTCH, pelo seu Diretor atual, com o propósito da estruturação de referenciais que efetivassem os estudos das questões filosóficas dos diversos cursos desta área; os quais estão em perfeita consonância com os princípios filosóficos da Instituição.

Quando do aprofundamento dos estudos referentes à construção destes referenciais básicos para a orientação dos trabalhos, verificou-se a associação dos eixos norteadores do Projeto Pedagógico com os objetivos específicos desta pesquisa, pois conforme os enunciados que seguem, os conceitos da corporeidade para a consciência da formação profissional, a fim de que o homem seja visto e entendido de forma integral.

Estas reflexões estão diretamente relacionadas com os eixos norteadores, não só da área da Educação Física, mas das diversas áreas de formação existentes nesta Instituição de Ensino Superior.

Desta forma vamos destacar os eixos¹⁵ que estão em consonância com os princípios e com nossa proposta de estudo:

¹⁵ Eixo (s) é a peça em torno da qual giram rodas, ou ainda um reta em torno da qual um corpo executa movimento de rotação. Neste trabalho o significado deste termo é o de “caminho” ou metas a serem atingidas ou ainda um linha de orientação filosófica e cultural. (ROCHA, Ruth, 1996, p.224)

Eixo Antropológico – O Ser do Homem.

Que concepção de mundo e de homem subjaz ao nosso discurso pedagógico? O que é ser homem? Que imagem de homem temos quando pensamos no sujeito da Educação?

“A Antropologia Filosófica nos ajuda encontrar respostas, mostrando-nos que o homem não é apenas alma e corpo. O ser humano é pessoa, uma totalidade composta de corpo, razão, vontade, sensibilidade e abertura ao transcendente. A corporeidade no homem, não existe separada da racionalidade, vontade e faculdades sensitivas.

Por tanto, quando pensamos em educação devemos pensar no homem como um todo, ainda que cada parte da pessoa possa ser educada especificamente; todavia, é necessário ter presente o todo. Educar não apenas adestrar ou treinar. É tornar o homem sempre mais ser humano.”

(OLIVEIRA, 1998)

Certamente a partir deste ponto os referenciais estão ainda mais próximos do nosso objetivo final, pois podemos afirmar que a Corporeidade não é só um fundamento essencial na formação da nossa área de estudo, ou seja, a Educação Física, mas está presente em qualquer área de formação profissional para a qualidade de vida tão cantada em versos e prosas em nossa sociedade.

Poderíamos destacar ainda nesta análise dos eixos , o Eixo Sociológico – Conviver com o Homem, quando este retrata um de seus fundamentos, a afetividade:

Com relação à pessoa há de se trabalhar a afetividade, que ainda não teve seu lugar reconhecido na Educação. Como uma das dimensões fundamentais do ser humano, a afetividade precisa ser trabalhada se quisermos formar o homem total e não apenas sua racionalidade.

O Projeto Pedagógico para o curso de graduação em Educação Física é antes de tudo, uma obra de mobilização e engajamento coletivo, onde diretores, professores e alunos estejam empenhados na busca de novos conhecimentos e metodologias de ensino, que também privilegiem a pesquisa, através da qualificação permanente e da garantia de avanços da competência para a qualidade da formação do futuro profissional de Educação Física, graduado pela PUC PR.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, dá autonomia didático-científica para as Instituições de Ensino Superior quanto à organização de seus currículos e programas, mas sugere um conjunto de diretrizes que marcam o núcleo fundamental na formação dos profissionais a serem graduados.

Por isto a elaboração do projeto pedagógico possibilita a ação direta de todas as pessoas ligadas à construção do saber para o exercício da cidadania através da reflexão, do debate e da crítica, a fim de gerar respostas necessárias para a formação dos futuros profissionais da Educação Física emergentes na sociedade.

Esta prática vai garantir o aprofundamento nas questões relativas à Educação Física, para que se abram caminhos na formação de profissionais mais críticos, criativos e transformadores da realidade social e educacional. Profissionais destituídos do fazer pelo fazer, mas assumindo um perfil mais construtivo, comprometido com a junção entre a teoria e a prática, estabelecendo desta forma uma nova identidade para o curso de Educação Física.

A fim de verificarmos e entendermos de forma mais concreta a construção deste processo pedagógico comprometido com uma transformação social, vamos analisar os pontos iniciais para a construção do Projeto Pedagógico, bem como a definição das propostas de funcionamento do novo curso de graduação em Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

O processo iniciou-se no ano de 1997, quando foram convidados diversos profissionais para proferirem palestras aos professores da área em encontros específicos organizados pela Coordenação do Curso.

No decorrer do ano de 1998 foram realizados vários encontros e seminários com a participação dos docentes, a fim de levantar subsídios técnicos e pedagógicos que pudessem dar suporte para a construção do novo currículo, já entendido como uma mudança indispensável para o futuro do curso.

Além dos encontros, também foram realizadas pesquisas para levantar o diagnóstico da realidade dos alunos egressos do curso de Educação Física no mercado de trabalho atual.

Os dados levantados serão apresentados a seguir:

- Número de alunos que exerciam alguma função profissional diretamente ligada a área da Educação Física em 1997 era de 334, representando aproximadamente 60 % dos alunos entrevistados.
- Em uma pesquisa com 283 alunos foram levantados dados referentes à escolha do curso e a identificação das atuais necessidades: optaram pelo curso de Educação Física da PUC PR em função do desejo de atuar na área técnica (academias e esporte), mas aproximadamente 55% não tinham qualquer conhecimento do currículo oferecido pela Instituição.
- Sobre as áreas de interesse necessárias para a formação profissional destacaram-se: maior interesse pela área da medicina desportiva (30,8%), destacou-se ainda a área da pedagogia desportiva (19,8%), apareceu também a psicologia desportiva (22,7 %), além da educação Física adaptada (18,7%)¹⁶.

¹⁶As ações pedagógicas da educação Física tem suas possibilidades ampliadas, levando em consideração o tai chi chuan, a bioenergética, a yoga, entre outras técnicas chamadas por Lacerda de suaves. Essas técnicas surgidas fora do círculo da educação Física são constituídas de elementos que visam o crescimento humano e vêm ocupando espaços cada vez maiores, em resposta à nova realidade para a Consciência Corporal. (BRITO, 1996, p. 149)

4.3 - CONCEPÇÃO DO PROFISSIONAL – PERFIL PARA O FUTURO

O curso de graduação em Educação Física da PUC PR, tem por objetivo, formar profissionais que possam atender às exigências da sociedade contemporânea à qual estão inseridos e que possam desenvolver as ações que seguem:

- Adequar as ações profissionais às necessidades do ser humano;
- Antecipar o futuro da Educação Física através da articulação do ensino com pesquisa, da capacidade de avaliar performances, técnicas, e programas de atividades físicas e de treinamento;
- Compor equipes inter e multi disciplinares, coordenar grupos de extensão;
- Elaborar novas metodologias de trabalho e materiais para a Educação Física , criando desta forma novas oportunidades de trabalho na área;
- Ministrar atividades e programas específicos de atividades físicas e intelectuais, treinamentos e formação de padrões de consciências para a cultura corporal;
- Planejar a Educação Física Escolar, atividades de treinamento, programas personalizados e programas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas com a área da Educação Física;
- Produzir conhecimento;
- Ser humano e capaz de integrar a teoria e a prática;
- Ser líder, responsável e solidário.

4.4 - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR PARA O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUC PR.

O curso de Licenciatura em Educação Física para a formação de profissionais emergentes na PUC PR, está estruturado em 3 eixos de formação:

1. Formação do Profissional para a docência da disciplina Educação Física Escolar;
2. Formação do Profissional para atuação com atividades físicas na promoção do Lazer e Qualidade de Vida;
3. Formação do Profissional para atuação com Treinamento Desportivo e Condicionamento Físico.

Dentro desta proposta da formação através de eixos de conhecimentos específicos, a estruturação e distribuição dos conteúdos a serem desenvolvidos na formação dos Profissionais da área ficaram subdivididas em 3 núcleos, organizados em Programas de Aprendizagem:

- A) **Núcleo Básico** : comum aos três eixos de formação: Docência / Atividade Física, Lazer e Qualidade de Vida / Desporto; que serão constituídos por Programas de Aprendizagem: (Anexo nº 4)
- B) **Núcleo Específico** : também comum aos três eixos de formação, constituído por Programas de Aprendizagem Seriados: (Anexo nº 5)

C) Núcleos de Aprofundamento:

Eixo 1 – Formação do Professor para a docência da disciplina da Educação Física Escolar, que tem como objetivo principal a preparação do profissional para o exercício da função de Professor de Educação Física Escolar e que vai ter seu âmbito de atuação na Educação formal e não formal, constituído pelos Programas de Aprendizagem: (Anexo nº 6)

Eixo 2 – Formação do Profissional para atuação com Treinamento Desportivo e Preparação Física, o qual pretende proporcionar subsídios ao profissional para atuar com treinamento desportivo, preparação física e gestão de organizações desportivas., com o âmbito de atuação em clubes, empresas e equipes representativas de instituições públicas e particulares, Constituídos pelos seguintes Programas de Aprendizagem: (Anexo nº 7)

Eixo 3 – Formação do Profissional para atuação com Atividades Físicas na promoção do Lazer e da Qualidade de Vida, que tem o objetivo de orientar profissionais para atuação com atividades físicas, o condicionamento físico a promoção do lazer para a qualidade de vida, tendo como âmbito de atuação os centros de atividades físicas (Academias), clubes esportivos, empresas, condomínios, hotéis, spas e clínicas especializadas, natureza (trilhas, acampamentos e praias), parques, shoppings e festas infantis, constituídos pelos Programas de Aprendizagem: (Anexo nº 8)

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.

Com os dados levantados, através do questionário aplicado com os alunos e das entrevistas realizadas com os docentes e com a Comissão de Sistematização do projeto pedagógico do curso de Educação Física, o passo seguinte foi analisar os pontos comuns, bem como os mais contraditórios detectados nas respostas e desta forma levantar as categorias de análise.

Categoria segundo JAPIASSU e MARCONDES (1990, p.45) é “a unidade de significação de um discurso epistemológico”.

As categorias, foram constituídas a partir dos seguintes procedimentos: descrição das respostas dadas pelos professores participantes e pela Comissão de Sistematização, seleção das respostas da mesma pergunta, a verificação das palavras chaves ou de conceitos similares para cada pergunta e ainda as propostas ou pontos importantes das respostas de cada pergunta, analisadas pelo pesquisador.

Para uma melhor compreensão apresentaremos inicialmente as contradições presentes no discurso dos entrevistados, que por si já indicam a necessidade de melhores aprofundamentos nos estudos da corporeidade.

Para esta verificação utilizaremos as senhas “c” para os pontos comuns apontados pelos pesquisados e “s” para os pontos contraditórios ou soluções apontadas pelos mesmos participantes, ressaltados pelo pesquisador.

Dados adquiridos através dos professores:

1. O entendimento da corporeidade.
 - c – “todo” (totalidade) – expressão – movimento – consciência – conhecimento do corpo;
 - s – conhecer somente os aspectos físicos e fisiológicos – não saber o que o seu corpo é capaz de relizar.
2. Relação entre a Educação Física e a corporeidade.
 - c – oportuniza a expressão do corpo – explora os movimentos – consciência do movimento;
 - s – não privilegia os sentimentos – só aspectos fisiológicos.
3. Importância da corporeidade da formação do profissional de Educação Física.
 - c – elemento básico – fundamental – comportamento – gestos;
 - s – corporeidade mais explorada para despertar.
4. Se o projeto pedagógico contempla a corporeidade na formação do profissional de Educação Física.
 - c – pouca alteração – superficial – parcial – desconhecimento;
 - s – pouco conhecimento do projeto pedagógico – visão parcial dos conceitos.

5. A concepção da corporeidade nos Programas de Aprendizagem do projeto pedagógico.

c – “sim” (aplicação);

s – entendimento e aplicação dos conceitos de forma superficial – não percebem no projeto , mas aplicam no programa (contradição).

6. Concepção da corporeidade nos outros Programas de Aprendizagem

c – “sim” – movimentos naturais – Jogos e brincadeiras (lúdicidade) – antropologia – história da Educação Física.

s – falta de conhecimento dos conteúdos e programas – pré- conceitos quanto ao comportamento.

7. Conhecimentos recebidos na formação profissional, sobre os conceitos de corporeidade.

c – sem aprofundamento – pouco na graduação – só como conteúdo – falta de qualificação;

s – formação inadequada e superficial – trata somente do fisiológico – suficiente pela orientação que tinha para outras áreas.

8. Dificuldades para entendimento e aplicação dos conceitos de corporeidade.

c – pré-conceitos – falta de oportunidades – formação recebida;

s – despertar para o trabalho dos aspectos humanos na Educação Física – discursos isolados – cursos e encontros necessários.

A pesquisa realizada apresentou a possibilidade da criação de várias categorias de respostas, que oportunizaram a apreensão de novos conceitos e a comprovação de outros já existentes, devido ao estudo das obras de autores, utilizados na fundamentação teórica da dissertação.

As respostas das entrevistas , para sua devida análise e anonimato, receberam uma senha alfabética de “A-G” e as descrições das respostas foram relatadas de forma integral, a fim de obter informações completas sobre o objetivo em estudo.

A expectativa de desvendar novas informações, através das respostas da pesquisa foi atingida, o fato de pertencer ao quadro docente do curso e conhecer o processo que está se desenvolvendo na formação do graduado em Educação Física da PUC PR, possibilitou acrescentar informações que, considero, permitiram uma maior aproximação com o objeto da investigação.

5.1 - ANÁLISE DAS CATEGORIAS.

5.1.1 Dados dos Professores:

A primeira pergunta dirigida aos participantes questionava sobre o entendimento dos conceitos da corporeidade.

Desta questão algumas categorias foram contempladas, a primeira delas foi : **“Corporeidade como a consciência do corpo como um todo”**. Nesta categoria o conceito de totalidade e globalidade tiveram ênfase.

A pesquisada **“B”** relata a corporeidade como:

... o trabalho com todo o corpo humano, não só trabalhar determinados segmentos do corpo humano, mas o trabalho global, o trabalho do todo, mente, corpo e espírito.

Esta declaração reforça a noção de que o conceito de corporeidade necessita ser refletido e vivido em todas as dimensões humanas e deve ser desenvolvido de forma integral na educação e na formação das pessoas, seja no contexto educacional ou fora dele.

Neste sentido, percebemos que a educação inicia o caminhar para novas perspectivas, onde o corpo recebe atenção e desta forma pode se concretizar como uma fonte inesgotável de formação e cultura.

Diante destas concepções torna-se oportuno lembrar SANTIM (1987, p.76) , que diz “o homem é um ser vivo. A vida é um todo orgânico. A mínima parte em movimento do ser vivo significa o movimento do todo. As partes não agem separadamente”.

Na concepção holística, corpo, mente e espírito, o todo das expressões e sentimentos do corpo estão intimamente ligados. É esta a teoria e prática necessária a ser despertada na sociedade e suas diversas representações, pois o equilíbrio entre corpo, mente e espírito é um caminho para a unidade do homem.

“Na concepção holística, não só as partes de cada sistema se encontram no todo, mas os princípios e leis que regem o todo se encontram em cada uma das partes e todos os fenômenos ou eventos se interligam e se interpenetram de forma global: tudo é interdependente. O todo é concebido como uma realidade não somativa, ou seja, suas propriedades não derivam das que caracterizam seus componentes. Ao contrário, são elas que determinam as propriedades das partes que o integram”. (BRITO, 1996, p.117)

Relembrando esta citação, já descrita na fundamentação teórica, queremos reforçar a concepção da totalidade, pois ao analisarmos as respostas dos entrevistados, percebe-se a globalidade como um dos pontos relevantes na compreensão do tema.

Além desta forma de entendimento outra categoria também fica evidenciada: **“Corporeidade como expressão”**.

Destacado constantemente pelos participantes da pesquisa, devemos pensar que quando falamos em expressão, há de se analisar os diversos tipos de manifestações expressivas do corpo, em sua totalidade.

Como já verificado nos estudos anteriores, as diversas formas de linguagem, possibilitam ao corpo a representação concreta da linguagem corporal, que é certamente uma das mais fortes expressões da corporeidade, pois admite uma relação entre o sujeito e o ambiente em que a ação se dá.

A definição de corporeidade conforme o relato do pesquisado “G”:

... é a utilização do corpo para manifestar as vontades dos fatores biológicos, dos fatores psicológicos de uma pessoa, quando utiliza o corpo como forma de expressão, é relacionado à palavra expressão, pois ele pode expressar seus sentimentos através do esporte, através da arte; de forma bem resumida, é o respeito dos limites do corpo, para que você possa expressar de forma específica aquilo que você sente, aquilo que você quer, em qualquer área de atuação.

É fundamental a percepção de que a noção de corporeidade está intimamente ligada às ações expressivas de cada pessoa, pois estas ações comumente estão associadas a gestos repetitivos, sejam eles técnicos ou naturais.

Normalmente repetimos todos os dias, em nossas ações físicas, intelectivas, profissionais e até afetivas, os mesmos padrões de movimento, ou seja, utilizamos a mesma mão para comer ou jogar tênis, sentamos ou dormimos na mesma posição, dançamos ou corremos com padrões técnicos e sociais pré determinados; chegamos até a beijar com quem nos relacionamos da mesma forma e até com a mesma intensidade, perdendo a ação criativa dos nossos gestos e movimentos.

O gesto, a expressão do homem é uma comunicação significativa, quer de sentimentos ou de ações corporais físicas.

Vamos repensar o que diz SANTIM (1987, p. 26), que afirma:

“O homem instaura sua presença, ou define sua fenomenologia como corporeidade, A presença é marcada pela postura. O animal tem seu movimento. A estátua tem sua posição. O homem não é nem uma nem outra coisa. O homem é

movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora”.

Ainda dentro desta análise da expressão como conceito da corporeidade, torna-se oportuno relatar a próxima categoria levantada das respostas dadas, a qual se apresenta como: **“Corporeidade manifestada através do movimento”**.

Como já abordado, o movimento humano é um dos componentes fundamentais da Educação Física, podendo ser compreendido como força ou energia, ou ainda como linguagem, como capacidade expressiva do homem.

Através do relato dos pesquisados o movimento, aqui não identificado qual sua forma de compreensão, é também conceito inerente e indissociável do conceito de corporeidade, pois todo o movimento é uma expressão viva e que está sempre ligado à uma ação passada ou futura, não podendo acontecer de forma isolada.

O movimento está completamente ligado às duas categorias anteriores já identificadas, o todo e a expressão, então lembrando mais uma vez SANTIM (1987, p. 26) a Educação Física “tem que ser gesto, o gesto que faz, que fala. Não o exercício ou o movimento mecânico, vazio e ritualístico”.

Dentro desta visão torna-se pertinente o entendimento do conceito de corporeidade, relatado a seguir:

Corporeidade é o despertar do corpo das pessoas para o efeito da corporeidade, que significa Ter o corpo completo, a questão do ser humano holístico, dos outros aspectos, não simplesmente conhecer o corpo, Ter o corpo bom e formar os aspectos físicos e fisiológicos, mas sim os aspectos expressivos, os

aspectos da consciência, para que seja um ser humano completo, não simplesmente no físico, mas na alma, no corpo [aqui entendido como corpo físico], na expressão, no sentimento, tudo integrado numa coisa só”. (Elemento “C”)

Podemos verificar que existe um nível de compreensão filosófico e pedagógico sobre os conceitos de corporeidade entre os professores pesquisados, poderíamos então destacar o relato do pesquisado como um belo e rico depoimento, apontado como um “resumo” dos conceitos de corporeidade apresentados, e que muito se assemelha com os pensamentos científicos desenvolvidos na fundamentação teórica do tema em estudo.

As perguntas 2 e 3 da entrevista tinham objetivos comuns, a segunda questionava a relação entre a Educação Física e a corporeidade e a terceira oportunizava a reflexão sobre a importância da corporeidade na formação do profissional de Educação Física.

Após a análise das respostas obtidas e dos pontos comuns, destaca-se a seguinte categoria de informação: **“Corporeidade como elemento básico na formação do profissional de Educação Física”**.

As respostas dos pesquisados nesta categoria reforçam de forma geral a importância da compreensão e do estudo dos conceitos da corporeidade nos cursos responsáveis pela formação dos profissionais da área, pois este profissional deve estar habilitado a desenvolver o seu trabalho pedagógico ou informal, tendo consciência da sua totalidade como ser humano e desta forma, também da totalidade dos indivíduos com os quais está interagindo.

O pesquisado “B”, faz as seguintes considerações:

... isto tem que ser constante dentro da formação profissional, ele tem que trabalhar com ele mesmo, tendo a certeza de que ele está trabalhando corpo, mente e espírito e da mesma forma passar a mensagem para os alunos...

O profissional, professor ou técnico, deve estar preparado para agir e educar também através da expressão dos seus sentimentos, das suas emoções. Sua ação corporal está inteiramente relacionada com as reações e comportamentos, que certamente irão despertar diferentes reações em seus alunos, atletas ou clientes.

A consciência corporal é condição essencial para que o profissional da Educação Física possa estar qualificado a desenvolver a educação das pessoas, através das expressões do corpo, que como já citado, é uma forte “arma” para a formação do homem na sociedade.

Repensando SANTIM (1987, p. 51), “na medida em que vivemos a corporeidade ou nos sentimos corpo nos tornamos significativos a nós mesmos e aos outros”.

A Educação Física em seus meios formais de educação ou de formação profissional técnica deveria passar a ensinar e ajudar as pessoas a viverem o seu corpo, a sentirem-se corpo, pois todas as ações humanas são realizadas e visíveis através da corporeidade.

Conforme estas questões a pesquisada “D” relata:

... você relacionar a Educação Física e a corporeidade é você relacionar a forma como as pessoas conhecem o seu corpo, como elas deveriam conhecer o seu

corpo e de que forma ela pode explorar o seu corpo, através dos movimentos e ter consciência do que é este movimento na vida dela.

O profissional de Educação Física a ser formado para o mercado de trabalho deve ser uma pessoa versátil, com conhecimentos amplos e específicos, mas antes de tudo deve ter em sua linguagem pedagógica a percepção clara e consciente do respeito aos limites e individualidades do ser humano e desta forma conseguir olhá-lo além de suas capacidades motoras, de habilidades ou técnicas, mas enxergá-lo como um ser íntegro dotado de razão e emoção.

Conforme SANTIM (1987, p. 50), “o princípio do uso do corpo deve ser substituído pela idéia de ser corpo, isto é, de viver o seu corpo, de sentir-se corpo... a corporeidade, segundo o pensamento de Maurice Merleau Ponty, deve estar incluída na compreensão da consciência e do eu”.

As questões 4, 5 e 6 dirigidas aos pesquisados estavam relacionadas com o projeto pedagógico em que está se desenvolvendo a formação dos profissionais da Educação Física na PUC PR.

A quarta pergunta refletia a contemplação da corporeidade no projeto pedagógico, a quinta aprofundava esta contemplação nos programas de aprendizagem em que os professores entrevistados estavam atuando a sexta questão coletava maiores informações sobre outros programas de aprendizagem que também efetivavam estas concepções.

Diante das respostas obtidas, duas categorias de informações ficaram bastante evidentes, a primeira: **“Corporeidade está contemplada superficialmente, apenas em alguns programas do projeto pedagógico”**.

Ao fundamentarmos a corporeidade em uma visão filosófica e pedagógica na educação, estaremos desenvolvendo um caminho promissor para a educação do homem, principalmente para os profissionais e clientes da Educação Física. O movimento, componente básico da corporeidade e da Educação Física deve ser reconhecido como uma fonte de energia que pode promover a transformação das ações humanas.

De alguma forma, não diretamente, a corporeidade faz parte, mas ainda de uma maneira superficial pela falta de conhecimento dos professores envolvidos no projeto... no dia a dia eu vejo que ainda existem dificuldades para os professores tratarem deste assunto com os alunos. (“D”)

Mas é necessário ainda uma reflexão muito mais aprimorada para quais as possibilidades de ação os profissionais de Educação Física são preparados para ensinar e colocar em prática na sua atuação. As mudanças de um processo exigem esforço e interesse comum, todos os participantes dele devem desenvolver uma consciência crítica para a sua qualificação e também para as oportunidades que são oferecidas para estas mudanças.

Conforme MEDINA (1986, p. 21), “o que se viu e o que se vê são programas com conteúdos quase sempre frios, desinteressantes e estáticos, que tratam o mundo

e o homem que estão aí, como se este mundo não tivesse nenhuma relação conosco e como se o homem não fosse nós mesmos”.

A Educação Física deve ocupar-se do corpo e seus movimentos, ampliando constantemente as possibilidades de expressão dos seres humanos, auxiliando assim a realização destes de uma forma mais plena e autêntica.

“Enquanto as escolas de Educação Física não se convencerem de que, a par das informações técnicas dadas aos seus alunos, devem dar a eles subsídios que os ensinem a viver mais plenamente, dentro de todas as suas dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais e expressivas, estarão sendo inautênticas, pobres e insignificantes no sentido de promover vidas mais cheias de vida”. (MEDINA, 1986, p. 63)

O relato do pesquisado “G” é um conteúdo importante a ser analisado:

... a Educação Física tem o pensamento sublimiar com a corporeidade, muitos estão saindo daqui sem entender o que é corporeidade, mas eles sabem de forma intuitiva o que é isso, embora eles não consigam conceituar, eles sentem o que é corporeidade, até mesmo porque eles vivem e todos que vivem no real tem a corporeidade dentro de si.

A vivência dos conceitos de corporeidade no âmbito teórico ou prático vão propiciar ao aluno uma reflexão mais profunda sobre as questões do compromisso que este deve assumir na formação e atuação social, não só no universo profissional, mas também como formador de opiniões que é.

O conhecimento adquirido na formação escolar, aqui especificamente na graduação do profissional de Educação Física, é um momento de extrema importância, pois diante das informações e oportunidades recebidas, este futuro profissional vai realizar escolhas para a sua especialização, apesar do conhecimento estar voltado sempre às características da formação geral.

Quando se pensa em mudanças através de um novo projeto pedagógico, se tem a oportunidade de ouvir as opiniões dos docentes envolvidos na organização e planejamento dos conteúdos destes programas e verifica-se que a corporeidade, elemento fundamental apontado para esta formação, está se desenvolvendo de forma parcial no processo de conhecimento, devemos refletir com maior atenção nestas questões.

Ao se falar da importância do conhecer, há de se ressaltar o pensamento de MEDINA (1986, p, 39), “o verdadeiro conhecimento é aquele que penetra em nosso íntimo e passa a fazer parte de nossa maneira de ser. Em outras palavras, o conhecimento adquire significação quando é “incorporado”, quando se dissolve no corpo. Somente desta forma o conhecimento altera a qualidade de ser do homem”.

A outra categoria pertinente à estas questões: **“Falta de conhecimento dos programas do projeto pedagógico”**.

É importante observar que é a preocupação da relação harmoniosa entre a teoria e a prática, a fundamentação teórica da ação pedagógica do corpo e suas expressões, do movimento e seus pressupostos, que oportuniza a reunião destes elementos, para a concretização da práxis.

Fundamentalmente esta relação de harmonia se dará pela consciência profissional, o que possibilitará a transformação dos sujeitos envolvidos e esta consciência passa pela necessidade do conhecimento de todos os fatores e elementos que irão interagir nesta construção.

As questões relativas à educação podem estar voltadas para os seguintes pontos: Como ensinar? O que ensinar? Quando ensinar? E para que ensinar? (GHIRADELLI, 1991)

Estas são respostas de caráter substancial, pois quem educa deve estar aberto a inovações e pronto para transformações, mantendo a postura e a consciência dos fatos que lhe são de domínio.

O que chama a atenção nas respostas dadas pelos pesquisados quanto à esta temática é que num primeiro momento, quando se abordava a contemplação da corporeidade no projeto pedagógico, não existia uma percepção da aplicação destes conceitos.

Já em um segundo momento, contraditóriamente, quando analisado a efetivação dos conceitos de corporeidade nos programas de aprendizagem em que estes profissionais estavam trabalhando, são apontados conteúdos e ações da aplicação destes conceitos, mesmo que de forma superficial.

Esta análise nos remete a uma reflexão: ou os conceitos de corporeidade não estão sendo ainda bem entendidos e somente durante as discussões ocorreu uma elaboração mais aprimorada e a consequente identificação do tema; ou ainda, podemos entender a possibilidade de que a corporeidade seja enfocada, por mais

superficial que possa parecer, devido ao grau de importância dos conceitos detectados por esta pesquisa.

A questão 7 da entrevista tinha como intenção a análise dos conhecimentos e aprofundamentos recebidos sobre os conceitos da corporeidade na formação dos docentes pesquisados.

A categoria levantada foi: **“Formação insuficiente dos profissionais sobre os conceitos da corporeidade”**.

De forma geral, os pesquisados apontaram inúmeras deficiências na abordagem destes conceitos durante sua graduação. Poucos receberam esta qualificação, pois o tema da corporeidade era abordado apenas como um dos conteúdos de uma disciplina do curso. Alguns por interesse próprio buscaram maiores referenciais para a aplicação dos conceitos de corporeidade na sua atuação profissional.

O participante **“D”** relata:

... muito pouco, falando da graduação praticamente nada, até porque na época o projeto que existia no curso, o currículo em si não tinha este caráter, que hoje tem, de falar da corporeidade e ela estar presente no discurso dos professores...

A Educação Física passou por diversos momentos na sua concepção histórica, de formação de profissionais para o mercado de trabalho; enquanto alguns currículos voltavam-se quase que especificamente ao estilo da ginástica com espírito militarista, do gesto mecânico, domesticador e autoritário, outros doutrinavam

alunos para a prática de atividades esportivas com caráter eminentemente competitivo, sem uma contextualização filosófica e pedagógica do jogo, que é um fundamento essencial para a educação da criança, de forma particular.

Os currículos não se preocupavam em fundamentar esta importante área do conhecimento humano, dando-lhe uma base mais sólida.

Sobre os currículos da área, de acordo com MEDINA (1986, p. 71), “o que tem sido preservado com muita eficiência é um determinado conjunto de atividades (conteúdo) que talvez atenda aos fins utilitaristas e funcionalistas de todo um sistema, mas que pouco ou nada tem contribuído para as finalidades de uma autêntica educação brasileira”.

É neste contexto que alguns dos pesquisadores viveram sua formação profissional e isto fica bastante claro no relato do pesquisado “E”, que fala com propriedade:

Nós fomos formados praticamente para atletas, para saber executar, mesmo que não sabendo porque você estava executando, para vencer um relógio, um tempo, ganhar uma partida, só isso.

É oportuno relatar aqui uma crítica realizada por alunos do curso de Educação Física, existente na obra de BRITO (1996, p.244) : “A base não é a teoria agora? Um pouco de prática, um pouco de consciência corporal que a gente tinha sem saber o porque, a gente fazia sem saber o porquê. Agora nem fazer nós vamos fazer. Então, vamos ficar naquela assim ó: pan pan, anotô, decorô, colô, passô, um beijo”.

A temática sobre a formação recebida pelos profissionais que hoje se responsabilizam pela educação dos alunos dos cursos de graduação em Educação Física em todo o País é bastante séria e relevante.

Todos temos consciência desta modernização e das mudanças urgentes que devem ser colocadas em prática na formação destes profissionais, e neste contexto atual, a corporeidade ganha ainda maior relevância, pois não existe possibilidades de se pensar em uma educação, em uma formação, em que o homem não seja visto e entendido na sua totalidade, isto em qualquer campo de atuação profissional, especialmente para o profissional de Educação Física, que deve estar preparado para trabalhar, entender e valorizar o corpo como o referencial principal de sua ação profissional.

Certamente, nesta importante reflexão não poderíamos deixar de citar o pensamento que segue:

“Lidando com o corpo e o movimento integrado na totalidade do ser humano, a Educação Física atua nas camadas mais profundas da personalidade, onde se formam os interesses, as inclinações pessoais, as aspirações, os desejos e os pensamentos. Ela busca, em última instância, a mudança de consciência”. (BRITO, 1996, p. 59)

Há outros aspectos a serem considerados nesta discussão, o relato do pesquisado “F” aponta outras preocupações:

Se eu analisar do que eu tive, para mim foi o suficiente, porque eu já tinha uma outra orientação desde aquela época.

Há de se ressaltar que todos os profissionais graduados nos cursos de Educação Física, senão de forma plena, mas de forma específica, recebem informações genéricas dos conteúdos pertinentes à formação docente nesta área, quando o mesmo será responsável pela educação de outras pessoas e o corpo, certamente, irá se constituir como um elemento fundamental neste processo, então não há como se conceber uma práxis da Educação Física sem a ação do corpo na sua totalidade.

Fica claro, nestes relatos, as diferentes oportunidades e interesses das pessoas envolvidas nos diversos níveis de formação nesta área e conforme já citado anteriormente.

“Lançam-se olhares para o enfoque holístico e/ou transpessoal no campo de ação da Educação Física, especialmente quando esta é dissociada do processo educativo, numa visão fragmentada. Dentro desta filosofia que tem por fim a valorização total do indivíduo, a educação e o educador devem dar-se conta da natureza do homem integral e da necessidade do conhecimento do seu aspecto interno e externo”. (SANTIM, 1987, p. 148)

A questão 8, a última aplicada com este grupo de participantes, abordava as dificuldades encontradas no entendimento e aplicação dos conceitos de corporeidade no curso de graduação em Educação Física da PUC PR.

Nesta abordagem a categoria de informação mais importante foi : **“Falta de conhecimentos aprofundados e oportunidades para o debate dos conceitos da corporeidade”**.

No relato dos pesquisados alguns pontos importantes foram ressaltados, como a deficiência na formação dos profissionais, já relatado anteriormente, mas há de se acrescentar ainda a falta de oportunidades de discussões sobre o tema, em função do pouco conhecimento adquirido, do estilo de formação recebida pelo professor e ainda o fator “tempo”, considerado escasso para encontros que pudessem auxiliar nestas dificuldades.

O pesquisado “D” em seu relato destaca:

... a falta de oportunidade de se discutir a respeito e que tem pessoas capacitadas para desenvolver este assunto, na casa, para você socializar, discutir...

Acrescenta ainda:

... a falta de conhecimento dos professores que não possibilita que você faça esta discussão a até em alguns momentos prejudique o teu discurso com os alunos, você acaba fazendo discursos isolados dos demais programas, quando deveria estar presente em vários programas. (“D”)

Evidencia-se aqui mais uma vez a falta de relação entre os conteúdos desenvolvidos nos programas de aprendizagem, ou senão, pelo menos a necessidade de um conhecimento mais aprofundado dos programas.

É certo que as concepções de corporeidade deveriam ser trabalhadas com as pessoas não só nos cursos superiores, mas quem sabe desde sua formação básica, onde o corpo fosse entendido e despertado para a sua compreensão global e não ficasse restrito apenas a meras atividades físicas e recreativas.

Diante destas considerações devemos lembrar FREIRE (1992, p. 21), “não creio que a Educação Física e o jogo sejam a única solução para os problemas pedagógicos, mas diante das características da criança na primeira infância, não há por que não valorizá-los”.

A concretização deste momento oportuno só se dará com uma Educação Física crítica e consciente da sua relação com a corporeidade, amplamente fundamentada nesta pesquisa.

A última categoria levantada nas entrevistas desenvolvidas com os professores, que diz respeito às dificuldades de aplicação dos conceitos foi: **“A visão pré conceitual em relação à Educação Física e ao corpo”**.

O pesquisado “C” comenta:

... é urgente despertar nos alunos essa questão de Educação Física, também trata do corpo da pessoa, não só nos aspectos fisiológicos, mas no contexto emocional, no aspecto do conhecimento do próprio corpo, nas possibilidades e limitações, na sua capacidade expressiva... eu vejo o pessoal da Educação Física muito mais preocupado com as questões fisiológicas.

O desenvolvimento desta área de formação, como já dito anteriormente, passou por diversas etapas na sua organização filosófica e pedagógica e mesmo com tantas mudanças e necessidades, a Educação Física contemporânea ainda busca uma identidade.

“O próprio conhecimento do corpo, que ela promove em seus cursos através de seus currículos é, na melhor das hipóteses, decepcionante. Além de não se poder compreender com propriedade o corpo humano e o homem por meio de estudos exclusivamente e setoriais ou isolados da Anatomia, Psicologia, Biometria, Fisiologia, Sociologia, etc..., estes estudos, por sua vez, são comprovadamente mal assimilados pelos estudantes, que não conseguem perceber muita relação entre as ciências e a sua futura atuação prática. Não se percebe qualquer sentido de totalidade”, (MEDINA, 1986, p. 88)

A técnica e a especificidade de alguns conteúdos, por mais amplos e interligados que estes possam parecer, ainda estão se desenvolvendo de forma isolada na formação profissional do curso, refletindo na postura e no valor dado à Educação Física pelos seus próprios agentes de manifestação, o que reforça o valor dos estudos e encontros que possam favorecer a consciência crítica dos profissionais e alunos desta área de conhecimento.

Os pré-conceitos da Educação Física e da corporeidade também vem se manifestar na cultura em que a sociedade interpreta e valoriza as ações da Educação Física.

O corpo, historicamente, já obteve diversas significações e ainda continua a receber rótulos e proibições; o pesquisado “F” analisa estas dificuldades sob o seguinte prisma:

Eu observo fundamentalmente o preconceitual que existe, que é uma certa restrição quanto à utilização e uso desta informação no seu aspecto prático, em muitos aspectos o que eu observo, o que eu sinto é que no lado masculino afetaria a

sua manifestação masculina, poderia ser afetado em relação a seus pares, os seus colegas...

Quando nos deparamos com estas questões pré conceituais e barreiras existentes na sociedade e até por alguns profissionais que atuam no mercado de trabalho, devemos tirar as máscaras e aceitar a condição de que ainda é necessário um avanço muito profundo para o entendimento da relação entre a corporeidade e a Educação Física.

Assim como é preciso rever determinadas concepções pessoais que muitas vezes são refletidas em nossa ação profissional e que de alguma forma vão interferir na educação das pessoas com que partilhamos nossos conhecimentos.

O gesto, a expressão, o movimento por excelência, são as concepções reais da corporeidade, mas a cultura e a consciência do valor destas concepções ainda podem estar restritas a compreensões e atitudes mecânicas, repetitivas e desprovidas de uma globalidade, pois qualquer movimento pressupõe vida e viver é manifestar-se livremente, sem barreiras ou contradições.

Vamos então citar BRITO (1996, p. 59), “o sentido real da Educação Física encontra seu suporte na concepção de homem como unidade corpo-consciência (espírito) em relação dialética com o mundo”.

Devemos lembrar MEDINA (1986, p. 34) que questiona, “formado o profissional - ou mesmo antes de completar o seu curso – vai como professor ou técnico em busca do mercado. E, contrapondo o seu lugar, procura desempenhar fielmente a função técnica que dele se cobra. Procura dar exatamente aquilo que se

pede a ele. Este é um traço do perfil generalizado do profissional de Educação Física no Brasil”.

Então, “o que é a verdade?... Anatole France considerava essa interrogação a mais profunda que ainda se formulou na terra. Na realidade, todas as demais questões dependem dela”. (DURANT, apud MEDINA, 1986, p. 37)

5.1.2 Dados da Comissão de Sistematização.

As questões desenvolvidas na entrevista com a Comissão de Sistematização, responsável pelo projeto pedagógico do curso de Educação Física da PUC PR levantou dados sobre o entendimento da corporeidade e a forma como esta foi contemplada no projeto pedagógico; das respostas obtidas, que aqui também vão identificadas com as siglas “V, K e E”, torna-se necessário evidenciar as categorias descritas a seguir.

“Corporeidade como manifestação da vida”.

Os participantes da pesquisa referiram-se à corporeidade também como um elemento indispensável no desenvolvimento do curso de Educação Física, visto que o conceito de corporeidade está relacionado diretamente com a própria vida e suas manifestações.

A vida entendida como a existência de uma pessoa está envolvida com ações e reações de caráter intelectual, físico, sensorial e espiritual, ou seja, com todas as

expressões da consciência humana, então é neste momento em que a relação da corporeidade pode ser entendida plenamente.

A pesquisada “V” declara:

... o homem é um corpo vivo, manifestando-se e fazendo-se cotidianamente.

Corporeidade é ser pessoa, não só matéria, mas matéria, espírito, corporeidade é vida!

É no homem que a Educação Física encontra sua razão de ser, é o humano que a sustenta. Repensando M. PONTY, apud SANTIM (1987), que afirma que o homem é corporeidade e como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença.

Já o entrevistado “K” referencia-se à corporeidade desta forma:

... um objeto vivo, não só mecânico e nem só químico, mas depende de todos estes fatores que interferem, ela precisa ser trabalhada em todas as reações satisfatórias.

Aqui a corporeidade pode estar sendo tratada como uma metáfora para a Educação Física. Rubem Alves diz que “se fica poeta quando se olha para uma coisa e se vê outra. É isso que tem o nome de metáfora”. (apud BRITO, 1996, p.164)

Então esta metáfora entre a Educação Física e corporeidade poderá ser a concretização de um novo tempo na graduação destes profissionais.

“ Enquanto os profissionais de Educação Física não abrirem os olhos procurando penetrar em sua realidade de forma concreta através da reflexão crítica e da ação, não serão capazes de promover conscientemente o homem a níveis mais

altos da vida, contribuindo assim com sua parcela para a realização da sociedade e das pessoas em busca de sua própria felicidade”. (MEDINA, 1996, p. 63-64)

A outra categoria compreendida foi : **“A corporeidade está contemplada no projeto pedagógico, mas não foi relevante na definição dos eixos norteadores”**.

A corporeidade, no relato dos pesquisados está contemplada no projeto pedagógico, como concepção, mas sem uma teorização do tema, o que poderia garantir a aplicação de seus conceitos com maior propriedade.

A corporeidade entendida e vivenciada nos seus aspectos filosóficos, teóricos e práticos, é certamente um referencial substancial para a Educação Física, pois se seus referenciais forem trabalhados nos programas do projeto pedagógico, sem um aprofundamento teórico necessário, propicia ao aluno e ao próprio professor um enfoque incompleto da importância do corpo, bem como das diversas expressões, as quais podem ser meios de educação na sociedade.

O participante “K” faz uma citação fundamental:

Nós não podemos pensar em formação de pessoas, formação de atletas, em qualidade de vida sem você relacionar com a corporeidade... ela não está contemplada como um fim, porque ela é um dos meios... a impressão que me dá é que é um fim a corporeidade, não é, ela faz parte do todo.

Relacionar a Educação Física com a corporeidade não é uma utopia, apenas é necessário melhores oportunidades e maiores interesses para a aplicação de seus conceitos, no podendo-se perder de vista as exigências da sociedade em que vivemos.

Quanto a esta temática a pesquisada “V”, declara:

O que interferiu claramente nestas decisões foi o tipo de intervenção que o profissional de Educação Física faz e o campo de trabalho, o mercado como está estruturado e a partir daí as diferentes intervenções que ele faz no mercado, o que o coletivo da sociedade necessita..

Para que possamos refletir com mais propriedade sobre a questão gostaria de citar um depoimento sobre o perfil do profissional esperado pela sociedade.

“O professor, em primeiro lugar, tem que ter o corpo digno do cargo, a aparência física é fundamental gente. O gordinho ou gordinha, não tem chances para trabalhar em uma academia. Não adianta ter essa conscientização toda... o que vale é a aparência mesmo!” (BRITO, 1996, p. 237)

Alguns discursos evidenciam com clareza as intenções e o modelo de corpo aparece reduzido apenas à dimensão daquilo que se espera dele. A estética e a beleza prevalecem e são colocados como sinônimos de saúde, reduzindo desta forma a ação educativa que propicia uma amplitude maior da consciência e das possibilidades da ação humana. (BRITO, 1996)

É oportuno citar MEDINA (1986, p. 86) que analisa o esporte de alto rendimento:

“Mas o que dizer da área da Educação Física que trata do esporte de alta competição? Não seria, neste caso, o desenvolvimento físico um fim em si mesmo? O que mais interessa não é a “performance”? O que interessa não é que os músculos sejam mais fortes, mais rápidos, mais resistentes, mais elásticos e mais

coordenados entre si para a realização dos movimentos mais precisos e eficientes?
Atingida esta meta, não seria o resto supérfluo”.

Não se pode negar a supremacia do esporte, seja de alto rendimento ou não, na Educação Física e nem há como dissociar as expressões técnicas de performance, com os componentes dos conceitos da corporeidade.

A busca do equilíbrio ou da superação de determinadas ações corporais físicas, é também uma forma deste corpo se manifestar. As dores, sofrimentos e privações podem em determinadas situações serem recompensadas pelos movimentos de auto-afirmação e aceitação de um resultado competitivo.

O que não se pode em nenhum momento é ter isto como meta única, separada e descontextualizada, pois o homem deverá estar sempre em primeiro lugar e como já relatado em momentos anteriores, o homem é corporeidade, que se revela como totalidade, onde um gesto está intimamente ligado ao outro.

Compreender o homem no seu todo, não fragmentado, mas associar a ação fisiológica, o movimento de performance, sem nunca esquecer a sua expressão de sentimentos, a dimensão espiritual é certamente o caminho para a superação de determinados pré-conceitos ou desvios da educação Física.

5.1.3 Dados dos alunos.

Foi realmente bastante gratificante a pesquisa realizada, através da aplicação de questionários, com os alunos do curso de Educação Física já envolvidos no projeto pedagógico.

Em primeiro lugar gostaria de ressaltar a atenção dada ao tema quando o abordei com os alunos, as questões da corporeidade, onde tivemos a oportunidade de vivenciar algumas dinâmicas corporais na prática e em seguida contextualizá-las com as discussões dos resultados.

Muito mais me impressionou, positivamente, quando relatei minha intenção em realizar a pesquisa com o grupo, com o objetivo de perceber aqueles que demonstrariam interesse nesta participação, o que era um dos critérios metodológicos para a escolha dos participantes.

A grande maioria dos alunos, além de demonstrar interesse, em seguida, fizeram comentários sobre suas expectativas e necessidades no aprofundamento destas questões relativas à corporeidade.

Percebi desta forma o valor do trabalho que me propus a realizar, a profundidade com que esta temática merece ser estudada e desenvolvida e ao mesmo tempo, a responsabilidade que passava a ter com este grupo de profissionais, de forma particular.

Com o desenvolvimento de nossas atividades, no programa de aprendizagem que trata das possibilidades de ações lúdicas, que estou desenvolvendo neste

momento com este grupo de alunos fui percebendo ainda mais as relações práticas do estudo que estava desenvolvendo e desta forma posso relatar, com toda a consciência e tranquilidade que a corporeidade é “verdadeiramente” uma temática central da Educação Física.

Os questionários foram aplicados em momentos diferentes com os alunos do turno da manhã e da noite e os resultados obtidos passo a relatar a partir deste momento.

O relato das respostas será apresentado através de quadros referenciais que vão apontar palavras e pensamentos comuns dos participantes da pesquisa, além de algumas respostas descritivas individuais, as quais considero de extrema relevância estarem contidas nesta dissertação.

Utilizando a mesma estratégia das entrevistas, as respostas individuais estarão identificadas com as siglas “H,S,K e J”.

QUADRO 1 – Categorias de conceitos da corporeidade, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUC PR.

CATEGORIAS	Nº
• Consciência corporal	5
• Expressão do corpo	12
• Valores do corpo (sócio-cultural)	5
• Movimentos do corpo	4
• Limites e repressões do corpo	4
• Linguagem	2
• Comunicação (instrumento)	2
• Totalidade (corpo e mente)	2
Total	36

As concepções sobre corporeidade descritas pelos alunos pesquisados estão bastante similares às apresentadas pelos grupos de docentes entrevistados.

O pesquisado “H”, descreve corporeidade desta forma:

É uma consciência do corpo, não somente dos aspectos anatômicos, biomecânicos, fisiológicos ou biológicos, mas uma compreensão de seu próprio corpo, expressando-o de diversas maneiras. Trata-se de um aspecto sócio-cultural, uma valorização do corpo.

A compreensão do corpo em sua totalidade está implícita na cultura da sociedade, uma depende da outra e isto nos remete a relembrar STUMP (1999, p. 120), que diz, ” o movimento humano não é qualquer movimento, mas sim um específico e pleno; o movimento humano, que é social e culturalmente construído e, como tal, precisa ser analisado em toda sua totalidade, ou seja, como resultante da interação de seus componentes biológicos, psicológicos e sócio-culturais”.

Diante desta visão torna-se oportuno destacar um segundo relato:

Corporeidade é a consciência que as pessoas deveriam ter em relação ao seu corpo, é a consciência que as pessoas ainda não tem, mas que através dos professores de Educação Física, iriam quebrar este tabu que a sociedade nos impõem, de não expressar suas vontades através do corpo. (“S”)

Aí está a responsabilidade de nossa profissão, sermos profissionais presentes ou futuros qualificados para esta transformação na sociedade em que atuamos e vivemos.

QUADRO 2 - Programas de Aprendizagem que contemplam a questão da corporeidade, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUC PR.

PROGRAMA DE APRENDIZAGEM	Nº
1º Período	
• Movimentos naturais do corpo humano	20
• Teoria e prática do desporto individual – Atletismo	12
• Estruturas e funcionamento do Lazer	9
• Evolução histórica do Lazer	3
• Evolução histórica da Educação Física	2
• Evolução histórica do Desporto	1
• Informática	1
2º Período	
• Manifestações da cultura corporal: jogos e brincadeiras	16
• Manifestações da cultura corporal: atividades ritmicas e expressivas	9
• Homem e sociedade: aspectos antropológicos	2
• Homem e sociedade: aspectos sociológicos	3
• Corporeidade humana: bases anatômicas	1
• Corporeidade humana: bases biológicas	1
Outros	
• Psicologia	4
• Danças	1
• Pesquisas	1
Total	86

É importante ressaltar que as categorias apresentadas na classificação “outros” do quadro, não são contempladas como programas específicos no curso, mas devem estar incluídas como terminologias e foram entendidas desta forma pelos alunos.

QUADRO 3 - Sugestões sobre como trabalhar a corporeidade no currículo atual, segundo os alunos do curso de Educação Física da PUC PR.

SUGESTÕES	Nº
• Aulas práticas	10
• Aulas teórico-práticas	6
• Expressão corporal (dinâmicas)	5
• Quebra de pré-conceitos	4
• Estágios (atuação prática)	3
• Projetos	1
• Dinamizar as aulas teóricas	1
• Explicações mais detalhadas (aprofundamento)	1
• Mudança de postura do professor	1
• Ideal, até o momento	1
Total	33

Para se entender com maior clareza as respostas descritas nesta questão, seria oportuno verificarmos o relato do pesquisado “K”:

... no currículo atual, a corporeidade pode ser trabalhada com mais ênfase, pois os conhecimentos adquiridos sobre a corporeidade na sociedade visualiza somente a visão do corpo, sem pensar na corporeidade como corpo e mente.

Fica evidente mais uma vez que mesmo com as propostas de mudanças do projeto pedagógico, ainda torna-se necessário uma reflexão qualitativa sobre os conteúdos e metodologias aplicadas na formação do profissional da área, bem como das oportunidades que estão sendo oferecidas para os docentes e alunos a discutirem estas questões do corpo na sociedade.

Mas é também importante ressaltar que, “as instituições não mudarão se as pessoas que as constituem não mudarem”. (MEDINA, 1986, p.22)

Ainda sobre as sugestões apresentadas para o trabalho da corporeidade o pesquisado “J” faz as seguintes considerações:

... acho interessante ser trabalhado mais na prática, para que em primeiro lugar, nós futuros professores, consigamos nos sentir bem, para mais tarde conseguir passar para os outros. É necessário ter essa segurança pessoal, para poder trabalhar mais fundo essas questões, fugindo um pouco das regras impostas pela sociedade.

Esta descrição do pesquisado, está condizente com as preocupações apresentadas pelos docentes entrevistados sobre as dificuldades da aplicação dos conceitos da corporeidade nos programas de aprendizagem, pois como já foi ressaltado, as barreiras exercidas sobre o corpo humano, bem como as necessidades de um conhecimento mais adequado destes conceitos nos professores que vão formar os alunos nos cursos de graduação são semelhantes, desta forma a união de esforços seria uma grande meta.

Parece que as sugestões dos alunos estão relacionadas diretamente com suas necessidades e se confrontam com as ansiedades e propostas dos profissionais responsáveis pela sua formação.

Neste sentido é importante destacar a opinião de BRITO (1996, p.243), “uma prática sem sentido remete a um distanciamento por parte do aluno; ou seja, quando a prática não tem um sentido para as pessoas que a utilizam elas a abandonam, mesmo que exista um sentido para o professor, mas este não conseguiu transmiti-lo ao aluno”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa encontra-se, certamente, em um momento máximo de expansão e interação com o meio em que se desenvolveu, digo isto porque cada novo argumento que contemplo e traduzo como fundamento para meus estudos, me sinto ainda mais próximo do tema de estudo e conseqüentemente me motiva a buscar maiores referenciais para sua defesa.

Desde os primeiros resumos e análises, elaborados durante o Curso de Mestrado e os questionamentos suscitados por estas abordagens, passando então pela definição do foco de estudo até chegar a este ponto.

Depois de toda a caminhada com suas fundamentações teóricas, com obras de extremo significado e da pesquisa de campo que revelou aspectos profissionais e sociais bastante “urgentes” de aprofundamentos e transformações para a área da Educação Física, de forma especial.

As considerações a respeito da pesquisa devem ser entendidas como possíveis contribuições para a evolução do quadro atual da educação e da Educação Física, de forma particular, além da possibilidade de uma mudança de paradigma a respeito do corpo nos meios profissionais e sociais em que estarão atuando os futuros e “emergentes” profissionais da área.

Cabe ressaltar que as análises realizadas neste estudo estão baseadas na concepção do autor da pesquisa sobre corporeidade, com ênfase à humanização na formação do profissional de Educação Física.

Outro aspecto refere-se ao fato do autor pertencer ao mesmo corpo docente do curso, objeto do estudo, o que pode ter limitado a análise das questões investigadas.

Para um melhor encaminhamento destas considerações, cabe aqui retomar o problema da pesquisa: **“ Como o novo projeto pedagógico do curso de Educação Física da PUC PR, pretende favorecer a formação para a consciência da corporeidade”**.

Ao refletir e analisar o problema da pesquisa torna-se ímpar o momento para se manifestar a primeira consideração do trabalho, a corporeidade é um elemento básico e fundamental na formação do profissional de Educação Física qualificado ao mercado de trabalho atual e à sociedade como um todo.

Históricamente, a evolução do corpo passou pelos serviços prestados às ideologias, através das guerras e religiões, também como elemento estético e de serviço no mercado de consumo e ainda como instrumento para as competições esportivas de alto índice técnico.

O repensar do corpo no contexto cultural em que está inserido, bem como os seus movimentos e expressões dão uma nova identidade à Educação Física, a qual deve ter no homem o seu fundamento básico, pois conforme SANTIM (1987), é o humano que sustenta e alicerça a Educação Física e é neste mesmo homem que ela encontra sua verdadeira razão de ser.

A identidade da Educação Física deve conceber o homem como uma unidade, como totalidade e através das concepções da corporeidade, como movimento, gesto ,

linguagem e expressão com criatividade; propiciar a este homem a consciência para viver a sua corporeidade com equilíbrio e beleza.

Como já citado na fundamentação, é muito importante relembrar um dos enunciados mais belos 'e significativos' de toda a pesquisa, "o homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora". (SANTIM, 1987, p. 26)

Nesta consideração há de se revelar um homem que não "tenha" apenas um corpo, mas que "seja" um corpo e que viva o seu corpo em seu trabalho, nas suas horas de lazer, com harmonia, arte e até como espetáculo, quando assume possibilidades técnicas ou gestuais que possam encantar a quem o percebe.

A Educação Física deve ser questionada e entendida pela sociedade em todas as suas dimensões, há de se perceber como ela aparece na escola, como se situa na vida das pessoas e qual o valor que recebe nos contextos culturais.

É necessário também analisar como são constituídos os seus currículos, com que base se selecionam seus conteúdos e como se praticam certos exercícios ou ações práticas.

“ Como está situada a Educação Física, em primeiro lugar, nas instituições educacionais e, em segundo lugar, nas instituições esportivas e de lazer? Por que a Educação Física fica dentro das escolas, mais ou menos estanque às demais atividades educativas? Ela aparece como um acréscimo ou um apêndice do projeto educacional escolar. Alguns alunos ou estudantes são dispensados. Por quê? Não haveria na Educação Física espaço para esses indivíduos? E no desporto, a

Educação Física tem a função exclusiva de proporcionar ao atleta rendimentos?”

(SANTIM, 1987, p. 42)

Tais questionamentos tem relação também com a filosofia da educação do homem em seu contexto geral, onde há de se repensar sobre as relações da educação e da sociedade, alguns conceitos de educação emergem neste momento.

Conforme SAVIANI, apud MEDINA (1986, P. 47) educação é “o processo de promoção do ser humano que, no caso, significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da comunicação e colaboração entre os homens”.

Todos sabemos que os discursos não estão coerentes com a prática, pois o eixo de aprendizagem dos alunos passou da área humana para as tecnológicas ou profissionalizantes, onde pouco se ensinam das línguas e filosofias, reduzindo o conhecimento aos aspectos matemáticos, físicos, químicos, biológicos e hoje ainda com muito mais ênfase aos tecnológicos, como a informática.

Não trata-se de desvalorizar estes conhecimentos ou colocá-los em segundo plano, mas o que não se pode admitir é, em determinadas filosofias, escolas e sociedades, estes serem os únicos ou os primeiros valores a serem formados.

“ Os alunos já sabem que precisam de ciências e não de poesia”. (SANTIM, 1987, p.47)

Na Educação Física, de forma particular, os currículos continuam a privilegiar os aspectos físicos e práticos sobre os temas intelectuais, psíquicos e

sociais e até em determinados casos percebe-se uma certa aversão ao teórico e à reflexão crítica, e mais grave ainda é verificar que a sensibilidade e o humano não são contempladas com o mesmo grau de importância nas ações e regulamentos da Educação Física.

O resgate do humano pode se dar através de atividades que nos traduzam a sensibilidade.

“O homem só se torna completamente humano quando brinca”, (LORENZ, apud SANTIM, 1987, p. 81)

O lúdico, que é o brincar por excelência, não está no centro das atividades humanas, está situado na esfera do simbólico e da magia, podendo ser um momento extra, uma recompensa ou ainda um sentido para o homem.

Volta-se a confirmar o resgate dos aspectos humanos e sensíveis na educação e na Educação Física, pois é dentro do contexto escolar que se formam as diversas capacidades e habilidades pessoais que irão atuar nos diversos campos profissionais que constituem a sociedade em que vivemos.

Sobre a escola podemos afirmar:

“ Sem maiores comprometimentos com a verdadeira natureza do ser humano e, portanto sem maiores preocupações com os aspectos mais significativos do seu crescimento, pouco contribuem para que os alunos se realizem como pessoas, embora, às vezes, auxiliando-os em sua formação profissional”. (MEDINA, 1986, p. 40)

A respeito da Educação Física e a corporeidade, para defender esta rica consideração, podemos refletir, que “é só entendendo o corpo na posse de todas as suas dimensões. Diante de todas as suas potencialidades é que o profissional de Educação Física poderá realizar um trabalho efetivamente humanizante”. (MEDINA, 1986, p.63)

Outra consideração importante a ser destacada, é que o projeto pedagógico do curso, através dos conceitos e conteúdos desenvolvidos em alguns programas específicos, favorece a consciência para a corporeidade, mas é necessário um aprofundamento em suas concepções, bem como um preparo mais qualificado dos docentes responsáveis pela formação dos futuros profissionais da área.

Diante das respostas obtidas, tanto quanto com o grupo de alunos, como com os docentes e a Comissão de Sistematização, ficou evidente que a corporeidade é um conceito básico e que está contemplada em diversos programas do projeto pedagógico.

É necessário então, através de uma análise mais aprimorada perceber de forma concreta, como criar maiores possibilidades de ação para trabalhar a corporeidade na graduação do aluno e para tanto sugere-se:

- Projetar a possibilidade de um programa que tratasse do tema com profundidade, tanto nos aspectos teóricos como práticos.
- Incluir o conteúdo corporeidade em diversos programas do curso, a fim de que o tema fosse abordado com maiores comprometimentos, tanto nos aspectos teóricos ou práticos.

- Ressaltar a “urgente” oportunidade a ser dada a todos os profissionais que atuam no projeto pedagógico para que pudessem conhecer, discutir e se apropriar dos conceitos da corporeidade, para que, como referenciado pelos próprios participantes tivessem a possibilidade de adquirir novos e maiores conhecimentos sobre o tema, e desta forma, pudessem trabalhar com maior aprofundamento a “corporeidade” pessoal e do grupo de alunos, com os quais estão envolvidos.

“ Quem faz a Educação Física são as pessoas nela envolvidas de uma forma ou de outra, Assim, as finalidades, os objetivos, os conteúdos, os métodos e o próprio conceito desta disciplina são condicionados pelo grau de consciencia individual e coletiva dos que trabalham nesta área da atividade humana”.
(MEDINA, 1986, p. 73)

A Educação Física é uma área do conhecimento que está interligada a tantas outras na esfera da construção humana. Não é só o caráter educacional que deve ser levado em conta, mas não há como dissociar as suas ações da formação integral de cada indivíduo.

Há de se pensar nas olimpíadas, a qual estamos apreciando neste raro momento de nossa existência e quando nos defrontamos com pessoas preparadas, ou pelo menos, em busca de índices e resultados que muitas vezes superam suas capacidades humanas, é necessário uma reflexão ainda mais profunda.

A corporeidade também está presente neste momento e nestas ações, pois os gestos técnicos, a vibração, a expressão dos fortes sentimentos e a “beleza” dos movimentos que somos privilegiados a contemplar, tudo isto, nos remete à

corporeidade, ou seja, aos valores e sentidos do corpo e da atividade física no universo.

“ Mesmo no caso do esporte de alta competição, onde os objetivos se voltam para o rendimento e o resultado, a vida mais plena do homem não pode, em hipótese alguma, ficar comprometida”. (MEDINA, 1986, p.63)

Esta reflexão nos leva a relembrar o discurso realizado sobre as ações das nadadoras em uma competição olímpica e as relações com o tempo (ver p. 26-27 desta pesquisa) e nos traz a possibilidade de uma análise do texto abaixo, que vem completar o pensamento citado durante a fundamentação:

“ Mas continuo sem saber o que se pode fazer com um centésimo de segundo. Para um beijo não chega, e nem para um gole de vinho. Também não é suficiente para se cheirar uma flor e nem mesmo para dizer “amor”. Mas é certo que deve haver algo que se possa fazer com ele”. (BRUHNS, 1994, p. 38)

Estar disposto e preparado para mudanças, neste caso, estamos falando intimamente das concepções da corporeidade no curso de graduação em Educação Física da PUC PR, é um ato de coragem.

A corporeidade contemplada nos programas, como relatado pelos pesquisados pode ser desenvolvida com maior aprofundamento, colocando em prática o conhecimento, a sensibilidade, a consciência que dispomos e mais ainda, a vontade de buscar maiores referenciais ou até de aprender novos conceitos que possam garantir a formação de um profissional mais criativo, consciente e humano.

A última consideração a ser analisada neste trabalho de pesquisa, diz respeito ao próprio pesquisador. Quando decidi realizar este trabalho sobre os conceitos da corporeidade, acreditava ter referenciais teóricos e práticos que facilitariam a minha tarefa, e até em alguns momentos consegui verificar esta relação, especialmente quando fazia a associação da minha ação corporal com a fundamentação teórica.

A cada leitura, uma nova descoberta, a cada relato, um novo compromisso, a cada palavra escrita, um passo para o meu crescimento... e a emoção.

A consideração final desta pesquisa está certamente na descoberta de quanto eu me tornei mais humano e sensível em relação aos “corpos”, ao meu corpo, ao corpo dos meus alunos, ao corpo dos atletas que admiro ou que me confronto e principalmente ao corpo da Educação Física, minha arte e minha profissão.

MEDINA (1986, p. 24) já afirmava... “O homem só pode crescer – isto é, ser cada vez mais – através da expansão gradual e contínua da percepção de si em relação a si mesmo, em relação aos outros, em relação ao mundo”.

Aceitar este conceito é concordar com o filósofo Maurice Merleau Ponty, quando diz “a consciência é percepção e percepção é consciência”. (MEDINA, 1986, p. 23)

Como parte de um coletivo que busca, incessantemente, a melhoria da qualidade na formação dos alunos do curso de Educação Física da PUC PR, preciso admitir que a percepção está mais aguçada e a consciência despertou e é desta forma que gostaria de contribuir, de forma profissional e pessoal, com meus colegas docentes, com meus alunos, com as pessoas que pensam e dirigem o projeto

pedagógico, tendo sempre a noção da importância de criticar e defender posições e da mesma forma revê-las com humildade diante de novas e melhores alternativas

Esta pesquisa despertou a necessidade de um maior aprofundamento dos estudos deste tema e suas relações com a Educação Física, esta necessidade deve tornar-se uma meta futura para o crescimento do meu aprendizado e da minha graduação.

Após todo este percurso há só mais um dado a acrescentar, a necessidade que todos temos de assumir verdadeiramente nossas ações, palavras e responsabilidades, pois só desta maneira poderemos contribuir efetivamente para a melhoria do “homem”.

Finalizando, gostaria de citar MEDINA (1986, p. 29), “ quem decide em favor da vida tem que “mergulhar” nela em sua totalidade. E quem decide mergulhar não pode esperar molhar apenas uma parte do seu corpo. Quem mergulha, molha-se “inteiro”. Ou se acredita no homem ou não se acredita”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Hugo. **Metáforas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba, SP : Unimep, 1996.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1995.
- BERGE, Ivonne. **Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988
- BERTHERAT, Thérèse. **As estações do corpo**. Paris, França : Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- BRASIL, **Portaria Ministerial nº 448, de 21 de novembro de 1983**. Estabelece a regulamentação para o funcionamento do curso de Licenciatura em Educação Física.
- BRITO, Carmem Lucia Chaves de. **Consciência corporal : repensando a Educação Física**. Rio de Janeiro : Ed. Sprint, 1996.
- BRUHNS, Heloísa T. (Org.) et. al. **Conversando sobre o corpo**. Campinas, SP Ed. Papirus, 1994.
- _____. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, SP : Ed. UNICAMP, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 5.ed. São Paulo : Ed. Ática, 1995.
- CUTRERA, Juan C. **Recreação**. Florianópolis : Ceitec, 1993.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. Ed. São Paulo : Ed. Atlas, 1989.
- DI BIASE, Francisco. **O homem holístico: a unidade mente-natureza**. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 1995.
- FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo : Ed. Cortez, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 1987.

- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. 3. Ed. São Paulo : Ed. Scipione, 1992.
- GADAMER – VOGLER. **Nova antropologia**. São Paulo : E.P.U., 1977.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000.
- GHIRADELLI, Paulo Junior. **O que é pedagogia**. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo : Ed. Atlas, 1994.
- GIMENO, J. **El curriculum : una reflexion sobre lá practica**. Madrid: Morata, 1988.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 2. Ed. Campinas, SP : Ed. Papirus, 1997.
- GUIRAUD, Pierre. **A linguagem do corpo**. São Paulo : Ed. Ática, 1991.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, São Paulo : Edusp, 1971.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. Curitiba : Ed. Champagnat, 2000.
- IWANOWICZ, Bárbara. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, Heloísa T. (Org). **Conversando sobre o corpo**. 5.ed. Campinas, SP : Ed. Papirus, 1994.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1990.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo : Livraria Pioneira, 1992.
- _____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo : Ed. Cortez, 1996.
- KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In : BRUHNS, Heloísa T. (Org.). **Conversando sobre o corpo**. 5. Ed. Campinas, SP : Ed. Papirus, 1997.

- KOLYNIAC filho, Carol. **A Educação Física como disciplina no ensino de terceiro grau: em busca de uma metodologia voltada para a aquisição de conceitos científicos sobre o corpo e a motricidade.** São Paulo, 1993.
- LACERDA, Yara. **Atividades corporais: o alternativo e o suave na Educação Física.** Rio de Janeiro : Ed. Sprint, 1995.
- LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.
- LORENZ, Conrad. **A demolição do homem.** São Paulo : Ed. Brasiliense, 1986.
- LOWEN, Alexander. **O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade.** 3.ed. São Paulo: Ed. Summus, 1983.
- MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”.** 5 ed. Campinas : Papyrus, 1996.
- MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo : Ed. Freitas Bastos, 1971.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo : Ed. Hucitec, 1992.
- MOREIRA, Wagner W. (Org.). **O corpo presente.** Campinas, SP : Ed. Papiros, 1995.
- OLIVEIRA, Antonio Q. **Propostas para o planejamento estratégico 2000-2010 na PUC PR.** Curitiba : Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1999.
- PEREIRA, Marcos V. **A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor.** São Paulo : 1996 (tese – doutoramento) PUC SP.
- RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio Ramos. **Comunicação do corpo.** 2.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- ROCHA, Ruth. **Minidicionário.** São Paulo : Scipione, 1996.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade.** Ijuí : Livraria Unijuí, 1987.

SCHILLER, Friederich. **A educação estética do homem**. Trad.: Roberto Schwartz e Márcio Suzuri. São Paulo : Ed. Iluminuras, 1990.

STUMPF, Jussara M. A Educação Física escolar na perspectiva da cultura corporal. In : **Secretaria da Educação. Padrão referencial de currículo**, 1995.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 1986.

VAGO, Tarcísio M. **O ensino da Educação Física em face da nova L.D.B. In : Colégio Brasiliense de ciência do esporte (Org.)**. Educação Física escolar frente à L.D.B. e aos P.C.N.s : profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí : Ed. Sedigraf, 1997.

VILAR, A. Matos. **Currículo e ensino para uma prática teórica**. Portugal : Edições Asa, 1994.

VYGOTSKI, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo : Martins Fontes, 1989.

**ANEXO I - QUESTIONÁRIO COM ALUNOS DO 2º PERÍODO DO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.**

- 1 . O que você entende por “Corporeidade”?
- 2 . Quais os programas (aptidões ou temas) que contemplam a questão da corporeidade?
- 3 . Na sua opinião, como a corporeidade pode ser trabalhada no currículo atual?

**ANEXO II - ENTREVISTA COM A COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO DO PROJETO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA PUC PARANÁ.**

- 1 . O que entendem por Corporeidade?
- 2 . A corporeidade foi (é) contemplada nas discussões coletivas sobre a proposição do novo projeto pedagógico do curso de Educação Física?
- 3 . Como foram contempladas as questões da corporeidade no novo projeto pedagógico do curso de Educação Física?
- 4 . Consideram que a definição das áreas de aprofundamento no curso de Educação Física, levou em conta a concepção da corporeidade? Porquê?

**ANEXO III - ENTREVISTA COM OS DOCENTES DO 1º E 2º PERÍODO DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA PARANÁ.**

- 1 . O que entende por Corporeidade?
- 2 . Como percebe a relação entre a Educação Física e a corporeidade?
- 3 . Qual a importância da Corporeidade na formação do profissional de Educação Física?
- 4 . Considera que o novo projeto pedagógico contempla a Corporeidade na formação do profissional de Educação Física?
5. No programa de aprendizagem que você atua está sendo efetivado a concepção da Corporeidade na formação do profissional? Justifique a sua resposta.
- 6 . Em que outros programas você considera que será (está sendo) efetivado a concepção da corporeidade na formação profissional.
- 7 . Você teve oportunidade na sua formação profissional, de aprofundar seus conhecimentos a respeito das concepções da corporeidade?
- 8 . Quais as dificuldades encontradas para o entendimento e a aplicação dos conceitos de corporeidade?

ANEXO IV – PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM DO NÚCLEO BÁSICO

- Programa de Aprendizagem 1** - Evolução Histórica da Educação Física, Desporto e Lazer.
- Programa de Aprendizagem 2** - Investigação e Produção de Textos em Educação Física, Esporte e Lazer.
- Programa de Aprendizagem 3** - Estrutura e Funcionamento do Desporto, Centros de Atividade Física e de Lazer.
- Programa de Aprendizagem 4** - Corporeidade Humana – Bases Anatômicas.
- Programa de Aprendizagem 5** - Corporeidade Humana – Bases Biológicas
- Programa de Aprendizagem 6** - Corporeidade Humana – Bases Neuro Funcionais.
- Programa de Aprendizagem 7** - Homem e Sociedade: Aspectos Antropológicos e Sociológicos no campo do conhecimento da Educação Física
- Programa de Aprendizagem 8** - Seminário de Trabalho de Conclusão do curso de graduação em Educação Física.

Programas de Aprendizagem Complementares :

- Cultura religiosa;
- Processos do Conhecer;
- Antropologia Filosófica;
- Ética;
- Projetos Comunitários;

ANEXO V – PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM DO NÚCLEO ESPECÍFICO

- Programa de Aprendizagem 1** - Bases Teórico-Metodológicas aplicadas à Educação Física;
- Programa de Aprendizagem 2** - Crescimento e Desenvolvimento
- Programa de Aprendizagem 3** - Bases da Cinesiologia e Biomecânica, aplicadas à Atividade Física,
- Programa de Aprendizagem 4** - Movimentos Naturais do Corpo Humano;
- Programa de Aprendizagem 5** - Teoria e Prática do Desporto Individual – Atletismo;
- Programa de Aprendizagem 6** - Manifestações da Cultura Corporal: Jogos, brincadeiras, Atividades Rítmicas e Expressivas.
- Programa de Aprendizagem 7** - Teoria e Prática dos Desportos Coletivos : Basquetebol;
- Programa de Aprendizagem 8** - Teoria e Prática dos Desportos Coletivos : Voleibol;
- Programa de Aprendizagem 9** - Teoria e Prática dos Desportos Coletivos : Handebol;
- Programa de Aprendizagem 10** - Teoria e Prática dos desportos Coletivos: Futebol de Campo e Futsal
- Programa de Aprendizagem 11** - Teoria e Prática da Natação

Programa de Aprendizagem 12 - Aprendizagem e Controle Motor;

Programa de Aprendizagem 13 - Bases Fisiológicas aplicadas à Atividade Física.

Programa de Aprendizagem 14 - Bases estatísticas aplicadas à análise Quantitativa e Cineantropométrica;

Programa de Aprendizagem 15 - Bases teóricas e metodológicas aplicadas à análise Quantitativa e Cinetropométrica;

Programa de Aprendizagem 16 - Emergências em Educação Física;

Programa de Aprendizagem 17 - Educação Física para Portadores de Necessidades Especiais;

Programa de Aprendizagem 18 - Epidemiologia da Atividade Física, Desporto e Lazer;

Programa de Aprendizagem 19 - Nutrição Humana;

Programas de Aprendizagem Complementares:

- Teoria e Prática das Ginásticas de Competição;

**ANEXO VI – PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM DOS EIXOS DE
APROFUNDAMENTO – EIXO 1**

Programa de Aprendizagem 1 - Teoria e prática da Pesquisa em Biologia e Psicologia da Educação e Construção Docente;

Programa de Aprendizagem 2 - Teoria e prática da pesquisa em História da Educação, Legislação do Ensino e Construção da Ação Docente;

Programa de Aprendizagem 3 - Teoria e prática da pesquisa em Didática e Construção da Ação Docente;

Programa de Aprendizagem 4 - Implicações Metodológicas das Áreas de Conhecimento e Construção da Ação Docente;

Programa de Aprendizagem 5 - Construção da Ação Docente.

**ANEXO VII – PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM DOS EIXOS DE
APROFUNDAMENTO – EIXO 2**

- | | | |
|-----------------------------------|---|---|
| Programa de Aprendizagem 1 | - | Organização do desporto e da
Atividade Física; |
| Programa de Aprendizagem 2 | - | Treinamento Desportivo; |
| Programa de Aprendizagem 3 | - | Psicologia do Desporto; |
| Programa de Aprendizagem 4 | - | Teoria e Prática das Artes
Marciais (Luta); |
| Programa de Aprendizagem 5 | - | Teoria e Prática dos
Desportos Aquáticos; |

ANEXO VIII – PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM DOS EIXOS DE APROFUNDAMENTO – EIXO 3

Programa de Aprendizagem 1 - Gestão e Legislação do
Desporto, dos Centros de Atividade Física e Lazer;

Programas de Aprendizagem Complementares:

- Atividades de Academia;
- Atividade Física para Clientes Especiais;
- Atividade Física na fase Adulta e Velhice;
- Lazer Comunitário.